CAMILLO CASTELLO BRANCO
OBRAS

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas a margem em varios livros da sua biblioteca,* recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria,* por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo.

Poesias dispersas de Camillo Castello Branco — 1 vol. de 247 pags. em papel de linho nacional. Tiragem 48 exemplares.

Hosanna! Por Camillo Castello Branco. Fiel reprodução zincografica da 1.ª edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Os pundonores desagravados, por Camillo Castello Branco. Reprodução como acima da 1.ª edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Prefacio da 1.ª edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco.

COLLECÇÃO ECONOMICA

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A Daudet.
2 — Esgotado.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — Esgotado.
5 — Esgotado.
6 — Esgotado.
7 — Esgotado.
8 — Esgotado.
9 — Esgotado.
10 — Esgotado.
11 — Esgotado.
12 — Esgotado.
13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Esgotado.
15 — Esgotado
16 — Esgotado
17 — Esgotado.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.
19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.
21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — Camilla, por G. Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Esgotado.
27 — Esgotado
28 — Esgotado.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
31 — Esgotado.
32 — A Evangelista, por Daudet

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

LXXVI

THEATRO

I

VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1 — Coisas espantosas.
N.º 2 — As tres irmans.
N.º 3 — A engeitada.
N.º 4 — Doze casamentos felizes.
N.º 5 — O esqueleto.
N.º 6 — O bem e o mal.
N.º 7 — O senhor do Paço de Ninães.
N.º 8 — Anathema.
N.º 9 — A mulher fatal.
N.º 10 — Cavar em ruinas.
N.ºs 11 e 12 — Correspondencia epistolar.
N.º 13 — Divindade de Jesus.
N.º 14 — A doida do Candal.
N.º 15 — Duas horas de leitura.
N.º 16 — Fanny.
N.ºs 17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
N.ºs 20 e 21 — Horas de paz.
N.º 22 — Agulha em palheiro.
N.º 23 — O olho de vidro.
N.º 24 — Annos de prosa.
N.º 25 — Os brilhantes do brasileiro.
N.º 26 — A bruxa do Monte-Cordova.
N.º 27 — Carlota Angela.
N.º 28 — Quatro horas innocentes.
N.º 29 — As virtudes antigas — Um poeta portuguez... rico!
N.º 30 — A filha do Doutor Negro.
N.º 31 — Estrellas propicias.
N.º 32 — A filha do regicida.
N.ºs 33 e 34 — O demonio do ouro.
N.º 35 — O regicida.
N.º 36 — A filha do arcediago.
N.º 37 — A neta do arcediago.
• 38 — Delictos da Mocidade.
N.º 39 — Onde está a felicidade.
N.º 40 — Um homem de brios.
N.º 41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
N.ºs 42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
N.ºs 45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
N.ºs 47 e 48 — O judeu.
N.º 49 — Duas épocas da vida.
N.º 50 — Estrellas funestas.
N.º 51 — Lagrimas abençoadas.
N.º 52 — Lucta de gigantes.
N.ºs 53 e 54 — Memorias do carcere.
N.º 55 — Mysterios de Fafe.
N.º 56 — Coração, cabeça e estomago.
N.º 57 — O que fazem mulheres.
N.º 58 — O retrato de Ricardina.
N.º 59 — O sangue.
N.º 60 — O santo da montanha.
N.º 61 — Vingança.
N.º 62 — Vinte horas de liteira.
N.º 63 — A queda d'um anjo.
N.º 64 — Scenas da Foz.
N.º 65 — Scenas contemporaneas.
N.º 66 — O romance d'um rapaz pobre.
N.º 67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
N.º 68 — Noites de Lamego.
N.º 69 — Scenas innocentes da comedia humana.
N.ºs 70 e 71 — Os Martyres.
N.º 72 — Um livro.
N.º 73 — A Sereia.
N.º 74 — Esboços de apreciações litterarias.
N.º 75 — Cousas leves e pesadas.
N.º 76 — Theatro: — I Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

THEATRO

I

AGOSTINHO DE CEUTA

Drama em 4 actos

QUARTA EDIÇÃO EMENDADA

O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS

Drama em 5 actos e epilogo

TERCEIRA EDIÇÃO EMENDADA

1908

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

PERSONAGENS

INFANTE D. PEDRO
AGOSTINHO DE CEUTA
D. MANOEL DE MELLO
DUQUE DE CADAVAL
FR. GARCIA DE MELLO—Inquisidor geral
FR. BERNARDO DE SANTA JUSTA—2.º Inquisidor
FR. LUIZ DAS CHAGAS—Escrivão da Puridade
FR. AMARO VIEIRA — Familiar do Santo officio
HENRIQUE DE MIRANDA / CONDE DE CASTELLO MELHOR — Ministro da privança de Affonso VI
D. LEONOR DE MELLO
SOROR CONSTANÇA DA NATIVIDADE
SOROR PORTEIRA
OFFICIAL DO SANTO OFFICIO
CARCEREIRO
UMA AIA DE D. LEONOR DE MELLO

Sete fidalgos portuguezes, soldados, frades e religiosos

A scena é Lisboa e Evora

PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Ha doze annos que um rapaz, sem leitura, sem meditação, sem critica, nem gosto escreveu um drama para ser representado em theatro de provincia.

Confessava elle mesmo no prologo *que lêra quatro dramas originaes portuguezes, e alguns do Archivo Theatral.* Que ignorancia e que atrevimento!

O drama fez gemer o prelo e o senso commum. Saíu d'onde nunca tinha saído cousa melhor nem peor: das typographias de Bragança.

Oh! que berço!

Depois, o aleijadinho teve o desplante de vir até ao Porto sobre uma mula de almocreve, e por ahi ficou tolhido, não se sabe quantos annos, na Casamata d'um livreiro que o comprou a pezo.

Parece que a traça, compadecida do miserando, o comeu. E' certo que, doze annos depois, um editor infeliz tem a aziaga tentação de editar AGOSTINHO DE CEUTA, e chega até ao desatino de comprar a propriedade do mostrengo.

O auctor medita um instante antes de responder, e faz pé atraz doze annos na sua vida. Lembra-se das alegrias e chimeras d'aquelle tempo, lembra-se de que,

ao escrevel-o, se julgou—não direi Shakspeare ou Malfieri, porque elle então não conhecia de nome se quer essa gente—mas julgou-se pelo menos um dramaturgo que tinha jus a impingir a leitura da sua tragedia á familia, e aos visinhos:

Assim que via gente logo lá corria
E o fatal cartapacio lhe empurrava.

Tenho hoje dó das victimas que immolei então ao meu orgulho de dramaturgo. Sobre todas, ha um Luiz de Bessa Corrêa em Villa Real, que ainda hoje me faz chorar o coração, como elle então chorava de riso.

Querem vêr um rasgo de humildade, de modestia, de despreso de minhas proprias aspirações litterarias? Consenti que a coisa se reimprimisse, sem a minha certidão de idade appensa.

Quem sabe se não é este livro, escripto em 1846, menos tolo que outros escriptos em 1858?

AGOSTINHO DE CEUTA

ACTO PRIMEIRO

A PREPOTENCIA

... Quem outrem ama, que aproveita
Trabalhar que vos ame, e que se aparte
De seu desejo, e que por outro o negue,
Se sempre foge amor de quem o segue.

(Camões, Lus., Cant. 6.º, Est. 25).

E' noite.—Salão da casa de D. Manoel de Mello. Reposteiros armoreados; decoração magnificente.

SCENA I

D. MANOEL DE MELLO, *dormindo sobre um rico escabelo; e* AGOSTINHO DE CEUTA, *dormitando, com a cabeça descahida sobre a mão direita, em frente de D. Manoel.—Silencio apenas interrompido pela pendula d'um relogio de parede.*

Agostinho, *levantando-se e espreguiçando-se.*

Este termo medio, entre vigilia e somno, é desagradavel; e desagradaveis me são mysterios, onde represento mysteriosamente... Aqui ha um problema, cuja

solução cabe ao ponteiro d'este relogio! As dez horas vão soar. E' triste este silencio: é magestoso o clarão d'aquellas luzes! parecem todas de trintanario! Devo espevital-as: — não é isto das attribuições do pagem, mas o homem é filho das circumstancias... (*espevita-as, e, assombrado, pega de uma carta de sobre a mesa*). Uma carta para D. Leonor de Mello! isto é extraordinario!... aberta, e pregada com o sêllo d'el-rei! (*Abre, e lê com sobresalto*). «Uns olhos ternos e amadores não podiam vêr-vos impunemente. Minha real camara tem testemunhado os suspiros amorosos, que me arrancaes do peito. Paixão como esta não podia morrer no indifferentismo, nem nas distracções: — é mui violenta! E' forçoso que eu vos ame, e confesse a necessidade, que tenho de encontrar-vos no meu real aposento, onde sereis conduzida pelos meus circumspectos validos, e fieis privados, Conde de Castello-Melhor e Henrique de Miranda. Aguardae-os no primeiro salão de vossa casa, ás dez horas da noite; e cumpri, senão como amante, ao menos como vassalla. — Rei».

E cumpri! Não ha nada mais despotico! Eis aqui uma pagina para a historia d'um monarcha: eis aqui um diamante para a corôa do meu rei! Nada me maravilha!... Eu tenho uma perfeita ideia do despotismo, e outra do despota... — D. Leonor de Mello... terei de a vêr ainda no harem d'este grão-senhor portuguez!? creio que não... Quando se venda o punhal do irmão, cá fica ainda o punhal do... o meu punhal! E' certo, que a vida d'um corrompido mais prestes se casa com o aço d'uma adaga que o terror com o espirito do amante! Espanta-me a placidez de minha alma n'este momento, que é uma crise da minha vida, a primeira sombra ao meu amor... Tão sereno que estou, tão pa-

cifico e gelado! Ou eu não amo, ou o meu amor está passando pela intermittente do Leão!... que será? Ha mysterios na vida do homem, e na estação dos affectos...

D. Manoel, *sonhando*

Minhá irmã... minha Leonor...

Agostinho

Sonha, e... bem pesados sonhos que elles são! Não é só o pagem que sonha com D. Leonor...

D. Manoel

Barbaros! a honra não dá o throno, nem se vende nas côrtes...

Agostinho

Pouco temo pela sorte d'ella.

D. Manoel

Tyranno! restitue-m'a, tyranno! A minha vingança será maior que a minha justiça, mais cruel que a minha raiva... Primeiro a morte que a deshonra... a minha espada... (*Ergue-se turvado*). Já deram dez horas?

Agostinho

Não, senhor.

D. Manoel

Pois quem me acordou?!

Agostinho

Um sonho terrivel.

D. Manoel

Sim... sonhos terriveis...

Agostinho

Quem sabe se terriveis realidades...

D. Manoel

Realidades! Os meus sonhos são-te mysterio; e, se o não fossem, eu diria que descrês de quanto posso furioso em prol da honra e da justiça!

Agostinho

Poderei estranhar os vossos sonhos; mas não sou descrido. Fui embalado n'um berço ao lado do vosso, cresci comvosco, e, permitti-me este galardão, entrei comvosco no crisol da honra, e da intrepidez:—se não tivesse nascido para pagem, eu seria D. Manoel de Mello...

D. Manoel

Pois bem. Sobre essa mesa, está uma carta; n'este peito, um coração forte, e uma alma grande... e n'esta sala... talvez...

Agostinho

Uma escóla para os reaes salteadores!

D. Manoel

Reaes!—acaso já sabes...

Agostinho

Que se trata de uma tyrannia.

D. Manoel

E que é necessario...

Agostinho

Acabar com o tyranno.

D. Manoel

Tanto não; mas...

Agostinho

O futuro o dirá... *(dez horas)*.

D. Manoel

Não tardarão... Já viste essa carta, que ahi está?

Agostinho

E' um documento para avaliar da prepotencia. Cada uma d'essas palavras, que ahi se lêem, é uma gotta de ferro fundido em meu coração...

D. Manoel

Logo que elles cheguem, é bem te escondas.

Agostinho

Esconderei; mas d'onde os olhos vejam e os ouvidos ouçam...

D. Manoel

Por em quanto assaz confio em mim: tu, mais tarde... *(estrepito de berlinda)*. Eil-os que chegam! Preciso agora de muita frieza, e de muita força moral.

Agostinho

De tudo precisaes; e eu apenas d'um leve gesto para proteger o offendido, e sacrificar á defeza... *(sae)*.

D. Manoel

Elles cuidam encontrar aqui minha irmã, e eu ouvirei as suas praticas *(sae)*.

SCENA II

HENRIQUE DE MIRANDA, CONDE DE CASTELLO-MELHOR, E DEPOIS MANOEL DE MELLO

Conde, *entrando*

E' esta a primeira sala?

Voz, *dentro*

A mesma.

Henrique, *para dentro*

Deixae-nos. *(fóra)* Que perspectiva tão desconsoladora.

Conde

E funebre! Triste logar para tratar d'amores!—ser-nos-ha preparado algum ardil?

Henrique

Não diga isso, senhor Conde de Castello-Melhor, que mal fica a um privado d'el-rei temer a mordedura dos reptis... Aqui, que ninguem nos ouve:—a aureola da magestade fulge mais por nós, que os brilhantes da corôa d'Affonso VI... Uma traição para o conde, e para Henrique de Miranda é um crime de leza-magestade.

Conde

Assim é; mas acreditae-me:—aterra-me bem mais o lugubre d'este salão e o bater monotono d'esta pendula, e estas luzes moribundas, do que os brados, e insurreições de toda uma nação, que nos maldiz!

Henrique

Chimeras! brados de povo, meu Conde, morrem á porta do palacio dos reis... o throno é um sacrario, que as blasphemias do povo não maculam. Ora agora, salões escuros, luzes moribundas, e o mais que assusta, e não offende, isto, amigo, aterra o criminoso, roído pelo remorso, ou suspeitoso de vingança: remorso em nós... de que? vingança... quem a tenta?!

Conde

Qual de nós seria mais criminoso, se crime fosse denunciar a el-rei uma belleza?

Henrique

Aquelle que, com mais diligencia, lhe removesse os obstaculos para a conseguir.

Conde

E no presente caso, Henrique?

Henrique

Eu, se o Conde de Castello-Melhor quizer. Já lá vão as dez horas... A nossa dona vae transgredindo o preceito...

Conde

Tem desculpa, porque estas cousas correm suas difficuldades. Não se trata d'uma reciproca fineza d'amor, aqui ha violencia... e quem sabe se por ahi está D. Manoel de Mello, ou o pagem Agostinho de Ceuta?

Henrique

A's oito horas da tarde encontrei-os em casa do Duque do Cadaval. Admirei a familiaridade e acerto da conversa do tal pagem! A proposito, sabeis alguma coisa ácerca d'este homem?

Conde

Pouco mais saberei que vós. Conheço-o desde pequeno n'esta casa; não lhe sei de pae ou mãe. Tem sido homem de brios e proezas, pouco galanteador, e bem provado em valentias no forte de S. Miguel, em Badajoz e no Amexial; e corre como certo, fôra elle o primeiro a victoriar a tomadia do estandarte real de Castella. Era mui amado da rainha-mãe, e assistiu-lhe incessante nos ultimos dias de sua vida. Sabe-se, com verdade, que o duque do Cadaval recebera da mão da rainha moribunda um pergaminho relativo a Agostinho de Ceuta.

Henrique

Isso é um rimance.

Conde

No gabinete escuro d'Affonso VI não entram rimances...

Henrique

Assim será; mas já começo á impacientar-me com esta D. Leonor!... estou morto por mudar esta mansão de sombras em sala de galanteios...

Conde

Olhae, Henrique de Miranda, sinto em mim um não sei que de susto involuntario e inexplicavel! Está-me a agourar o coração, que el-rei, e nós, os seus vassallos, havemos de amargar esta empreza!...

Henrique

Porque?

Conde

Porque conheço mui de perto a D. Manoel de Mello.

Henrique

Tambem o eu conheço, e elle me não conhece ainda... O conde não ignora que este homem tem sido sempre uma sombra, que me separa dos objectos mais caros da minha vida. Quando amei D. Mecia de Noronha, tive de abdicar o direito, que tinha a esta mulher, porque D. Manoel de Mello me rivalisava com grande vantagem. Vinguei-me, e sabeis de que modo?

Conde

Sei; entregando-a ao rei.

Henrique

E o rei possuiu-a, e D. Manoel perdeu-a como eu a perdi.

Conde

Pobre d'ella, que foi a que sentiu as funestas consequencias de vossos crimes!

Henrique

E que importa! nem já me lembra... E de mais ella devia conhecer-me, quando lhe prophetisei o futuro com um punhal na mão...

Conde

Então vós amaveis de punhal!—feliz systema!

Henrique

Estaes a gracejar... mudemos de pratica.

Conde

Tendes sido um homem celebre, e capaz de grandes feitos! *(ironia)*.

Henrique

Por certo. Capaz até de fazer com que D. Manoel de Mello chamasse aqui sua irmã, para a sujeitar ás honrosas pretenções d'el-rei!—*(D. Manoel apparece; dirige-se á mesa; toca uma campainha: assombro nos dois, que se levantam)*.

D. Manoel

D. Manoel de Mello não ha de desmentir a celebridade de Henrique de Miranda:—elle vae chamar sua irmã.

SCENA III

OS MESMOS, AGOSTINHO, E DEPOIS D. LEONOR DE MELLO

Agostinho, *ao fundo*

Chamastes?

D. Manoel

Fazei entrar minha irmã. *(para os validos)* Sentae-vos, senhores, que esta casa e a minha cabeça é vossa e d'el-rei.

Conde

D. Manoel, conheceis as fogosas paixões d'Affonso VI...

D. Manoel

E que se segue?

Henrique

A necessidade d'obedecer-lhe.

D. Manoel

A necessidade d'obedecer-lhe... sois um vil!

D. Leonor

Chamastes vossa irmã?!

D. Manoel

A minha irmã... sim, chamei a vassalla d'Affonso VI...

D. Leonor

Que estranhas maneiras!—eu cahiria no vosso desagrado?!

D. Manoel

Não, minha irmã, não... Cahistes no desagrado de Deus, que vos não livra do sopro de Satanaz...

D. Leonor

Explicae-vos, pelo nosso amor!

D. Manoel

Ahi tendes os delegados do despota... ouvi d'elles a sentença, que labios d'irmão honrado a tanto não se atrevem.

Henrique

Prudencia, D. Manoel, prudencia, que por menos crimes já el-rei mandou picar os brazões de grandes fidalgos...

D. Manoel

Por isso el-rei já viu nas phalanges do inimigo, militarem muitos fidalgos portuguezes... Minha irmã, os privados d'Affonso VI são cobardes, como seu amo. Eil-os ahi que se escudam com o nome do rei, e nem assim desatam dos labios o horroroso pensamento, que aqui os traz!... Leonor, ahi está uma carta escripta por um d'estes cavalheiros, e assignada pelo rei: é para vós—lêde-a.

D. Leonor

Uma carta para mim... para mim! que...

D. Manoel

Não antecipeis o assombro. Bem podia ser uma carta regia, em remuneração dos serviços que nosso pae prodigalisou á restauração da patria; ou para te pensionar pela vida, que nosso pae barateou na batalha do Montijo...

D. Leonor

E acaso...

D. Manoel

E acaso o que?

D. Leonor

El-rei se lembraria...

D. Manoel

De consumar a obra da sua ingratidão com o sacrificio da vossa honra.

D. Leonor

Ah! que dizeis?

D. Manoel

O que esta carta melhor vos dirá.

D. Leonor, *pegando d'ella rapidamente, e rasgando-a*

Assim seria rasgado, quem tal fizesse, se meu pae não trocasse a vida pela elevação d'um throno ignominioso! Se elle... aqui estivesse... se elle ouvisse... Meu irmão... meu caro irmão, eu não me assusto: encho-me d'uma raiva, que me retorce o coração! Abominae-os como eu os abomino, detestae-os como eu os detesto, e não temaes pela honra de vossa irmã... (*sae*).

D. Manoel

Vós a ouvistes.

Henrique

E de mais a ouvimos! Má sorte se prepara para vós, e para ella: nunca vozes taes eu tivera ouvido...

D. Manoel

Ide! annunciae ao rei de Portugal, que a filha de D. Diniz de Mello, a neta do conde de Tentugal, e a irmã de D. Manoel de Mello, rasgou na face de seus emissarios a vergonhosa carta, que não leu. Dizei ao monarcha dissoluto, que a honra de D. Leonor de Mello, ha

de ir elle afferral-a, depois de transpôr uma torrente de sangue! Dizei ao monarcha tyranno, que a cabeça da vassalla, que o abomina, ha de ser cortada com o alfange, que ceifar a de seu irmão! Ei-a, validos do throno! ei-a! esta é a linguagem do portuguez, que cospe os amargos beneficios da côrte... do portuguez que se não vende, e do que mede um rei prepotente pela bitola d'um salteador sanguinolento.

Henrique

Não digaes mais, que de mais tereis de arrepender-vos... Basta...

D. Manoel

Basta, vos digo eu! Quando este pavimento estiver confiscado, e aquellas armas rasgadas, imporeis silencio então.

Henrique

Mui allucinado, e demasiado nescio sois, se tentaes obstar á vontade d'Affonso VI!

D. Manoel

Eu tambem tenho vontade de ferro, e... um ferro bem fiel á vontade...

Conde

Essa é a linguagem do regicida.

D. Manoel

E' a linguagem do irmão... do desesperado!

Henrique, *riso affrontoso*

Tudo isso são phantasias, e moralidades, que o leve sopro da necessidade cedo dissipará... El-rei protege prodigamente a feliz, que lhe inflamma as paixões; pro-

tege quem lhe apraz, e ri da desesperação dos insensatos, quando os não castiga... Nada o impedirá.

D. Manoel

Nada! nem um só obstaculo?

Henrique

Nem um.

Conde

Nem um.

SCENA IV

OS MESMOS E AGOSTINHO, *que apparece ao fundo, e marcha lentamente para elles*

Agostinho

Ainda ha um! e esse é um colosso de bronze, que protege a victima, e esmaga o cutelo do verdugo! Esse é o pagem, que tem uma vida, que não é d'elle, uma patria, que pouco ama, e uma sepultura em qualquer canto do universo! Esse é Agostinho de Ceuta, o filho de paes incognitos, que se despe, por um momento, de sua baixeza, para assumir a linguagem de cavalheiro. (*pausa*) E parece que este sentimento do amor... do amor... não... este sentimento d'amisade vos petrifica! Homens incapazes de sentir o bem, estas são as gallas da virtude, bem pavorosas... bem pungentes á vista dos malvados!

Conde

Henrique, vamos: ficae-vos, D. Manoel: é mister cumprirmos nossa missão.

Agostinho

E' honrosa... A posteridade a irá lêr nas vossas armas... Ainda a não sabeis para a cumprir: parae, eu vol-o mando, sentae-vos.

Vou contar-vos uma das paginas negras da nossa historia. Ha 286 annos, que um rei de Portugal viu uma bella mulher, esposa d'um homem honrado, rico, e de grandes brazões. Gostou d'ella; rompeu-lhe os laços conjugaes, e foi-se com ella para o paço! Este rei era Fernando; esta mulher era Leonor Telles; e o desgraçado que a perdeu era João Lourenço da Cunha. Este homem (*levanta-se insensivelmente*) tragou o calix da prepotencia até ás fezes... gemeu surdamente, e surdamente se lhe partia o coração! Viu arrebatada uma mulher, que amava, que era tão sua, e tanto de sua alma! viu-a usurpada nos braços d'um raptor, que se serviu dos brilhantes d'uma corôa, para deslumbrar o sagrado direito do esposo!... Debalde representou, que as suas representações eram calcadas na baze do throno, e a sua justiça era motejada, e ludibriada no leito adultero do rei de Portugal!... Não vos impacienteis: a pagina vae no fim... Aquelle esposo, que amava, que ardia, que aborrecia o existir, não cahiu no lethargo do medo, nem cozeu os labios com um panico terror. Solta um brado de morte á porta do palacio do rei, e mostra ás turbas, que se agglomeram, o primeiro punhal, que ha-de romper o coração do adultero. Dá um brado de exterminio, e tres mil descontentes porfiam a entrada do thalamo profanado, e a vida do indigno filho do Justiceiro! Vacillaes? tambem eu vacillo, quando comparo Fernando com Affonso VI! Quereis saber o resto? elle é horrivel... é horrivel! é doloroso para quem ama! João Lourenço da Cunha, nas azas d'alegria e da raiva, corre ao Paço... Faz retumbar nas abobedas, agora uma voz de ferro, e ameaçadora, logo um nome enternecido... Leonor... Leonor! dizia elle... e ella já se fugia nos braços do roubador... Perdeu-a, e sabeis o

que é perder uma mulher, que se ama... vêl-a perdida, e ouvir o brado intimo da consciencia dizer-nos, que é perdida... para sempre?! E' aquillo, que converte uma sociedade d'homens em peleja de tigres! é uma cousa só imitada pelos vulcões no momento da irrupção! é tormento, que nos mandou o inferno! Desgraçado! lá vae o marido, caminho de Castella, ralado da saudade, e suffocado pelo sceptro, mendigar pão, e sepultura!... (*pausa*) E sobre nossas cabeças gira hoje um meteoro mais sanguinario!... ante meus olhos, o reflexo d'um quadro mais espantoso, e mais destruidor!

Henrique

E que ha de commum entre as cousas d'então, e as cousas d'agora?!

Agostinho

Tudo!

Conde

Quereis confrontar os amores de Leonor Telles com os amores de Leonor de Mello?!

Agostinho

Os amores de Leonor de Mello... dizeis vós!... os amores de Leonor de Mello!... Já lhe sondastes o coração?

Henrique

Basta-nos sondar o d'el-rei.

Agostinho

Não basta, não! Haverá um grito d'exterminio á porta do palacio; haverão tres mil descontentes em roda do throno, e a desvastação será tão grande... tão inflammada... como o fogo do ciume na alma do amante!

Conde

Calae-vos! a allucinação vos arrasta ao patibulo! Louco! quereis medir as consequencias d'um casamento reprovado de uma mulher usurpada, com os amores particulares d'um rei?!

Agostinho

Inferno! que mais é o direito d'uma nação, ou o direito d'um individuo! coração de rei, é coração de homem; e não sei qual será mais amargoso se ao pagem perder a vida se ao rei... perder o sceptro!...

D. Manoel

De mais tenho ouvido, e tanto não ouvira, se a razão e a amisade m'o não mandassem. Pagem fiel, o teu procedimento não carecia de provas para mim. D'hoje ávante as nossas sortes estão ligadas, e tão ligadas como a imagem do céo á alma do justo, na hora do passamento. Se o desterro galardoar nossa servidão de tanto tempo, iremos contar as areias d'Africa pelo numero de lagrimas, que verteremos á saudade da minha patria, que eu tanto amava! Se gemermos debaixo de ferros, nas trevas dos calabouços, os nossos gemidos se encontrarão! Se subirmos ao cadafalso, expirará comnosco uma centelha do ultimo clarão da gloria portugueza...

Agostinho

Desterro, carceres, gemidos, morte... envergonhado aquelle que os teme depois d'uma vingança! Morrer! mas ella... D. Leonor... a vossa irmã, ultrajada... nos braços d'elle...

D. Manoel

Nos braços d'elle! Oh! que me fulminaste! Que idéa tão negra! nunca, pagem... primeiro ha de ella...

Agostinho

Dizei... dizei...

D. Manoel

Receber a morte de minhas mãos...

Agostinho

A morte... sim! O vosso ultimo suspiro irá pousar-lhe no seio ao côro dos anjos... e justificará o fratricidio... Matal-a! barbaridade! que viva... que faça as delicias d'um esposo... d'um amante... do rei... Horror! comnosco antes... antes, com esta vida, com este coração, que é d'ella...

Conde

Elle ama-a... que ouço!

Henrique

Que deshonra!

D. Manoel

Deliras, Agostinho, deliras?!

Agostinho

Antes delirára! E' um incendio... (*a mão sobre o peito*) é um ferro... é uma lava... é o amor!...

D. Manoel

O amor! que dizes?... o amor!

Agostinho

Sim... sim... o amor!

D. Manoel

Tu amas minha irmã!... D. Leonor ama-te?! mentes... mentes!...

Agostinho

Minto! Oh! se ella aqui estivesse, nem um de vós me desmentira!

SCENA ULTIMA

OS MESMOS E D. LEONOR

D. Leonor, *transportada*

Não... não... ninguem te desmentirá... eu amo-te. (*Lança-se-lhe nos braços*).

D. Manoel, *o rosto entre as mãos*

Vergonha!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

A CONSPIRAÇÃO

Torne-vos vossas forças o rei novo,
Se é certo que co'o rei se muda o povo.

(Camões, Lus. — Cant. 4.º Est. 17).

PRIMEIRO QUADRO

Vasto recinto do convento de S. Domingos. Está no centro longa mesa com cadeira regia á cabeceira, e assentos lateteraes Sobre a mesa livros, pergaminhos, tinteiro, uma urna contendo uma corôa, etc.

SCENA I

FR. BERNARDO DE SANTA JUSTA, E FR. LUIZ DAS CHAGAS, *ambos occupados em leitura*

Frei Bernardo, *lendo*

«Cumpre-nos manter a falsa legalidade de João IV; todavia fareis vêr a nossos confrades de Castella, que o nosso direito está sobre bazes amoviveis, e que, se as ha persistentes, a nós se devem.» Que vos parece?

Frei Luiz

Isso é proveitoso nos apertos; por agora limitar-nos-

hemos a soprar o incendio, e fugir das chammas... Devemos vivificar as espadas com a nossa força virtual e invisivel, se bem que...

Frei Bernardo

Se bem que o itinerario sahirá do mosteiro de S. Domingos...

Frei Luiz

Já que em nós tanta confiança está depositada...

Frei Bernardo

Assim o exigem nossos sagrados cargos, que nem ainda deixam de o ser, quando se trata d'uma conspiração.

Frei Luiz

Os nossos fins são justos; nem eu creio que da portaria d'esta casa para fóra tenha sahido sentença tão equitativa.

Frei Bernardo

Vós o dizeis com assaz razão. E' justo, e tres vezes santo calcar o demonio, e exaltar o anjo.

Frei Luiz

Assim o parece o nosso principe: docil como se quer... bem differente do irmão...

Frei Bernardo

Pedro differe d'Affonso como o bom do mau, e o dia da noite. Mal da nossa soberania se estes genios desenfreados se succedessem no throno! Affonso VI é uma cratera, que ameaça incendio aos nossos estatutos, e temei-lhe a explosão, que será bravia! Não sei onde estava a vigilancia de nossos direitos, quando este rei crescia vergontea para empunhar o sceptro! Não sei,

Fr. Luiz das Chagas, como o berço d'Affonso não foi acalentado por mão d'um nosso irmão!

Frei Luiz

A dissolução, e a licenciosa liberdade foi acarretada a este monarcha pelo dissoluto Antonio Conti.

Frei Bernardo

Graças nos sejam dadas! mar em fóra, vaga elle desterrado para cá não tornar jámais!

Frei Luiz

Bem dito, Fr. Bernardo; mas sabeis que os effeitos tornam-se causas, e quando assim succede, em balde se anniquila a causa primaria, que a serie dos males será inextinguivel. Conti desappareceu do lado do throno, é verdade; porém o veneno cá lh'o deixou no amago, e a perversão tocou o apogeu.

Frei Bernardo

E não temos nós remedio efficaz?

Frei Luiz

Temos, e mister é que seja heroico...

Frei Bernardo

Ainda o quereis mais heroico, que uma desthronisação: mais prompto que um degredo; mais efficaz que um carcere perpetuo?!

Frei Luiz

Assim aconteça para gloria da santa religião, e da ordem a quem os destinos de Portugal estão confiados... Ao toque de matinas deve estar lançada a primeira pedra da nossa Babel...

Frei Bernardo

E talvez a ultima; porque debaixo d'essa pedra devem ficar as ruinas do throno d'Affonso VI; e por cima d'ella o throno de Pedro II. Pena é que mais cedo se não activassem as molas do estado! Se, ha tres dias, os conspiradores seculares se dessem as mãos com os ecclesiasticos, ou direi antes—se elles tivessem recorrido ao mais forte esteio das conspirações, tiveramos evitado a prisão, e quem sabe se a morte de D. Manoel de Mello, tão honrado cavalheiro, e tão credor da patria! Queria o incontinente rei fechar o seu reinado com uma violencia vergonhosa, sem attender ao parentesco de D. Leonor de Mello!

Frei Luiz

E' verdade, que custa por sobrinha ao Inquisidor Geral!

Frei Bernardo

Que tem o sceptro no bico da sua pena; que prescruta os segredos mais reconditos do paço, e da cabana, e que só tem um problema no seu livro de mysterios.

Frei Luiz

Qual é?

Frei Bernardo

O pagem de D. Manoel de Mello!

Frei Luiz

E que é feito d'esse homem?

Frei Bernardo

Salvou-se das garras dos eunucos d'Affonso VI.

Frei Luiz

E D. Leonor seguiu a má fada das outras?

Frei Bernardo

Não. (*toque a matinas*) Toca a matinas: mais um bocado, e este subterraneo dará corôas, e tirará corôas. Aqui é o expiaculo dos reis, e os vassallos, ultrajados e vexados, queixam-se aqui livremente, onde se ouve a sua voz, que se não some como pelas quebradas das abobadas dos tribunaes. João III—João III! o réo, que a tua inquisição hoje condemna, não é teu descendente, que, se o fosse, seria piedoso, e respeitador da virgindade como tu! Tenho serena a minha consciencia no momento em que opino pelo exterminio do despota... ha de ser exterminado!...

Frei Luiz

Nem tão sanguinario...

Frei Bernardo

Fr. Luiz... a minha familia rega com lagrimas a todo o momento uma nodoa, que lhe gravou o monstro; e essa nodoa é eterna; nem o sangue do maldito a lavaria... (*ouve-se o rodar de chaves, e divisa-se atravez da porta uma luz, que se vae aproximando. Os frades erguem-se a abrir a porta do fundo*).

SCENA II

OS MESMOS, FR. GARCIA DE MELLO, INFANTE D. PEDRO, FR. AMARO E 7 FIDALGOS

Frei Garcia

O Rei dos Reis, o genio tutelar das nações, e dos opprimidos, que observa do alto céo todas as nossas acções, permitta, caros irmãos, inspirar-nos n'esta obra tanto do seu serviço, e humanidade. Infante D. Pedro,

sentae-vos. (*sentam-se, e Fr. Garcia á esquerda do Infante*) Acham-se em conselho os fidalgos—conde de Soure—conde de Pombeiro, Gil Vaz Lobo—conde da Torre—conde de S. João—Gaspar de Pina—o escrivão da Puridade, Fr. Luiz das Chagas—e o familiar do Santo Officio, Fr. Amaro Vieira—o 2.º inquisidor, Fr. Bernardo de Santa Justa—e o 1.º e vosso servo Garcia de Mello. Falta o nosso familiar D. Manoel de Mello, que está preso, não se sabe aonde, por em quanto, e o duque do Cadaval, que vigia a segurança de D. Leonor de Mello.—Nosso padre Amaro Vieira, lêde perante os escolhidos da nobreza de Portugal as bases do nosso conselho.

Frei Amaro Vieira, *levantando-se, lê*

«Por quanto Affonso VI rei de Portugal, é altamente ndigno de administrar seus vassallos, o que não carece de demonstração, cumpre exthronal-o».

1.º Fidalgo

Nem a outra cousa viemos.

2.º Fidalgo

A gloria portugueza se tornaria em opprobrio, quando assim não fosse.

3. Fidalgo

Ou a nação ficaria violada em sua nobreza, e coberta de vilipendio.

4.º Fidalgo

Os desgostosos querem mais alguma coisa .. não são mesquinhos em vingança.

5.º Fidalgo

Não se contentam com a queda do throno.

6.º Fidalgo

Querem que caia o homem.

Frei Garcia

Não vos confundaes, senhores!

7.º Fidalgo

Inquisidor geral! Nós todos somos um homem: morte a Affonso VI.

4.º E 5.º Fidalgos

Morte, morte!

Infante

Prudencia, senhores!

Frei Garcia

Continuae, padre Amaro Vieira.

P. Amaro Vieira

«E' justo por tanto, que se proponham os meios para se alcançarem os fins».

5.º Fidalgo

Conspiração!... Conspiração!

Frei Garcia

Senhores condes, e mais fidalgos de nossos reinos. A presente questão demanda madureza e circumspecção. Não é de avisados, e experientes ceder á atrabilis, que vos domina, a despeito do que diz Sallustio: «*Priusquam incipias, consulito, et ubi consulueris maturê facto opus est*». Operae apoz reflexão madura. Ella vence mais que a violencia do pensamento rapido, e fugaz. A sabedoria é irmã da prudencia, e pouco avisado anda aquelle, que se apega ás azas do genio iracundo, que

não prevê despenhadeiros. Algum d'entre vós é mui novo ainda para opinar: *consolito,* ouvi primeiros as cans, e sereis depois convenientemente ouvidos, e approvados se o merecerdes. A'cerca do 1.° artigo seguro estou, nem um de vós outros o contrariará, com pena de perder brios de portuguez, e nome de cavalheiro; mas o 2.° é subjeito a diversos entenderes, e varias opiniões. Sereis vós, por tanto, Fr. Bernardo de Santa Justa, 2.° inquisidor, o primeiro, o mais sizudo em aconselhar.

Frei Bernardo

Quando a vida d'Affonso VI nos garantisse satisfação, ainda assim, mesquinha, por certo, seria nossa sentença. A honra de mulher illibada é mais valiosa que a vida d'um despota, cuja morte alliviaria a sociedade offendida, e ultrajada, d'um malvado, que causa mais vergonha que magoa. Appello para vós.

1.° Fidalgo

E a honra de minha irmã?

2.° Fidalgo

E a da minha?

3.° 4.° E 5.° Fidalgos

Dizeis bem, Fr. Bernardo, a morte é pouco.

Infante

Senhores... moderação...

Frei Garcia

Estranho-vos, á fé! Fr. Bernardo, essa não é a linguagem edificante e pacifica, que vos cabe. Irritastes os animos em vez de os applacar. Fallae, padre Amaro Vieira.

P. Amaro Vieira

Todo o homem, por criminoso que seja em demasia, tem o momento da consciencia, e o da contrição. Não relevo que Affonso VI tão indocil seja, a ponto de contrariar alguma reforma, que, bom grado nosso, se lhe faça no seu comportamento moral e civil, que profundamente desgosta os seus vassallos. Seria bem que primeiro avisado fosse...

4.º 5.º E 6.º Fidalgos

Nada, nada!

7.º Fidalgo

Não falleis mais se não quereis o labéo de traidor!

Frei Garcia

Fallae, Fr. Luiz das Chagas.

Frei Luiz

Affonso VI é aborrecido pela rainha, e como n'este lugar o mysterio é um crime, sabei que o Infante D. Pedro ama sua cunhada, e é extremosamente correspondido. Principe, isto é verdade?

Infante

E'.

Frei Luiz

A rainha de Portugal sahirá immediatamente do paço; recolha-se a um mosteiro, e declare a seu marido, que vae para a França, allegue que não é sua mulher, porque o matrimonio era impossivel e anti-canonico. Eis aqui o seu requerimento: que o apresente ao cabido, e elle informará a Sua Santidade. A rainha pedirá o divorcio, será divorciada, e passará a nupcias com o rei de Portugal: escolhei-o, fidalgos.

2.º, 3.º E 4.º Fidalgos

Sua alteza, o Infante D. Pedro.

Frei Luiz

Logo—o rei de Portugal.

7.º Fidalgo

E os crimes d'Affonso?

5.º Fidalgo

E' verdade, e os crimes d'Affonso?

Frei Luiz

Ha de expial-os no desterro, entre ferros e aviltamento.

5.º E 7.º Fidalgos

Bem, bem, entre ferros e aviltamento!

6.º Fidalgo

E se algum incidente transtornar nossos planos?

Frei Luiz

Morte!

Todos

Morte!

O Inquisidor geral, *com o barrete na mão*

Preito e homenagem a D. Pedro II rei de Portugal —Rei de Portugal! (*coroando-o*) cada pedra d'esta corôa fulgirá como as vossas virtudes.

Infante

E cada uma d'estas pedras seja uma barra de ferro, sobre meu coração, se algum dia eu violar os direitos de meus vassallos, desde o nobre até ao plebeu.

Frei Garcia

Viva D. Pedro II rei de Portugal!

Todos

Viva!

SCENA III

OS MESMOS, OFFICIAL DO SANTO OFFICIO, E DEPOIS O DUQUE DO CADAVAL, E AGOSTINHO DE CEUTA, *encapotado*

Official do Santo Officio

O duque do Cadaval e um companheiro, que o segue (*entram, e curvam-se ante o infante*).

Frei Garcia

Bem vindo, nosso irmão duque do Cadaval! (*para Agostinho*) Bem vindo, cavalheiro tão mysterioso! quem quer que sejaes, confiae-nos vosso nome, que nova cousa é, homem n'estes lugares desconhecido!

Agostinho

Sou Agostinho de Ceuta, o pagem de D. Manoel de Mello.

Frei Garcia

O pagem!—a que vindes?

Agostinho

Encostar uma escora de ferro ao baluarte da conspiração.

Frei Garcia

Sois conspirado?

Agostinho

Sou.

Frei Garcia

Quem m'o affiança?

Agostinho

O'futuro.

Erei Gareia

E presentemente?

Duque

O duque do Cadaval.

Frei Carcia

Sois perseverante?

Agostinho

Tanto como o meu odio.

Frei Garcia

Capaz de tudo?

Agostinho

Menos de uma acção vil.

Frei Garcia

Se Affonso VI...

Agostinho

Se Affonso VI fosse julgado réo de morte, eu matando-o, praticára uma virtude para que nem os homens nem o céo teriam recompensa.

Frei Garcia

Inscrevei-o, Fr. Luiz.

Frei Luiz

Vossos paes?

Agostinho

Não conheço.

Frei Luiz

Pois não sabeis...

Agostinho

Nada.

Duque

Fr. Luiz, deixae-lhe um espaço para a filiação, que o futuro vol-o dirá...

Frei Garcia

E minha sobrinha, duque, e D. Leonor de Mello?!

Duque

Está salva, se me não engano. Depois da prisão de D. Manoel de Mello, procurou o asylo de minha casa. Logo depois o seu palacio foi aggredido por Henrique de Miranda, com uma guarda do rei. Achava-se alli o creado francez: morreu ás mãos do valido. Agostinho de Ceuta teria igual sorte se não sacrificasse á sua fuga a vida d'um soldado.

7.º Fidalgo

Conjurados, cavalheiros portuguezes! seja o nosso juramento solemne, e horrivel. Jurae pelos ossos de vossos avós, pelas cruzes de vossas espadas, pela fé de vossas amantes, e pelos vossos nomes, que Henrique de Miranda morrerá morte mais terrivel, que a que deu ao francez!

Agostinho

Não jureis, cavalheiros; eu prescindo do vosso juramento! Já jurei comigo, e com a minha adaga: deixae a fortuna de Henrique de Miranda, ao cargo de vosso proselito. Oh! cobarde é aquelle que mendiga braços, quando tem dous para fazer estalar o peito d'um homem! Ha de implorar-me compaixão com o aviltamento de cobarde! hei-de dobral-o ao peso d'este braço, como

el-rei dobrou a tenra planta do meu amor! Hei-de esculpir-lhe no rosto uma bofetada de despreso, como o ferrete que ahi negreja eterno no quadro da minha ventura! Hei-de roubar-lhe a vida por entre as chammas do remorso... craval-o... e esperar-lhe na ponta do ferro a derradeira convulsão da vida! Maldito sejas tu, rei de Portugal! mais esta mancha negra no teu manto de sangue! Findou o teu reinado! A mão do carrasco fraqueou com o peso de teus crimes! O chão humido, e algido dos carceres ahi marca os vestigios de tuas victimas, e é forçoso que o teu sangue lave o cepo de tuas vinganças, e que os ferrolhos d'essas masmorras sintam tuas mãos enroscar-se n'elles, no afôgo da desesperação! O gemido do rei encontrará ainda o ecco do ultimo gemido do vassallo, que arrefeceu, e ciciou n'essas rochas horripilantes; e a mão do rei ha de encontrar ainda quente o cadeado d'essa algema, que rojou nos braços d'um irmão, d'um pae, ou d'um amante!... Maldito sejas tu, sicario, valido, ministro de sangue, rufião vergonhoso, escarro dos homens, maldita sejas tu, primeira ruina do throno! Mostrae-m'o nos braços d'Affonso... aos pés de Leonor... no sacrario... cadaver inanimado... mostrae-m'o, que lá mesmo resgatarei a minha adaga do seu juramento.

Frei Garcia

Pagem! os vossos transportes não dizem bem com a solemnidade de nossos actos!... abrandae... abrandae.

Agostinho

Senhor!—é necessario que me ouçam os homens, os ferros, e os subterraneos! Cada homem é uma victima a reclamar vingança, cada ferro é um incentivo atroz

para a idéa do sangue, e cada subterraneo é o amor, o ar, a vida, e o sepulchro do desterrado! Oh raiva! que hajam grilhões na terra, que aqui me prendam! que não possa eu dispôr d'esta vida... que me não pertence!...

SCENA ULTIMA

OS MESMOS, E O OFFICIAL DO SANTO OFFICIO.

Official do Santo Officio, *ao fundo*

Senhor duque do Cadaval, a vossa casa está cercada por soldados, e no Rocio se ajunta o povo.

Agostinho

D. Leonor de Mello! salvemol-a.

Todos

Salvemol-a!

SEGUNDO QUADRO

Sala magnifica da casa do duque do Cadaval

SCENA I

D. LEONOR DE MELLO, *escrevendo,* E BEATRIZ, CREADA, *junto d'ella*

D. Leonor

Não sei se escrevi uma palavra do pensamento! *(lê)* «Agostinho, querido Agostinho, livra-me de Henrique de Miranda. *(ouve-se o estrondo de abrir e fechar partas)* Está o palacio cercado, se me não vales... já posso perder-te!» Beatriz, vae... vae ao convento de S. Domingos... a meu tio... ao inquisidor, que lhe diga... vae, vae.

D. Leonor, *só*

Justo Deus, porque sou eu tão infeliz! Como é possivel a pureza da minha vida, quando a combatem os flagellos, que lançastes na terra! Que desgraças, que má sorte eu mereci! Que grandes desgraças se preparam! Que nuvem tão baça está sombreando a minha mocidade! Ah! em que época eu nasci! os nossos corações, escravos de quem aborrecemos... As cadeias que o gosto da vida tinha imaginado... quebradas pela vontade d'um rei despota!... elle não... não as quebrará! O' meu amor, que tão combatido és! Maldito rei, que tanto ennegreces minha vida! Meu Deus, suavisae minha desgraça! Dae-me o meu irmão, amparae-me o meu... meu Deus, o meu esposo! Tanto hei merecido... tanto serei criminosa!... Virgem Maria! valei-lhes, protegei-os... pelas vossas sete dôres... Meu Deus, que estrondo! Ah! *(perturbada, senta-se).*

SCENA II

D. LEONOR, HENRIQUE DE MIRANDA, SOLDADOS AO FUNDO, E BEATRIZ, DEPOIS,

abre-se a porta por empuxão

Henrique, *á parte*

Oh! eil-a: — comecemos pelo fingimento... *(alto)* Muito nobre senhora D. Leonor de Mello, eu vos saudo. Vejo-vos assustada, pallida, e desfigurada! que motivos haveis para tanto?! Acaso vos aterram as aberturas das portas? isto nada tem com a vossa tranquillidade. Nós viemos da parte d'el-rei, para capturar o rebelde duque do Cadaval. Nem era d'esperar aqui achar-vos, quando não costumaes sahir de vossa casa!

D. Leonor

Se procuraes o duque do Cadaval, de sobra vêdes que aqui não está; e, se comigo nada tendes, por bondade me deixae, que minha, bem o sabeis, não é tal casa.

Henrique

Esta casa d'el-rei é, e vossa a podeis julgar por tanto.

D. Leonor

Minha! não me falleis d'el-rei, que de contrario vos deixo.

Henrique

Deixardes-me, senhora, quando tanto vos lisonjeio!

D. Leonor

Pois por isso mesmo vos aborreço.

Henrique

E' quando eu mais vos amára; porque demasiado gósto de luctar com as difficuldades.

D. Leonor

Loucura é, quando de as vencer esperança não houverdes.

Henrique

Vencer, sempre eu venci, e por corrido me tivera se vos não vencesse.

D. Leonor

Que dizeis? sêde claro...

Henrique

Bastante o tenho sido.

Beatriz, *entrando*

Senhora! soldados em todas as portas... *(Leonor quer sahir; Henrique estorva-a).*

Henrique

E que tem isso? Mui indiscreta sois, senhora D. Leonor de Mello, para assim me deixardes tão descortezmente!

D. Leonor

Deixae-me, quando não, uso de violencia para sahir.

Henrique

Que violencia?!

D. Leonor

Beatriz! vae...

Henrique

Não vae, não. Olá, soldados, levem essa mulher, e tenham-a em vigilancia *(executam).*

D. Leonor

Senhor, senhor, tende compaixão de mim!

Henrique

Ora pois: gostei agora d'essa metamorphose rapida! Não sabeis, formosa dama, que o coração d'Affonso VI é um sacrario d'amor, e brandura, e um vulcão de raiva, e violencia?! Consultae as fidalgas, vossas contemporaneas, que lições vos podem dar... Bem; como esta ca[s] não é vossa, nem é minha, eu, na ausencia do direc senhor, tomo a franqueza de vos mandar aqui senta

D. Leonor

Deixai-me por piedade!

Henrique

Piedade vos quero eu implorar para Affonso VI. Se soubesseis quanto elle soffre... que incendio lhe lavra na vida tão preciosa!... Ora dizei, a que aspiraes? assim pondes de resto a amizade d'um rei?!

D. Leonor

Calai-vos, senhor, que não posso ouvir-vos, sem sentir fugir-me o entendimento...

Henrique

Pois então, antes que elle vos fuja, haveis responder-me terminantemente: quereis amar el-rei, ou quereis que elle vos aborreça?

D. Leonor

Que me aborreça.

Henrique

Pois elle não vos aborrece. Ha de possuir-vos inda que para isso tenha de mover uma guerra civil.

D. Leonor

Uma guerra civil... santo nome de Deus!

Henrique

Nos acuda, senhora, quando tão mal encaminhada vai a vossa sorte! Vosso irmão está preso... O vosso pagem, quem sabe onde estará? talvez cadaver...

D. Leonor

Que dizeis? cadaver!

Henrique

Digo, que abati o seu orgulho com a ponta d'este punhal...

D. Leonor

Monstro! E elle que m'o não disse... Vai, malvado, vai, longe de mim... Hei de vingar-me... não abuses de minha fraqueza... hei de vingar-me...

Henrique

Com effeito!

D. Leonor

Nem uma palavra, infame escravo!

Henrique, *apertando-lhe um pulso*

Silencio, mulher; silencio, D. Leonor... que já tenho outra linguagem! Não ha nada que vos salve de ser hoje d'el-rei! As trevas da noute hão de vêr-vos passar, e não saberão dizer onde pára a berlinda, que vos conduz! Os vossos gemidos serão gemidos no deserto; e as vossas lagrimas hão de mover-me, como os ventos movem a rocha! Nada vos defende, orgulhosa! O irmão, não, eu t'o affirmo, que geme, e gemerá debaixo de ferros...

D. Leonor

Ah!

Henrique

O pagem?... tambem não... que lhe resta poucos momentos de vida...

D. Leonor

Meu Deus!

Henrique

Então, D. Leonor, já sabeis ao que vim? é precis acompanhar-me, e já...

D. Leonor

Nunca... — *(gritos proximos).*

Henrique

Estes gritos! Soldados, conduzam esta mulher á minha berlinda...

D. Leonor, *a uma janella*

Soccorro! soccorro! — *(Dois tiros fóra)*

Vozes

Morra o valido... morra o valido!!

Henrique

Estou perdido! Soldados, resistencia...

SCENA ULTIMA

OS MESMOS, E OS CAVALHEIROS *que vimos na conspiração, entrando por todas as portas; lançam-se aos soldados.*
AGOSTINHO *á frente com a adaga desembainhada.*

Agostinho, *para os conjurados:*

Suspendei! *(para Henrique)* Malvado, eu te conjuro para que me digas a prisão de D. Manoel de Mello... inda vive?

Henrique

Inda vive... nos subterraneos do castello d'Evora...

Agostinho

Poderias morrer com o teu segredo, infame! *(Ergue a adaga).*

D. Leonor, *ajoelhada ante elle*

Perdoai-lhe, que é um miseravel escravo!

Agostinho

E' um miseravel escravo! *(perturbado)* E o meu juramento!... *(deixa cahir a adaga)*

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

O SUICIDIO

Fugiu-lhe a alma indignada, e na montanha
Tartarea inda blasfema...

(Camões, Lus. — Cant. 4.° Est. 48).

Vista do carcere do castello d'Evora; com porta ferrea communicavel com corredor subterraneo. Alguma palha, um cepo, uma bilha d'agua, ao pé d'uma porção de pão.

SCENA I

D. Manoel de Mello, *levantando-se trôpego:—vozes sumidas*

E' um soffrer illimitado! Sempre estas trevas... sempre estas abobadas sepulchraes... sempre este pavimento gelado... sempre estas algemas... estas palhas, e a idéa d'esta morte tão feia... tão espantosa! Estes ferros tão pesados... este existir mais pesado que elles... oh! que dôr! Estala-me o coração... as lagrimas morrem-me nos olhos... falta-me o ar... abandonam-me os sentidos... Minha querida irmã... minha Leonor... minha vida!... (*como desfallecido senta-se: pausa: levanta-se lentamente*) Eu tive um amigo... amava-o como Deus ama os anjos, e adorava-o como os anjos adoram Deus!—e elle... elle—trahiu-me!—calcou o afago fraternal!—

esqueceu que lhe dei um nome... que o livrei do lodo da servidão!... O pagem! o filho de paes incognitos! Agostinho de Ceuta, levantou os olhos para a irmã do seu bemfeitor... recebeu-a nos braços á minha vista, e ousou, diante dos validos, proclamar o seu vergonhoso amor! Que é feito d'ella... que é feito d'ella?! Ha tres mezes que não vejo o dia! Que multidão de horriveis pensamentos a toldar-me a intelligencia! Quem sabe se nos braços do rei despota... nos braços do servo traidor, ludibriada... escarnecida... despresada... e talvez banida da nobreza! Justo Deus, se é negra a sua sorte, matai-me antes, que a eu conheça... Ainda ha pouco um sonho horrivel... Cuidei vêl-a abafar de paixão prostrada aos pés d'Affonso VI!... E este infame atormentava-a inexoravelmente com uma vista feroz... ria-se ás vezes com um riso de demonio, escarnecia-lhe a sua defeza, e o seu lamentar! Outras vezes cortava-lhe o pranto com um grito medonho!... Ella tranzia-se de susto... lançava-lhe uns olhos de piedade... ia succumbir á cólera do execrado... eis que um punhal, e um braço de ferro descahe sobre o hombro do tyranno... e depois, uma musica tão sonora!... não sei se sonho tambem! e um canto tão funebre... desperta-me... afugenta-me este quadro menos horrivel no seu fim! E aquelles sons desappareceram... aquella melodia sumiu-se, e achei-me outra vez n'esta atmosphera abafadiça, n'este viver horroroso! Irmã de minha alma! eras tão estranha aos soffrimentos... tão alheia para o mundo... só conhecida pelo teu irmão... só afagada pelos seus carinhos! Insensato! ella amava um homem... amava um pagem!... queria denegrir os meus brazões com o nome do incognito... queria que o pagem fosse chamado esposo, e nem sequer com as lagrimas nos olhos me disse que

amava! Infamou-me... atraiçoou-me, e votou para a minha morte! Irmã, que eu tanto amava, delicias da minha vida, levaste-me á sepultura! Não me pesam estes ferros, não me congelam estas abobadas... nem me atormentam estas trevas... é a tua ingratidão, mulher, a tua ingratidão! Amaldiçoada sejas tu... foste o meu supplicio... o meu inferno! Mas... que delirio! Escravo das paixões sou eu... já senti a violencia do amor... a cegueira, a fraqueza do coração! Quem sabe se ella em vão se quiz vencer! quem sabe se a paixão supplantou o raciocinio!... Quantos suspiros lhe custaria aquelle amor! Triste condição do nosso espirito! Oh! se eu a visse agora tão extremosa, como a vi; tão consoladora, como a experimentei nas minhas paixões... tão nobre como no momento em que rasgava a carta do rei... tão espirituosa e amante, como n'essa hora aziaga em que se lançava nos braços d'Agostinho de Ceuta! que repugnancia sinto com este nome! se a visse... perdoara-lhe... e fizera cahir-lhe no seio lagrimas d'irmão...

SCENA II

D. MANOEL, E O CARCEREIRO

Carcereiro

Deus vos guarde, senhor. Parece que vos vejo mais animado que hontem!

D. Manoel

Sim, dizeis a verdade. Estou mais animado que hontem para morrer...

Carcereiro

Deus ha de fazer o melhor... (*á parte*) Que impressão tão dolorosa me fazem os padecimentos d'este ho-

mem! (*alto*) pois parece que ha razões para soffrerdes menos...

D. Manoel

Acaso sabeis de minha irmã?

Carcereiro

Não conheço vossa irmã, nem tive ainda o gosto de vos conhecer; e bem ingrato sois em occultar o vosso nome a quem tanto d'affeição vos tem!

D. Manoel

Sois um bom homem! Dizei, porque devo soffrer menos?

Carcereiro

Porque tendes musica na visinhança.

D. Manoel

Musica?!

Carcereiro

Sim:—entrou hontem á noute para aquelle subterraneo um rapaz ainda novo, bem apessoado, e trazia um bandolim. Vêl-o ahi, que, em lugar de cahir na melancolia, como vós, logo hoje começou a tocar e a cantar com grande gosto!

D. Manoel *recordando-se*

Não me enganei... foi o canto, e o som, que me despertaram do sonho!... E não sabeis o nome d'esse infeliz?

Carcereiro

O que sei é que veio á ordem d'el-rei, e tanto basta. Vamos ao que importa... ai que ainda tendes o pão todo! Vêde se comeis, porque é melhor sahir vivo d'aqui a vinte annos, que, morto, ámanhã... Estaes tão pensativo! cobrai animo, tende espirito como o vosso visinho.

Ora isto! quantos aqui tem estado por ordem d'el-rei, e todos sahem mais tarde ou mais cedo... Animo, animo, e até logo (*sahe*).

D. Manoel

Affonso VI, Affonso VI, que epocha tão sanguinosa perpetuou o teu reinado! Flagello de portuguezes! que gemidos não vão por essas masmorras, que desterrados por esses sertões! Debaixo da tua prepotencia, o pai não póde contar com o filho, o irmão com a irmã, o esposo com a esposa! Quantos amantes tem anniquilado o teu zelo infernal e a tua nefanda dissolução! E serás tão criminoso impunemente á face de Deus, e dos homens! Não gemerás coberto de miseria, como eu gemo, carregado de ferros como eu, subjeito ao cutelo do algoz, como eu estou á tua vingança! Oh! se este coração não lisongeia a propria dôr, eu te juro que tens de tragar os amargores das masmorras, e os ferros do condemnado!... Tyrannos do throno, despotas da terra, presas do inferno! Os opprimidos soffrem até ao penultimo orgão do soffrimento! Quando a seiva do despotismo lhe ameaçar a derradeira fibra, tremei, ó reis, tremei, validos, que a sua cólera fulmina como o raio, os seus gritos são de estertor, sanguinarios e pavorosos... o seu sangue flue em torrentes, e sobre ellas os thronos fluctuando vão d'encontro a cadaveres despedaçar-se!

Perto de mim ha uma victima... um desgraçado como Manoel de Mello, e quem sabe se ainda mais! Porque padecerá?! talvez cavalleiro de nome e serviços que tivesse uma irmã... immolada á luxuria do rei devasso... Talvez amante, que ainda é mais, roubada a seus olhos... longe de seus suspiros, desenlaçada de seus braços, est'hora talvez... (*ouve-se o preludio do bandolim*) Eil-o...

CANTO

Beatriz, Beatriz, eu perdi-te !
Onde estás... nunca mais te verei !
Carregado de ferros d'amor,
Bem mais duros que os ferros d'el-rei.

Eras minha ! já dado me havias
Coração, alegria, e prazer !
Mas el-rei invejou-me a ventura,
P'ra gozar-te, mandou-me morrer !

Justo Deus ! maldição sobre o rei,
Prepotente, cruel, e inhumano,
Que escarnece dos povos a lei,
E sobre elles calcou tão tyranno !...

D. Manoel

Lamenta uma mulher, que havia encher de doçura a sua vida !—uma parte da sua alma, que lh'a usurpou o monstro coroado, o espectro horrivel, que vai ao centro de nossas familias gravar o ferrete da deshonra na virgem recatada, na esposa promettida !... Foi uma voragem, que lhe rebentou debaixo de sua felicidade... devorou-lh'a, morreu-lhe a esperança, e o resto d'essa existencia desbotada, e resequida, ha de sumir-se-lhe pelos angulos d'estas rochas... E ella ! coitadinha ! a pomba empolgada pelas garras do falcão, lá vai gemer longe dos seus, cheia de terror, e de deshonra, e de vergonha ! «Justo Deus ! maldição sobre o rei !»—dizia elle... mas, ah ! que a vingança de Deus é tão tardia ! O corisco celeste não fulmina o monstro, e os crimes seguem-se, e ligam-se, como os feitos de uma raça igno miniosa ! (*ouve-se ao longe uma pancada forte*).

Voz, *dentro*

Quem bateu ?

Voz, *dentro*

Da parte do Santo Officio.

D. Manoel

Da parte do Santo Officio! Talvez alguma intriga! não póde ser... eu sou seu familiar!... grandes cousas se tem passado!

SCENA III

D. MANOEL, AGOSTINHO DE CEUTA, E DEPOIS O CARCEREIRO

Agostinho

Que horror! (*baixo*).

D. Manoel

Talvez o meu verdugo...

Agostinho

Não é o vosso verdugo...

D. Manoel

Esta voz...

Agostinho

E' a do vosso pagem Agostinho de Ceuta.

D. Manoel

Agostinho de Ceuta!—esse malvado vem exacerbar minha dôr á profundidade da terra?!

Agostinho

Meu Deus... elle está demente! (*baixo*).

D. Manoel

Falla, traidor!—a que vens?

Agostinho

Está illudido... acaso pensará que...

D. Manoel, *approximando-se*

Responde, responde áquelle que te fez homem de nome, e te deu armas, elmo, e capacete! Responde áquelle que te deu o coração, e os seus mais mysteriosos sentimentos! Responde áquelle, que te chamava amigo d'alma, e que te explicava o riso, que lhe esvoaçava nos labios, e as lagrimas que lhe despontavam nos olhos! Responde áquelle que atraiçoaste; – ao irmão trahido de D. Leonor de Mello!

Agostinho

D. Manoel, basta... por compaixão...

D. Manoel

Pagem, a que vieste?

Agostinho

A dar-vos prazer.

D. Manoel

Prazer do inferno! a que vieste, pagem?

Agostinho

A dar-vos liberdade.

D. Manoel

E' a liberdade que dá o algoz ao laço do condemnado...

Agostinho

Senhor D. Manoel, a vossa razão está alterada. Esmagai meu coração; mas deixai com vida a pureza de meus sentimentos... esmagai-o, que pouco afan haveis mister para isso; mas deixai-o primeiro arrancar os espinhos, que lhe cravaes tão pungentes!...

D. Manoel

Ah! pagem, pagem, que assim profanas a honra e

pureza de sentimentos! onde está a honra n'aquelle que esqueceu o sagrado direito da hospitalidade, o direito mais sagrado do amigo, para lhe roubar os carinhos d'uma irmã, que era o matiz da vida do atraiçoado— que era uma luz consoladora nas trevas d'uma vida desgostosa e uma gota d'agua n'um deserto abrazador! Pagem! onde está a tua pureza?! Tu ias com mão alçada denegrir a gloria de meus passados... ias lançar um véo negro sobre os meus brazões, e sepultar no esquecimento o nome dos Mellos... Pagem! onde está a tua pureza?

Agostinho

Na minha justificação.

D. Manoel

Como é que se justifica o amante, que recebeu nos braços a sua amada, em face do proprio irmão?!

Agostinho

Explicando a simplicidade, e a innocencia d'esse acto.

D. Manoel

Innocencia! Diz cá, homem, não sabes que eu tambem tive paixões, que tambem amei, que conheço a innocencia d'um abraço?!—Offendes-me, e escarneces-me...

Agostinho

D. Manoel de Mello, não sei que inspiração intima me manda ser tão sincero como orgulhoso n'este momento! Eu não tenho palacio, nem brazões; mas tenho um coração como o vosso:—não tenho retratos, nem lanças de meus passados: mas tenho uma corda no coração, cujo som corresponde a outra igual, que tendes afinada pela mão do mesmo artifice. Eu, e vós somos

dous homens, que lançados em um sertão, depois do nosso nascimento, em tempo algum diriamos um ao outro:—«eu sou nobre, tu és plebeu: eu abri os olhos entre os damascos, e as sedas dos palacios, e tu, entre os boreis, e as palhas das cabanas». D. Manoel, do nobre ao plebeu vai a differença do regato pobre e manso, ao rio caudaloso e bravo:—a agua é a mesma; a differença está na placidez d'um, e na arrogancia do outro. Ha um grande mar, onde as aguas se confundem; ha uma eternidade, onde as jerarchias desapparecem... Eu amava D. Leonor de Mello, porque minha alma era mais nobre que as minhas insignias, e se divorciára com os preconceitos do mundo. O coração me estale nas cavidades do peito, se n'este amor de pagem para fidalga, cahiu a nodoa da malignidade, e o sentimento da impureza! era um amor monotono atravez d'uma existencia immaculada, um amor sem triumpho, qual arvore, que conserva as folhas em toda a vida sem produzir um fructo! Eu tinha confiança bastante na minha honra para temer uma alteração vergonhosa em meu caracter. Nunca vos pintei o quadro do meu coraçõo, porque sentia uma barra de bronze sobre o peito, e as vozes morriam-me na garganta...—morriam, porque vos conhecia possuido de prejuizos, e incapaz d'ouvir, a sangue frio, uma confissão ingenua do plebeu, do aviltado, do despresado, do condemnado com o ferrete da insociabilidade. Entendi, que os meus sentimentos não eram sentimentos; que o meu coração não era coração; que o meu amor era uma cousa sem nome, desconhecida para o homem sem nobreza; que... era um monstro produduzido no filho de paes incognitos. Mas este pária da sociedade, Agostinho de Ceuta não era capaz d'uma traição! As explusões, que lhe rebentavam no peito,

quando via deprimida a honra de D. Leonor de Mello, eram involuntarias illusões do instincto, que se julgava habilitado para o amor... Aquelle transporte, que testemunhastes, e que me traz o labeu de traidor, foi resultado de duas impressões, que gladiam—a do amor, e a da raiva!—Se eu visse D. Leonor de Mello nas aras nupciaes com um cavalleiro... eu folgára por instantes na sua felicidade, e iria depois finar-me de dôr, e de tormento nas lavas do amor...—mas... nos braços d'Affonso VI prostituida... gosada... perdida... oh! nunca, inda que a vossa vontade o determinasse!

D. Manoel

Agostinho, não me offendas! A minha vontade... disseste tu... a minha vontade! Não vês estes ferros, estas rochas, são a prova de minha honra...

Agostinho

E estas palavras o são de minha pureza. D. Manoel, que me resta fazer para recuperar meus creditos?

D. Manoel

Um perdão para as minhas injustiças, uma desculpa para a minha fantazia... e...

Agostinho

Dizei, que me resta?

D. Manoel

A constancia da vossa honra... Mas D. Leonor minha irmã onde existe?

Agostinho

Livre da desgraça, e protegida pelo dever de pagem, e não d'amante.

D. Manoel

Livre da desgraça! (*lança-se-lhe nos braços*) Ah! dá-me o gosto da vida, livra-me das margens da sepultura!...

Agostinho

Prestes, prestes, senhor; é precisa a vossa liberdade... já, já, que mais tarde sereis victima do furor d'el-rei, ou dos privados. Vossa irmã está no mosteiro das religiosas da Madre de Deus. Roubei-a ao valido Henrique de Miranda, no extremo momento de a salvar: está salva, D. Manoel, e vós tambem o estaes... (*introduz-se no corredor subterraneo, e tange uma sineta*).

D. Manoel

Oh meu Deus, meu Deus, que sublimes são vossos mysterios!

Agostinho, *volvendo*

Depressa a vossa liberdade... (*entra o carcereiro*) Homem, a chave d'aquelles cadeados?

Carcereiro

Senhor...

Agostinho, *com a adaga em ameaça*

A chave d'aquelles cadeados, ou morres! (*ouve-se estrondo em porta remota*).

Carcereiro

Senhor cavalheiro... eu vos empenho a minha vida, que me deixeis abrir a porta... Espero aqui hoje o ministro d'el-rei...

Agostinho

Henrique de Miranda?

Carcereiro

Sim, sim.

D. Manoel

Estamos perdidos!

Agostinho

Estamos salvos... Eu não sahirei... esconder-me-has d'aqui perto, e logo que elle saia...

Carcereiro

Porei em liberdade o preso...

Agostinho

Vamos... D. Manoel, esperança! Meu Deus! como castigaes o criminoso na presença do crime! (*sahem*).

D. Manoel

Sinto arfar meu coração como nunca senti! não é pavor... as forças esvaiem-se-me rapidas como a vida... é um agouro tremendo...

SCENA IV

HENRIQUE DE MIRANDA, E D. MANOEL DE MELLO

Henrique, *baixo*

Que ar tão carregado se respira aqui! por isso o orgulho n'estes lugares perde muito da sua força... D. Manoel de Mello, está aqui Henrique de Miranda, ministro d'el-rei.

D. Manoel

Sejaes bem vindo.

Henrique

Tendes conhecido qual a vingança d'um rei desacatado?

D. Manoel

Conheço qual a vingança do despota.

Henrique

Sabeis que esse novo crime póde perpetuar vosso tormento?

D. Manoel

Sei, porque o despotismo é illimitado.

Henrique

E se os vossos tormentos cessarem hoje, deixará de ser despota Affonso VI?

D. Manoel

Ha de sel-o sempre, em quanto não justificar a causa dos tormentos porque hei passado.

Henrique

Fostes d'encontro aos seus desejos.

D. Manoel

E elle espezinhou os meus direitos.

Henrique

Os direitos do vassallo, nos gabinetes dos reis, valem tanto como um compendio de moral nas mãos d'um dissoluto. A liberdade dos povos tem força de lei, em quanto é dispensavel aos monarchas.

D. Manoel

Vós o dizeis.

Henrique

Imaginae que já estaveis prefazendo os tres dias de oratorio, e que vos interrompia um mensageiro a idéa da eternidade para vos annunciar perdão, e vida.

D. Manoel

Exultava de prazer.

Henrique

E se vos dissessem que algumas condições vos eram impostas para serdes livre?

D. Manoel

Ouvia-as primeiro.

Henrique

Tal, e qual o vosso estado. Quereis salvar-vos?

D. Manoel

Quero, salvando a minha honra.

Henrique

E se vos pozessem a honra no prato de uma balança sobre a sepultura, e a vida no outro prato sobre felicidades immensas?

D. Manoel

Desceria com a honra á sepultura.

Henrique

Isso são bellas theorias... Estaes condemnado á morte por haverdes conspirado contra a vida d'el-rei.

D. Manoel

Mentis.

Henrique

Se não respeitasse o vosso estado, cara vos ficaria a deshonra que me fazeis...

D. Manoel

Muitas vezes vol-o disse em publico e nunca me pedistes satisfação.

Henrique

Em summa, estaes condemnado á morte. Fazei com que vossa irmã passe ao poder d'el-rei, e sereis livre.

D. Manoel

Ide-vos, não o quero ser.

Henrique

A amisade de vossa irmã com el-rei será um mysterio, que nunca vos dará deshonra.

D. Manoel

Ide-vos... Estou condemnado á morte.

Henrique

E nada vos salvará!, A morte é horrivel! o tempo descobrirá vossa irmã, e as vossas cinzas na sepultura não obstruirão a vontade do rei.

D. Manoel

E' o mesmo: a deshonra não baixará ás minhas cinzas.

Henrique

D. Manoel, decidi; o tempo vôa, salvae-vos.

D. Manoel

Basta d'injuria, malvado!—cumpre as missões do carrasco... Vae, leva minha cabeça ao teu rei, e reclama a recompensa do teu zelo! Leva-lhe estas vestes tintas de sangue, e as minhas armaduras retalhadas de golpes... O inferno se abra a meus pés, se esse tyranno algum dia conseguir a deshonra de minha irmã! Infame! diz-lhe que, depois de mim, fica uma nação inteira para me vingar... Diz-lhe que ha quarenta punhaes para proteger Leonor de Mello... que qualquer dos conjurados tem uma nodoa na sua familia, que lh'a esculpiu esse negregado... Hão de vingar-se, ou esta morra ha de arrefecer os seus ultimos suspiros...

Henrique

Não se vingarão, não. Aqui tens o nome de teus cumplices, para te acompanharem ao cadafalso, e experimentarem o alfange dos regicidas...

D. Manoel

Estão salvos, perverso, estão salvos, assim tu estiveras...

Henrique

Eu despréso as tuas ameaças, escarneço os teus delirios, e glorio-me na certeza de minha vingança... Que importancia dás a Leonor de Mello! Antes a queres contemplar nos braços do pagem?!—queres vêr no teu pergaminho uma nodoa, que as façanhas na guerra, e a sabedoria na paz, jámais extinguirão?! Já a vistes nos braços do pagem? já: tambem eu a vi! Quem sabe se a estas horas... vou exasperar o teu tormento... Queres saber como eu a encontrei? offerecendo-lhe a face para um osculo de servo, achado no lodo da relé, filho talvez d'um vil, rasteiro, e miseravel peão!

D. Manoel

E vistel-a dar-lhe um osculo?!

Henrique

Vi, vi, assim tu visses a luz do dia, que não fulge para ti, e o que tu desejas, que tudo morreu antes de o alcançares ..

D. Manoel

Mentes, mentes!

Henrique

Não conheces que tenho sido comtigo demasiadamente generoso? Não conheces, que tenho sêde de vin-

gança, que tenho o nome do valido, e, sendo nece ssario, o cutelo do verdugo? Olha cá, miseravel, não tremes, quando vês ante ti como a sombra do teu sepulchro, Henrique de Miranda, tão poderoso, como inexoravel, que recebeu de tua mão uma bofetada, porque recusou medir-se comtigo? Não imploras compaixão... ao rival, que escarneceste, e repelliste, quando amavamos ambos a D. Mecia de Noronha? E pensavas tu, que o privado do monarcha havia suffocar no peito a raiva, nas faces a vergonha, e o punhal no seio?! Ignobil! se não fosses hoje uma presa minha, que ninguem me disputa... se não tivesse como certa uma morte, que te ha de lentamente ralar n'este antro... n'estas rochas frias, e broncas... lenta morte e torturas... eu fizera já morrer comtigo a esperança!... Esperas salvamento? Queres um punhal da terra para tua defeza? queres uma lança do inferno para me affrontares? queres palavras do céo para me suavisar, e compungir?... nem a terra nem o inferno... nem o céo te protege! Morres... e bem vingado me deixas!... Morres, e não morres hoje, nem ámanhã, nem depois!... Imaginas, o que é morrer coberto de miseria... abatido pela fome, vêr morrer primeiro n'estes angulos as vozes moribundas! chamar a irmã, vêr uma rocha... chamar o pagem, vêr um espectro... verter lagrimas de rancor, e de saudade, e vêl-as geladas n'este pavimento... na tua sepultura... sabes o que é isto? é a vingança do valido, é a raiva, é o ciume do amante que venceste, é... o preço d'uma bofetada!

D. Manoel

As horrorosas sombras da tua maldade não escurecem a providencia de Deus!... Eu serei resgatado...

Henrique

Fanatico! morres na tua inutil crença! Pensas que virá aos subterraneos do castello d'Evora algum anjo do céo, para te proteger com as suas azas? Insensato! não sabes que a minha vingança é mais poderosa que o teu Deus? Ruge como tigre, lamenta como sereia, e vê se algum dos teus santos dobra a ponta d'este ferro, ou suavisa as algemas, que te roxeam os pulsos?!...

D. Manoel

Ha homens na terra, que executam as inspirações do Altissimo, e o vingam das blasphemias dos condemnados.

Henrique

Ha homens...—queres cá o teu pagem? queres cá o teu francez?

D. Manoel

Que fizeste ao meu francez?

Henrique

Conheces-lhe o sangue na ponta d'essa adaga?

D. Manoel

Que fizeste ao meu pagem?

Henrique

O teu pagem?... matei-o.

D. Manoel

Mentes, cobarde, mentes!

Henrique

Minto! quem t'o ha dito... acaso terás communicado!... Carcereiro... carcereiro...

SCENA ULTIMA

OS MESMOS, E AGOSTINHO DE CEUTA

Agostinho

Não é o carcereiro: é Agostinho de Ceuta, que apparece ao seu matador.

Henrique

Inferno! Traição!

Agostinho

Inferno?—está esperando a tua alma! Traição?—é o modelo das tuas; mas excede-as no sangue!

Henrique

Deixa-me...!

Agostinho

Deixar-te! Ha tres mezes, que te deixei a vida, quando te tive debaixo d'esta adaga! Lembras-te d'aquella madrugada, que entraste armado na casa do duque do Cadaval... que entraste na sala de D. Leonor de Mello... que lhe pozeste guardas nas avenidas d'essa casa... que lhe apertaste assim... os pulsos, e a mandavas metter n'uma berlinda pelos soldados brutaes? Lembras-te, valido d'el-rei?

Henrique

Perdão...

Agostinho

Perdão, dizes tu! vil, cobarde! não tens á cinta o punhal que matou o francez, que feriu Agostinho de Ceuta, e que nem os santos dobram?! Estás a face com o inimigo, com a mais forte barreira de teus crimes... com o teu algoz, e não o derrubas?! Amaldiçoado! ainda ha pouco impunhas condições de morte

áquella victima... pintavas-lhe o oratorio, o alfange, o patibulo, a deshonra da irmã, e agora... encontras um verdugo, que te não concede um momento de resolução!

Henrique

Perdoae-me!

Agostinho

Perdoar-te! Não ouves os brados de D. Mecia de Noronha, d'aquella virgem que vendeste ao prostibulo do teu rei... d'aquella amante que roubaste áquelle homem... d'aquella filha que roubaste a paes tão carinhosos, que a choram por ahi infima andeja, a barregã, a cobrir a vergonha do rosto com um véo, que lh'o não cobre... a vergonha, maldito, a vergonha, que lh'a gravaste n'aquelle rosto, todo innocencia, virgindade, e timidez?...

Henrique

Remorso!

Agostinho

Alma de pedra, pedra d'ignominia! E querias tu viver! Ruge como tigre, lamenta como sereia e vê se os teus demonios torcem a ponta d'este ferro!... ou suavisam o peso d'este braço... Não é assim que dizias ha pouco áquelle homem? Já sabes que o Altissimo tem homens na terra, para o vingarem das blasphemias dos condemnados! Já vês que ha um punhal da terra, para defesa de D. Manoel de Mello? Predisseste alguma vez, que este calabouço seria o teu expiaculo? que os amores d'el-rei te cavavam a sepultura nos subterraneos do castello d'Evora? que este ar carregado, que te custava ha pouco a respirar, havia ser mais insupportavel, e deleterio, pela putrefacção do teu cadaver?!

Henrique

Ah! não me mateis...

Agostinho

Morres... morres... que não ha aqui uma D. Leonor de Mello, para salvar-te... morres... morres! (*ergue a adaga, Henrique foge-lhe*).

Henrique

Morro; mas não ás tuas mãos!... (*crava-se o punhal*) Inferno... In... fer... no! (*cahe*).

Agostinho, *indigitando-o.*

Julgou-se! morreu como devia morrer...

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO QUARTO

O FILHO DE PAES INCOGNITOS

Depois da procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento.

(Camões, Lus. — Cant. 4.º Est. 1.ª).

PRIMEIRO QUADRO

Espaçoso interior de uma cella do mosteiro de religiosas da Madre de Deus. — Oratorio, etc. — Grade para o exterior.

SCENA I

A MADRE ABBADEÇA, SOROR CONSTANÇA DA NATIVIDADE,
E DEPOIS D. LEONOR DE MELLO

Soror, *ajoelhada, e orando por um livro.*

«Espirito Santo, vinde a nós, e enchei os nossos corações do vosso amor. Nós vos rogamos por toda a Egreja, por este reino, pelo papa, pelo nosso prelado, e por este patriarchado.»

D. Leonor, *entrando.*

Venho interromper-vos, madre abbadeça? eu ausen--me... perdoae-me...

Soror

Não, não, minha filha, antes vos adiantastes a dar-me a satisfação, que eu esperava receber, depois de vos mandar chamar á cella. Acabei agora de rezar a minha oração particular. Então, minha Maria de Nazareth!... custa-me tanto a dar-vos este nome!.. Minha filha, tomára já vêr-vos professa para vos dar o divino nome de irmã!

D. Leonor

Bem cedo será...

Soror

Para bem de vossa alma, que é mui docil, e parece que foi amoldada para o serviço de Nosso Senhor Jesus Christo! Tenho lastimado, no fundo de meu coração, a melancolia, que vos definha tanto, tanto! Apenas ha tres mezes que viestes para este mosteiro, vinheis esbelta, córada, e agora estaes de todo em todo consumida, como se n'estes lugares estivesse o vosso desgosto! Eu parece-me que foi por vosso beneplacito que viestes!

D. Leonor

Foi, foi, minha mãe.

Soror

Então porque passaes o tempo encerrada na cella? ¡ Nunca vos encontro no refeitorio, só vos acho no côro, quando se falla com Deus, e logo depois ides de novo para a solidão!

D. Leonor

São saudades de minha familia, que me estremecia muito... Eu amava tanto... meus paes, e meus irmãos!...

Soror

Ora pois, ainda bem, que tendes um bom coração,

que será tão sensivel, e meigo, para com seus superiores, como para com seus paes. Olhae, Maria de Nazareth, as nossas primeiras obrigações, devem-se a Deus, e as outras aos paes, ao proximo, e á nossa felicidade, que é a vida futura. A idéa da eternidade cheia de prazeres de espirito, e consolações puramente da alma, deve distrahir-nos de qualquer outra lembrança mundana, que será sempre impura. Haveis por certo vêr vossos paes, e irmãos, quando estivermos todos a adorar o Creador de todas as cousas, e é então, minha filha, que as nossas celestes vistas se hão de encontrar, e bem diremos reciprocamente o nosso zelo na religião, que só se adquire debaixo d'estes habitos, e longe das cousas mundanas e enganadoras.

D. Leonor

Dizeis bem... dizeis bem...

Soror

E', pois, é preciso que a nossa noviça se revista do amor de Deus, e se esqueça do amor do mundo. Deixar ao tempo o esquecimento d'elle, e voltar-se inteiramente ás obrigações do seu cargo, porque d'aqui a poucas horas será professa, e então mais violento lhe será o esquecimento do temporal; porque ha a certeza de não volver a elle. Vós choraes, minha filha? isso não é de boa serva de Deus, e esposa de Jesus Christo! Eu estou aqui para vos consolar, e não para pungir vossos soffrimentos! Orae, orae ao Pae celeste, que vos conforte, e reanime com um raio da sua infinita graça. Ficae-vos sósinha por alguns minutos, que eu vou dar as providencias necessarias para a vossa passagem do temporal para o espiritual. Aqui tendes um devocionario, repeti muitas vezes esta jaculatoria, que começa: «Meu

Deus, fortificae o meu espirito.» Até logo, minha filha. (*sahe*).

SCENA II

D. Leonor, *só: depõe o livro.*

Meu Deus, meu Deus, fortificae o meu espirito! (*ajoelha*) Fazei descer sobre minha alma o esquecimento do passado. Dae-me forças para supportar este golpe tremendo... que eu possa ao menos morrer na vossa graça... Morrer para o mundo! (*levanta-se como transportada*)—morrer para o mundo! não o tornar a vêr... Tres mezes n'esta clausura sem uma nova d'elle... Agostinho... e o meu irmão, talvez já morto, e o meu amor findar no esquife! O' minha sorte, que assim és cruel! Não tornar a vêl-o .. pensar com vida n'este adeus eterno... n'esta separação eterna... não posso, meu Deus, não posso! Vêr n'um momento extincta a minha esperança; ao longe o futuro sempre negro, sempre o mesmo futuro... Isto é horrivel, meu Deus! Eu verei romper a aurora, verei esconder-se o sol, e sentirei a queda muda dos bagos d'areia, na ampulheta da minha vida, cheia de tribulações! Verei passarem-se os annos pelos ossos da minha face, pelas grades da minha cella, pela tristura d'uns habitos... os annos... a minha mocidade, e Agostinho... nunca... nunca! As minhas lagrimas serão consoladas com a longa oração, com este consolo inutil para o meu espirito, inutil... oh meu Deus! eu não posso enganar-vos! inutil!... eu não posso esquecel-o!... Quando elevo o espirito á vossa grandeza, cuido vêr n'elle a imagem do céo, a eternidade dos prazeres, e a minha unica consolação... Morreste-me, querido Agostinho, e eu vou hoje morrer para ti! Eu amava-te profundamente... eu chorava comtigo a horrorosa nobre-

za, que nos separava, e tu... tão cheio de esperanças, tão enganado pelo coração, mandavas-me esperar o futuro! Eis-aqui o meu futuro... uma clausura, um habito, e uma cruz! Nem uma esperança me resta de o vêr... que dureza, que desesperação! Nunca mais... perdi esposo... perdi irmão... fechei-me á luz do dia... ás vistas do amante, sem um indicio da sua vida, sem uma lagrima dos seus olhos, sem um suspiro... sem uma palavra consoladora... Deus piedoso (*ajoelha*) foi um crime adoral-o... mas perdel-o?!... Sem pae, sem irmão, orphã, sacrificada (*levanta-se*) a uma vida que detesto!... Ninguem me livra d'este peso... Morte... morte! rouba-me a lembrança d'elle... Agostinho, minha vida, meu amor, não me ouves... morreste... o esquife... professa... aquelles sinos... aquelles habitos... aquellas tochas... livra-me, Agostinho, Agostinho, foges-me, ingrato, eu fico... Ah! (*cahe desmaiada*).

SCENA III

D. LEONOR E SOROR

Soror

Jesus, Maria, que vejo! Desmaiada! que côr tão morta! e o pulso tão abatido! inda vive... que farei, meu Deus! Maria, Maria, minha querida filha...

D. Leonor

Que é d'elle... já foi...

Soror

Já foi... quem?!

D. Leonor

Para sempre... disse elle! Nunca mais me verás! Leonor, esquece-te, se poderes... Não nasceste para

mim... A nossa sorte foi desgraçada... adeus! Agostinho, meu irmão, vae perigrinar. . O rei desterra-te...

Soror

Céos! que ouço... que mysterios!

D. Leonor

Se eu podesse rasgar estes ferros... rasgar estes habitos... hei-de ir... hei-de ir... espera...

Soror

Santo nome de Maria!

D. Leonor

Este coração... não posso votal-o a Deus... era teu! Religião... tudo por ti... só tu... és o meu Deus, a minha vida... aqui no céo... no inferno...

Soror

Oh meu Deus, que padecimentos!

D. Leonor

Que horror... que demonios... que larvas... ah! (*recuperação do juizo*).

Soror

Minha filha, minha Maria, ponde os olhos n'aquella cruz!

D. Leonor

N'aquella cruz? sim .. eu rezo (*ajoelha*) meu Deus... meu pae, fortificae meu espirito, perdão, meu Deus... perdão... Mas vós ouvistes (*para a Soror, e levanta-se*) ouvistes? não sei que foi... uma dôr, um accidente...

Soror

Estaes mais descançadinha?

D. Leonor

Estou... Deus vos pague. Acordastes-me d'um sonho tão pesado.. tão pesado... era muito...

Soror

Era, era, minha filha, sentae-vos: serenae o espirito... não estaveis de boa razão?

D. Leonor

Não estava, não: era um delirio.

Soror

Coitadinha! soffreis bastante!

D. Leonor

Soffro... soffro: sou uma escrava!

Soror

Uma escrava?

D. Leonor

Sim, e arrasto sobre espinhos o meu captiveiro! A minha vida está núa de esperanças... será vida de lagrimas e tormentos...

Soror

Resignae-vos, Maria; occupae vossa alma no sublime da religião.

D. Leonor

Religião... dizeis vós!...

Soror

Sim, minha filha; ella é a melhor taboa de salvação, que um desgraçado encontra em um mar de tormentas, e tribulações; e quem se não obraçar com a fé e com a religião, no momento das agonias, morrerá desesperado, e não se salvará.

D. Leonor

Eu hei-de salvar-me... hei-de, hei-de, com a vossa protecção.

Soror

Minha filha, a clausura perderia toda a sua santidade, se fosse violenta: estaes em tempo de consulta. Se não quereis professar, podeis hoje mesmo sahir, se bem que o duque de Cadaval, quando aqui vos introduziu como noviça, declarou, que se dentro em tres mezes, não fosses procurada, se vos désse o habito!... todavia, se quereis sahir...

D. Leonor

Não quero, não, minha mãe; quero... professar...

Soror

Mas vós ha pouco fallastes em Leonor, Agostinho, rei, isso que era?!

D. Leonor

Eu fallei...

Soror

Fallastes; mas seria effeito do delirio... Maria de Nazareth, não torneis a pensar tão profundamente nas cousas do mundo, para vos não tornar o delirio. Ide, ide preparar a consciencia para a confissão. Aprestai vossa alma para entrar na vida penitente, e no caminho do céo. Recolhei á vossa cella.

D. Leonor

Ficae-vos com a Virgem, madre abbadeça (*sahe*).

Soror, *só*.

Ha grande mysterio n'esta noviça!—aqui representam-se as pavorosas scenas d'um amor mal gozado, e de sinistras recordações! Bem diz ella, que lhe vae morrer

a esperança... assim lhe vivesse a ventura! A esperança morre lenta, e esvai-se como as horas da vida, lagrimosas e amargas atravez de uma existencia compacta, dura, e atribulada. Vem a morte, e n'esse fechar d'olhos do moribundo, apaga-se a derradeira faisca... e a lage da sepultura, alli confunde cinzas de cadaver, cinzas de gloria, recordações, esperanças... tudo... tudo! Quando eu amava... quando eu n'esta cella chorava mais que ella... bem mais!... Ella fallou n'um Agostinho... Agostinho... era... meu Deus!... o meu filho... filho de minha alma, e d'um rei maldito, que m'o usurpou... mostrou-m'o morto, e mandou-me amargar os effeitos da sua ingratidão n'esta clausura! João 4.º! riso da minha infancia, sombra da minha vida, fantasma de meus sonhos, foste um mau amante!... Mataste o meu filho, o teu filho, para que a minha amizade te não deslumbrasse a gloria! Se assim fosse teu successor, este rei, por quem peço todos os dias nas minhas orações, e a quem aborreço no fundo de minha alma!... Meu Deus! perdão... perdão... se alguem me ouvisse...

SCENA IV

SOROR, A PORTEIRA, E DEPOIS AGOSTINHO DE CEUTA

Porteira

Senhora abbadeça, para aqui se encaminha um irmão que busca fallar-vos.

Soror

Não sabeis que é prohido abrir a portaria a pessoas desconhecidas?

Porteira

Não me deu um momento de reflexão. Disse que vinha da parte do Santo Officio, e que entraria sem a menor hesitação.

Soror

Da parte do Santo Officio! Elle que chega: ausentai-vos.

Agostinho, *com habito de frade.*

Bemdito seja Deus nas alturas, e gloria lhe seja na terra. Madre abbadeça, eu vos ordeno, que, sem contradicção, mandeis que Maria de Nazareth, a noviça, venha a esta cella fallar-me.

Soror, *baixo.*

Santo nome de Deus, que é o retrato de D. João IV!

Agostinho

Perturba-vos a minha presença, madre?

Soror

Não... irmão! Quizera eu que me dissesseis quem sois... e os motivos porque vindes... pois nos é prohibido...

Agostinho

E'-vos prohibida uma infracção de vossos estatutos quando se torna escandalosa... Ainda mesmo que eu não fosse um proximo parente de Maria de Nazareth, não vos recusarieis ao que vos mando, porque nem sempre nos favorecem as circumstancias para uma recusa...

Soror

Mas... dissestes que da parte do Santo Officio...

Agostinho

Isso foi um pretexto.

Soror

Então que quereis?

Agostinho

Já vol-o disse: ficar a sós com Maria de Nazareth.

Soror

A sós... mas...

Agostinho

O tempo urge, madre, não menoscabeis o dever da obediencia... terei de empregar a força da vontade?

Soror

Ides vêl-a (*sahe*).

Agostinho

Minha alma, receio da tua fraqueza para commoções tão violentas! Inda a vejo... céos! eu vol-o agradeço! inda a vejo, depois de tres mezes! Hoje era o ultimo dia do seu noviciado, se uma fatalidade me demorasse...

SCENA V

D. LEONOR, E AGOSTINHO

D. Leonor, *que o não conhece.*

Senhor, quereis alguma cousa? (*assustada*).

Agostinho, *graciosamente.*

Chamais-me senhor?! — eu sou um monge, deveis chamar-me irmão.

D. Leonor, *corre a elle: Agostinho desce o capuz: ella recua, hesita, e lança-se-lhe nos braços.*

Ah!

Agostinho

Leonor... Leonor... como tem pesado em tua alma

estas horas de martyrio... estes dias de supplicio... Soffreste muito, meu anjo, soffreste muito?...

D. Leonor

Muito, muito.

Agostinho

E não esqueces todos os teus tormentos com o prazer d'este instante?

D. Leonor

E será só um instante?!

Agostinho

Eternamente será... Bem cedo nos braços de teu irmão, teus tormentos em delicias se convertem. Abandonar a patria... pouco importa, porque aborrecimento se deve á patria, que não conhece seus filhos... Sereis felizes em terra estranha; teu irmão conhecerá as venturas do amor fraternal, e eu encherei minha alma de uma amizade escrava de dous entes felizes...

D. Leonor

Então não nos segues?!

Agostinho

Eu vos seguirei com o coração...

D. Leonor

Antes diz, que não sou amada...

Agostinho

Leonor, amar-te eu, Leonor, é lançar a luva no circo da nobreza, onde se rivalisam grandes fidalgos na posse de tua mão. Eu lancei a luva a esse monarcha, porque de uma parte pleiteava a honra, e da outra a devassidão. Essa luva inda está por terra, e a mão d'Affonso não a ergue, por que lhe não cumpre despegal-a do

sceptro, que lhe vacilla mal firmado. Porém, declarar-se o pagem amado de Leonor de Mello, é ostentar-se nobre sem o ser, mostrar-se desprezivel porque o é, traidor porque lh'o chamam...

D. Leonor

Traidor! quem a tanto se atreve?

Agostinho

Teu irmão, D. Leonor, que direito para isso tem. Eu só tenho o coração a proteger-me, o coração... que se não conhece: sou fraco, fraco é o homem que ama... Já fui forte, quando os meus dias passavam ledos lá nas batalhas, depois fui escravo, porque Leonor se escravisára. Houve duas idéas grandes, e inimigas: aqui (*mão no peito*) estava a honra com as suas vestes severas, e pavorosas, a sombrear-me as risonhas gallas do amor... Via-te, e cada momento, sentia um fluido ardente calar-me as veias. Levantei os olhos para os teus brazões; vi castellos, lanças, mitras, arnezes, e escudos; mas não vi um coração. Olhei para mim:—vi um coração, e não vi mais nada. Lagrimas nas faces, suspiros nos labios, convulsões no peito e vermelhidão no rosto, eram, Leonor, tacitas confissões do coração, e tropheus do amor, que luctava, e vencia a idéa da baixa condição. Esta idéa era nobre...

D. Leonor

Sim, sim, nobre...

Agostinho

Nobre era aquelle sorriso animador, que trocavas pelo meu pranto! Era um refrigerio, que mitigava os baldões, que me referviam na intelligencia livre, e no coração escravo; era estrella d'alva, a desassombrar-me das trevas

da noute, era uma fonte para viageiro, que arde n'um torrado certão; era uma taboa para o naufrago em mar tormentoso! E ao cabo d'estas lagrimas, d'estes risos, d'estas convulsões, d'estes suspiros, eu, sem o teu amor, era um coração ferino, um espectro de tumulos, e os meus risos seriam horriveis, e hediondos, os meus suspiros áridos, como a atmosphera do Orco, as minhas lagrimas ardentes, como vagas de veneno, e os meus arquejos medonhos, como as convulsões do terramoto!

D. Leonor

Agostinho... intimidas-me...

Agostinho

Bem sei, Leonor:—sou o teu flagello. Soffres muito porque amas um pagem, e este pagem soffre porque deve soffrer... Não te horrorisem minhas palavras: ellas são acres como a minha baixeza, e asperas como a minha paixão: não ha doçura de sentimento no azedume da vida... A idéa do amor n'este coração é raio do sol, que, a furto, rompe a camada das nuvens. Houve um tempo, Leonor, que o terreno da minha vida não era todo espinhos: havia ainda um acanhado espaço, um vazio, onde guarecia as feridas dos espinhos, e onde vecejavam minhas lagrimas; e hoje espinhos é tudo, porque morreu a esperança, como a lua, que se esconde ao homem perdido por entre as trevas d'um bosque. Foi thesouro cahido nas voragens do pégo... esperanças para o céo... dissaboridas esperanças! esperanças para o inferno...

D. Leonor

Não blasphemes... olha aquella cruz...

Agostinho

Aquella cruz... é uma cruz, e eu... sou um homem.

D. Leonor

Agostinho, a razão foge-te...

Agostinho

Não foge, não:—cravada está nos espinhos da honra.

D. Leonor

E já não ha uma esperança?...

Agostinho

Haverá, porque a esperança é um tormento para mim...

D. Leonor

Ha de findar esse tormento, eu o juro. Hei-de amar-te... hei-de, Agostinho, em quanto viver. Hei-de amar-te pagem, como te amára rei... A todo o tempo...

Agostinho

Eu serei um pagem.

D. Leonor

Sim; mas meu irmão...

Agostinho

Será sempre um grande do reino.

D. Leonor

Pois sim; mas eu...

Agostinho

Serás sempre irmã d'esse grande.

D. Leonor

Basta, Agostinho, por piedade! Nunca te vi tão descoroçoado... O teu amor... o teu amor tem arrefecido.

Agostinho

O meu amor arrefece... o meu amor é gelo... o

meu coração é neve, Leonor? Queres palpar esse gelo... (*leva-lhe a mão ao peito*) queres te esfriar n'essa neve? põe a mão sobre este peito... Não sentes arfar ahi uma cratera... não vês as chispas das lavas a scintillarem-me nos olhos?... não vês as palavras, que d'aqui fogem, a abrazarem-me os beiços?... Eu não te amo, Leonor?

D. Leonor

Perdão... eu sou muito injusta...

Agostinho

Ah!—deixa-me recordar d'aquelles dias de delicia tão saboreados, e doces na phantasia, e tão amargos no coração... Que venda tão suave cobria minhas palpebras!... E quando os dedos magicos da tua alma levantavam esse véo de lisonjas, eu via um horisonte de candidez, e venturas, e nem uma nevoa de sinistro agouro maculava a minha felicidade! E hoje, Leonor, vejo o nascente turvo, e assombrado, e o poente, orlado d'arreboes, que me trazem a idéa do sangue, o sangue do amante, e o amante na sepultura...

D. Leonor

Foge d'essas recordações que me angustiam...

Agostinho

Deixa-me recordar... O nosso amor, os nossos primeiros affectos lembram-me como sonho de felicidade, a atormentar-me com a possibilidade de ser feliz... Antes de te amar... antes de te amar, disse eu!...—eu já te amava, no cáos, no berço, e no pensamento!—mas antes d'aquelle *amo-te* que me suffocou tres vezes, e cobriu de purpura o rosto do pagem... sabes qual era o prazer da minha vida?—era o clangor das guerreiras, o relinchar dos ginetes, o travar das

lanças, o estalido das espadas, os trons do ferro, e o fragor da guerra! Minha alma expandia-se ahi, e a minha respiração nunca foi cortada por grito de moribundo!... E hoje o guincho da ave nocturna faz-me trepidar, porque é um agouro, e tem um ecco em minha alma, que diz *amor!* A guerra tem outro, que diz —*morte!*—A vida tem outro que se reproduz horrivelmente, que diz *pagem*...—e o amor, e a morte...

D. Leonor

Não posso mais...

Agostinho

Recordações, ivos, que me pesaes acerbas no intimo fio de vida! Leonor, eu te juro, que tenho alma, e coração escravos: — se tu pudesses resgatar ao infeliz pagem esses dotes, que eram o seu patrimonio... Se lhe désses aquella alegria de joven, aquelle orgulho d'homem de batalhas... aquelle prazer... mas tu não tens prazer; a tua vida é uma taça d'amargor, que eu faço trasbordar... Perdoa-me, Leonor, perdoa ao louco! Dá-lhe um olhar de commiseração... dá-lhe um suspiro doloroso como os seus suspiros... que o pagem não ambiciona mais...

D. Leonor

Fugiremos para um deserto, onde a nossa tranquillidade, e o nosso amor, se livrem dos vexames da nobreza, e do egoismo...

Agostinho

O remorso, Leonor, punge nas cidades, e nos desertos: o amor não é bastante distracção para nos livrar deste cancro roaz, que dilacera...

D. Leonor

Remorso!—tens remorso de amar?!

Agostinho

Tenho remorso de trahir. D. Manoel de Mello, errante por essa cidade, bradaria contra o usurpador de sua irmã. O nome do pagem seria pronunciado com horror, e ouvido com horror! Teu irmão surgiria um dia, demente, furioso... e n'esse deserto... Leonor, n'esse deserto, que eu estivesse embebido nos teus carinhos... se me lá chegasse a infausta nova... tu perderias o esposo... e a tua vida como seria? negra como a minha alma... e a tua morte? desastrosa, e attribulada como a vida que vivo!

D. Leonor

Ah! deixa-me... antes me deixa... Já vejo que o meu destino é atroz, e será sempre assim...

Agostinho

E querias que te eu deixasse, Leonor? Oh! não... eu seguirei teus passos, e beijarei os teus vestigios. Vida, que no ralador das paixões se esvahe, tem uma lousa erguida onde os atomos agridoces da existencia lá se vão cahindo. Pois bem, erga-se essa lousa. A ultima contração do pulmão do apaixonado, é a paixão purificada... morre-se: — pois bem, seja teu esse ultimo suspiro. Morre-se... ahi está um cadaver... apontai-o... esculpide-lhe uma linha ingloria... uma palavra... — *amou* — e nada mais...

D. Leonor

Agostinho! meu amor!

Agostinho

Leonor... Leonor... tu serás minha! *(abraçam-se)*.

Voz, *fóra.*

Manda el-rei, nosso senhor, que Deus guarde, que, hoje ás tres horas da tarde, amplos, e abertos sejam todos os claustros d'este mosteiro, para se proceder a uma vistoria, tendente a negócios de seu real estado.

Agostinho

Hoje... ás tres horas da tarde!

D. Leonor

Livra-me, livra-me, Agostinho!—*(dão duas horas).*

Agostinho

Só falta uma!

D. Leonor

Livra-me, livra-me, pelo teu amor!

SCENA VI

OS MESMOS, E SOROR

Soror, *afflicta*

Irmão! Meu Deus! *(reparando)* que é cavalheiro! *(á parte)* senhor, estes pregões... que é isto... vós o sabeis... vós quem sois...

Agostinho

Sou um desgraçado, senhora.

Soror

Dizei... dizei que é isto? acaso sabeis...

Agostinho

Sei-o, como sabe que morre o padecente á vista do cadafalso!

Soror

Explicai-vos, senhor, que é isto?

Agostinho, *pegando-lhe do braço*

Senhora, prometteis protecção para esta infeliz! Prometteis livral-a da deshonra?

Soror

Que dizeis!... prometto, sim.

Agostinho

Esta desventurada não é Maria de Nazareth, é irmã de D. Manoel de Mello.

Soror

Ah!

Agostinho

A sua honra é procurada pelo rei, nos palacios, nos mosteiros, e nos altares...

Soror

Salvemol-a, salvemol-a...

D. Leonor, *de joelhos*

Minha mãi...

Agostinho, *o mesmo*

Nossa protectora...

Soror

Não é tanto... é o meu dever. Senhora, eu vos salvarei... mas, o tempo foge... vós sahi, e ella... está salva. A's tres horas não faltareis á porta do templo.

Agostinho

A' porta do templo... mas...

Soror

Não hesiteis... Ide, qualquer demora póde perdel-a.

Agostinho

Irei... irei. Inda mais este lance! Leonor, confiança

n'esta protectora de vossas venturas *(para Soror)* Sois uma divindade:—a mão de Deus a manter o direito de suas creaturas! Soror, Leonor, ás tres horas *(sahe).*

SCENA VII

D. LEONOR, E SOROR

Soror

D. Leonor de Mello, eu devia merecer-vos mais confiança, para fazerdes mysterios de vosso nome, e de vossos soffrimentos! Tanta affeição... tanta amizade... mal m'a recompensastes...

D. Leonor

Perdoai-me... Eu não podia... receiava muito...

Soror

Que debaixo d'estes habitos não houvesse um coração de mulher, não é assim?

D. Leonor

Eu respeitava-vos, e venerava profundamente vossa superioridade.

Soror

Inda eu agora mais respeito a vossa perturbação. Só vos direi com as lagrimas nos olhos, e com uma dôr já sopitada e dormente n'este peito, que, se me houvesseis descoberto a causa dos vossos tormentos:.. se me fallasseis no amor... as minhas sympathias, e consolos ser-vos-hiam mais gratos que os preceitos religiosos... que exacerbam...

D. Leonor

O amor... talvez...

Soror

Talvez que eu fosse uma sua victima, não é o que

quereis dizer? Amei, D. Leonor, amei, e hoje amo e odeio. Amo as sombras dos meus transportes; amo as recordações do passado; amo idealmente: é um amar terrivel! Odeio, ah! com que odio? com odio de mãe, a cujos braços roubaram um filho, para o sacrificarem aos creditos da corôa! Odeio como a filha roubada aos carinhos de uma familia para fazer a ventura d'um amante, por alguns dias pequenos, e fugitivos, e para gemer o resto d'elles longos, e tenebrosos, no antro d'esta clausura!

D. Leonor

Tambem soffreis muito... soffreis amor de mãe...

Soror

Amor, que me abraza! Se elle vivesse, seria hoje da vossa idade! Bello como seu pae... sensivel como sua mãe... mas... minha filha, morreu.

D. Leonor

E elle, o pae, o vosso amante...

Soror

Amante! — não o podia ser, que era rei... — era rei... não podia ser pae...

D. Leonor

Rei!... talvez o maldito!

Soror

Maldito, não, D. Leonor, não era maldito... Era um bom rei; mas um mau amante...

D. Leonor

Senhora, resignae-vos...

Soror

Assim vos dizia eu ha pouco, e vós choraveis... agora sou eu a que choro...

D. Leonor

Suspendei o pranto... eu vos imploro.

Soror

Dizeis bem: é preciso que a amargura outra vez adormeça n'este coração. Eu já sinto a profundidade dos golpes n'este momento de saudade, e agonia... Quero esquecer-me, ou a existencia me será retalhada em breves instantes!... Vamos, filha, vamos a cumprir a promessa da vossa protectora, e a affrontar a maldade do rei: eu, mais que ninguem, devo proteger-vos, que já experimentei o azedume dos amores de um monarcha. D. Leonor, vamos.

SEGUNDO QUADRO

Vestibulo do templo do mosteiro. Porta espaçosa e fechada de maneira a deixar, depois d'aberta, vêr grande parte do interior.

SCENA I

AGOSTINHO DE CEUTA, E DEPOIS O CONDE DE CASTELLO MELHOR

Agostinho, *passeiando no atrio: braços cruzados.*

(Tres horas)

Eil-as: d'aqui a momentos, Leonor estará salva, e salva... para quem?... Sacrificio com doçuras, crime com virtudes, paixão com regosijo — eis-aqui o meu

viver de tantos annos! — é uma vida singular! *(com attenção)* — aquelle cavalheiro... é o conde de Castello-Melhor... Retirar-me é impossivel: devo esperar.

Conde

Reverendo! sabeis que horas deu o sino d'este mosteiro?

Agostinho

Tres.

Conde

Sois capellão d'esta casa?

Agostinho

Não.

Conde

Tendes entrada n'ella?

Agostinho

Tenho.

Conde

Sabeis se ha tres mezes a esta parte tem entrado aqui alguma noviça?

Agostinho

Foi talvez sorteada para o serralho d'el-rei?

Conde

Que dizeis?

Agostinho

Nada... estava a gracejar.

Vozes, *longiquas*,

Morram os validos! Viva D. Pedro II!

Conde, *temeroso*

Sabeis que é isto, padre?!

Agostinho

Sei:—é uma conspiração.

Conde

Conspiração!—poderei livrar-me, padre, podereis livrar o valido d'el-rei?

Agostinho

Olha, conde, queres passar pelos revolucionarios sem ser conhecido, como eu passei por ti?

Conde

E tu fugias de mim?!

Agostinho

Se tivesses encontrado o pagem de D. Manoel de Mello, a fugir aos perseguidores, que lhe fazias?

Conde, *reconhecendo-o.*

O pagem de D. Manoel de Mello!

Agostinho

Sim:—eras capaz de te despojares d'esse manto, mascarado de crimes, e cobril-o a elle para fugir á morte?

Conde

Talvez fosse... não te offendia.

Agostinho

Nem eu te offendo. (*tira o habito, e mostra-se completamente armado, como pagem*) Aqui tens este habito, salva-te, que a tua vida escorrega na ladeira dos teus crimes... Vae... d'aqui se avisinham os cavalheiros (*o conde sahe*).

SCENA II

AGOSTINHO, D. MANOEL DE MELLO, E O DUQUE DE CADAVAL

D. Manoel, *ancioso.*

Agostinho, minha irmã está livre... Das portas da cidade já soam os gritos dos conspirados. O conde de Pombeiro ahi está á frente de tres mil homens. O infante marcha para o paço. Affonso vae ser preso... (*toque a professas).*

Agostinho

Este toque...

SCENA ULTIMA

(*Abrem-se as portas do templo*)

OS MESMOS, D. LEONOR DE MELLO, *ante um altar, á direita, com habitos de professa.* A MADRE ABBADESSA, FREIRAS *com tochas, e* PADRES *occupados no ceremonial correspondente.*

Soror

D. Leonor de Mello, no seculo, e Soror Maria d'Assumpção no espiritual: Irmã, morreste para o mundo! Bem vinda sejas a desposar Christo... —(*orgão*).

Agostinho, *arrebatado.*

Que disse ella? morreu para o mundo! Traição, traição! (*entra no templo*) Suspendei, ministros do inferno, suspendei!

Soror

Sacrilegos! não mancheis este templo com os vossos pés! Blasphemos... malvados... não profanem a casa do Senhor! Meu Deus, defendei a vossa esposa das garras de Satanaz!

Agostinho

Mulher! que me prometteste...—disseste-me que a salvavas,.. furia... mulher... dá-me Leonor de Mello!

Soror, *reparando*

Vós sois aquelle que ha pouco...

Agostinho

Que ha pouco trahiste!

Soror

Não trahi, não... está salva.

Agostinho

Leonor!

D. Leonor

Agostinho... Agostinho! (*corre-lhe aos braços*)

D. Manoel

Minha irmã, os braços de vosso irmão... foram despresados!... Pagem, pagem!..

Agostinho, *repudiando-a*

Longe, longe... Esqueci-me... a paixão cegou-me... D. Manoel, perdão! Ahi a tendes. O pagem está satisfeito em a salvar... Ella não lhe pertencia... (*com profundo sentimento*).

Duque do Cadaval

Pertence, pertence. Silencio:—Agostinho de Ceuta, tu és filho de D. João IV (*vae a Soror, e dá-lhe um pergaminho*).

D. Leonor

Meu Deus!

D. Manoel

Que ouvi!

Soror, *que acabou de lêr, e perturbada*

Ah! meu Deus!—é elle...

Duque

D. Leonor de Mello—ahi tens teu esposo!

D. Leonor

Meu esposo... (*cae-lhe nos braços*).

Soror, *como delirante*

Não posso... que vergonha... Elle... elle... o meu filho... Ah! (*o mesmo que D. Leonor*).

Duque

D. Manoel de Mello!—Os brazões do pagem estavam escriptos nas suas acções: não te maravilhe o seu nascimento, que a sua honra mais é para admirar... Os mysterios de Deus são verdades claras, quando o homem carece de luzes (*aponta para o altar*).

Agostinho tem ajoelhado—com Soror e D. Leonor, na posição, em que as recebeu, e apoz elles ajoelham todos.

Gritos remotos

Viva D. Pedro II rei de Portugal!

FIM

O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS

PERSONAGENS

D. GUIOMAR COUTINHO
D. MARIA DE NORONHA
INFANTE D. FERNANDO
MARQUEZ DE TORRES-NOVAS
D. FERNANDO DE CASTRO
D. GUTERRES DE PAIVA
PEDRO D'AFFONSECA
EZEQUIEL — Judeu
PEDRO — Pagem
MESTRE GIL — Taverneiro
CARCEREIRO

Inquisidores do Ecclesiastico, Damas, Pagens, Cavalleiros, Frades franciscanos, Encapotados, e Camponezes.

1528 — 33

ACTO I

A scena passa-se no Jardim do Palacio de D. Guiomar Coutinho, filha do Conde de Marialva. Vê-se ao fundo uma parte do edificio. Ha, á direita do espectador, entrada supposta para o Jardim. A maior parte do fundo é floresta.

É NOITE

SCENA I

O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS, de saio e manto pretos, chapéo aragonez, e punhal no cinto largo envernisado; está sentado em um escabello do ornato do jardim, e medita, com a cara escondida entre as mãos. AFFONSECA, mordomo da casa de Marialva, junto d'elle, inclinado e supplicante.

Affonseca

E' mais de uma hora, senhor Marquez. A noite está muito fria, augmentam os trovões, e não tardará que chova. Peço-vos que vos vades, porque este frio vos fará mal.

Marquez, *serenamente.*

Que me vá!... Affonseca! tu és meu amigo, não é assim?.. tu és muito meu amigo?

Affonseca

Não o duvideis, senhor, que me affrontaes.

Marquez, *erguendo-se.*

Abriste-me estas portas, trouxeste-me a este jardim, para me fallar d'um alto mysterio... nada me disseste, e tanto me atormentaste com palavras torcidas e incomprehensiveis... queres que me eu vá a soffrer estas torturas de uma suspeita cruel!?...

Affonseca

Quando vos pedi que aqui viesseis, não sabia eu que a vossa saude perigava tanto... Receio muito magoar-vos... N'outra occasião vos direi cousas tristes... tristes, como não ha outras que mais se digam a homem que amou com todas as forças do coração.

Marquez, *sobresaltado.*

E' uma perfidia... não é assim... homem? é uma traição que me queres contar?... Oh! diz-me que não é! (*Affonseca immovel, parece não dar pelo arrebatamento do Marquez*) Já sei... (*meia voz*) elle não respondeu... Coragem, minha alma! devo fingir-me para saber tudo (*serenidade fingida*) Affonseca! sabes que o desterro de quatro annos me fez a alma de ferro? Não temas fallar-me da minha ultima desgraça, porque os meus olhos não tem lagrimas... chorei-as todas nos areaes da Africa... Falla, homem; não temas, porque o velho tronco dos bosques curva-se ao impeto do furacão, mas não se quebra... Affonseca... tenho febre, a chuva ameaça-nos, falla depressa... não queiras que me eu molhe...

Affonseca

Estaes tão pallido, senhor!...

Marquez

Que importa?—effeito de noites mal dormidas.... A fome estraga muito, bom velho...

Affonseca

A fome! meu Deus!

Marquez

Agora bem vês que estou sereno para escutar-te.

Duas horas.

Affonseca

São duas horas, senhor .. Se ámanhã antes quizesseis... é já tão tarde...

Marquez, *senta-se.*

Como queiras. Esperarei aqui por ti até ámanhã.. Se o Conde de Marialva me achar no jardim de sua filha, o seu mordomo lhe responderá por mim.

Affonseca

Perdoai-me... Oxalá, que a ingrata, que vos desama, estivesse repesa da sua deslealdade, como de aqui chamar-vos, para contarvol-a, estou arrependido...

Marquez, *erguendo-se com impeto.*

Estou trahido, meu Deus!

Affonseca, *tomando-o nos braços.*

Que tendes, senhor!...

Marquez, *affastando-o de si.*

Basta. Já sei tudo... Amigo, obrigado... adeus... (*Quer sahir, e Affonseca impede-o*).

Affonseca

Snr. D. João!...

Marquez, *emendando-se.*

Sou um louco... queria-me ir... Conta-me as circumstancias d'essa perfidia... (*ironico*) Devem de ser galantes.

Affonseca, *timido.*

Ha seis annos, que D. Guiomar Coutinho vos amava com os extremos de...

Marquez

Adiante.

Affonseca

Os fidalgos já por ahi diziam que ella era vossa esposa por um casamento clandestino, e que...

Marquez

Adiante.

Affonseca

Outros diziam que dama era ella de dous cavalleiros, qual d'elles mais valente, qual d'elles mais brioso... Um ereis vós, senhor, o outro... (*hesitando*).

Marquez

Era o Infante D. Fernando... continúa.

Affonseca

Certo estareis, Snr. D. João, quando, na cavalgada do Conde da Vidigueira, esporeaste o vosso alasão para o lado nobre da hecanea, em que montava D. Guiomar, muito entretida com os galanteios do Infante... e que este, offendido, diante da côrte, e de D. Guiomar, por quem tão ruins inimisades se geraram... protestou vingar-se... (*Repara no Marquez, que parece não ouvil-o, distrahido. Toca-lhe no hombro*) senhor Marquez!

Marquez, *recordando-se.*

Ah! sim... Era o Infante D. Fernando...

Affonseca

Já disse depois mais alguma cousa.

Marquez

Talvez que D. Guiomar Coutinho...

Affonseca

Mais grata aos disvellos do Infante que aos vossos, accordou com elle uma vingança, que a ambos salvasse da vossa cólera. Temiam-vos, senhor. Fostes desterrado, senhor D. João... e na primeira noite do vosso desterro a prejura... já bem vingada... (*repara no marquez que lucta com uma terrivel commoção*) senhor!

Marquez

A prejura... sim... a prejura... (*forte*) Mentes, mordomo!... Mentes!

Affonseca, *altivo.*

Não tenho esporas douradas, senhor; mas o meu sangue vermelho no chão dos combates, e não azul nos pergaminhos dos brazões, authorisa-me a repellir uma affronta. Snr. D. João de Alemcastre! eu não minto.

Marquez, *abraçando-o.*

Perdôa-me... tu és um bom amigo... Bem vês que venho de lidar com as féras: primores de cavalleiro e cortezias... já não são para mim.

Affonseca

Que mais quereis que vos diga, senhor?

Marquez, *riso forçado.*

Tenho um rival, não é assim?

Affonseca

Em breve deixará de o ser, porque as bodas vão ce-

lebrar-se, e confio em Deus e na vossa honra, que não queiraes requestar uma dama casada. Snr. Marquez! cuidado por vós, que a justiça d'el-Rei vos não descubra. O vosso degredo ainda não está cumprido. Amigos, na patria, tendes poucos... um conheço eu... mas a cabeça d'esse é muito ignorada para valer o preço da vossa liberdade... Não vos sirvo de nada, senhor!... Ide-vos... é muito tarde...

Marquez

Ir-me! Não; nunca!

Affonseca

Ouvireis logo um apito: é que o Infante, escoltado por vinte dos seus mais valentes creados, está fóra dos muros d'este jardim... para vir tomar o lugar, que já tivestes n'elle.

Marquez, *commovido.*

Bemdito sejas tu, meu Deus! (*solemne*) Mordomo! fazes-me um serviço?

Affonseca

Se a minha honra...

Marquez

Sahe... deixa-me.

Affonseca

E vós!?

Marquez

Ficarei.

Affonseca

Que intentaes?!

Marquez

Nada. Vêl-os; ouvil-os.

Affonseca

E vinte braços armados de vinte espadas? *(o marquez sorri)* Não ficareis... meditaes uma loucura.

Marquez, *frieza terrivel.*

Mordomo! Sabes que, desde este momento em diante, todo aquelle homem, que se atravessar no meu caminho de sangue, hei-de pôr-lhe um pé no pescoço e passar por cima d'elle? Duas palavras: recolhe-te, amigo.

Affonseca

Quando quizerdes sahir...

Marquez

Aqui tenho uma chave *(mostra-lh'a).*

Affonseca

Uma chave! Quem vos deu essa chave?!

Marquez, *sorrindo.*

D. Guiomar Coutinho.

Affonseca

Quando?!

Marquez

Quando este jardim era o caminho que me levava ao quarto d'ella: vai-te.

(Affonseca sahe).

SCENA II

MARQUEZ DE TORRES NOVAS, *só.*

Marquez, *sentado.*

Que é o que eu sinto aqui?—não sei! Sei que soffro muito... que tenho o coração a estallar apertado por mão de ferro... Tenho uma agonia que me mata *(pau-*

sa). Fui trahido! meu Deus... trahido! *(erguendo-se)* e por ella!... e quem foi que me trahiu!?... vergonha! *(esconde o rosto entre as mãos)* Não é um sonho... é a realidade de uma espantosa traição, depois de quatro annos de desterro...

Senta-se. Segue-se uma chacara cantada por D. Guiomar Coutinho: o marquez ergue-se e escuta:

Canto

Negro o céo, lua não tem,
Tem relampagos, trovões;
Negra a vida, não tem goso,
Tem ciumes, tem paixões.

Vem depressa, ó vida minha,
Tenho medo, estou sósinha.

Marquez, *correndo na direcção da voz e suspendendo-se.*

Prudencia, desgraçado! Ouve-a... é ella a que se accusa...

Canto

Quem me déra um céo formoso,
Matisado de fulgores;
Então, sim; mas céo de trevas
Não sorri aos meus amores.

Vem depressa, ó vida minha,
Tenho medo, estou sósinha.

Um apito fóra do jardim. O Marquez arranca o punhal: vacilla entre os dous lados—o do canto, e o do apito.

Marquez

O' minha cabeça, que te perdes! Deus vingador... inspira-me, que eu serei a expressão da tua colera!

(Segundo apito).

SCENA III

MARQUEZ, E AFFONSECA

Affonseca, *sobresaltado.*

Senhor!... aquella é a senha... Ao terceiro apito a porta do jardim será aberta...

Marquez

Vai-te!

Affonseca

Snr. D. João, que nos fazemos desgraçados... Por alma de vosso pai, vinde...

Marquez

Vai-te... deixa-me!

(Terceiro apito).

Affonseca

Estamos perdidos... D. João... D. João... *(Ajoelha, e o Marquez, levantando-o, vai como arrastado).*

(*Vozes dentro*).

D. Guiomar

Pedro! já tres vezes!... não ouves?!

Pedro

Cá vou, cá vou.

SCENA IV

PEDRO, E AFFONSECA, *depois.*

Pedro, *entrando.*

Más terçans te limpem, coruja, que só namoras de noite! (*reparando em Affonseca que sahe da floresta*) O' diabo, que o mordomo ouviu!

Affonseca

Que vinhas tu rosnando, rapaz?

Pedro

Não é nada, senhor Mordomo... é que estou farto de ser alcayote da fidalga, e arreceio grande carga de páo... (*Quarto apito*) Os demonios te confundam e mais o teu assobio!

(*Sahe*).

SCENA V

D. GUIOMAR COUTINHO E AFFONSECA

D. Guiomar, *não vendo Affonseca.*

Já quatro vezes! malditos creados! (*reparando*) A estas horas, que fazeis, senhor mordomo?!

(*Trovão remoto*).

Affonseca

Contemplava a grandeza do Altissimo no bramir do trovão.

D. Guiomar, *ironica (Trovão)*

Então estaes muito contemplativo! Empregai antes o tempo, que desperdiçaes, em desempenhar melhor as vossas obrigações. Ide á vossa camara, se estaes farto de contemplar.

Affonseca

Estou farto, senhora, estou farto de contemplar; e não ha muito que vi uma estrella, toda louçan de seu fulgor, ser envolvida por nuvem negra como mortalha... Ficai-vos, senhora, que eu vou melhor cumprir as minhas obrigações; e, se d'ellas me sobrar algum tempo, pedirei a Deus por vós.

(*Sahe*).

D. Guiomar

Reloucado! eu acabaria com as tuas rethoricas se fosses senhor de todo o meu segredo... Desgraçado d'elle... se não cerrar a bocca ao pouco que sabe...

SCFNA VI

D. GUIOMAR E O INFANTE D. FERNANDO

D. Guiomar

Estavas já aborrecido de esperar, não é assim, meu querido? (*elle não responde, e mostra-se frio*) Que maneiras são essas? estás despeitado pela demora?!... eu não fui a culpada.

Infante

Soffro muito, Guiomar... Tenho uma suspeita terrivel.

D. Guiomar, *risonha*

Ciumes?

Infante

Ciumes, sim — queres que te diga que sim? — Ciumes. (*Guiomar ri-se abertamente*) Hoje risos... ámanhã... lagrimas... talvez.

D. Guiomar

Explica-te; não quero mysterios.

Infante

Tenho uma carta de D. João Coutinho, capitão de Ceuta, onde se me diz que o Marquez de Torres-Novas fugira, incognito, para a patria... Ri-te, Guiomar!

D. Guiomar, *querendo occultar o sobresalto.*

Que me ria!... e por que não hei-de eu rir-me? Que ha de commum entre mim e o Marquez de Torres-Novas?

Infante

E que havia de commum entre ti e elle, quando, ha quatro annos, me pediste de joelhos o seu desterro... e ainda mais que o seu desterro...

D. Guiomar

Era um meu perseguidor, por que eu lhe disse um dia que o amava.

Infante, *ironicamente.*

Mas dissestelhe que o amavas...

D. Guiomar

E não t'o disse eu a ti, quando te suppliquei que me tirasses dos olhos esse homem que se julgava senhor de atormentar-me, e á força distrahir-me o coração de ti... de ti, só, meu Fernando?!

Infante

Cumpri.

D. Guiomar

Não cumpriste... se cumpriras não tiveras hoje receios...

Infante

Era uma barbaridade matal-o. O braço d'um irmão de D. João 3.º não sabe brandir o punhal do cobarde... nem o meu coração está fascinado a ponto de tramar contra a existencia de um homem que ergueu um dia os olhos para o anjo da minha vida.

D. Guiomar, *friamente.*

Infante... não sei qual de nós nasceu para homem!... Os nossos corações não se entendem... Dai-me licença que me recolha... a noite está muito fria.

Infante

Parece que te forcejas em atormentar-me?

D. Guiomar, *ironica*

Parece que ambos forcejamos... caprichos do muito amor, que se não explicam. Fernando, virás em occasião de melhor humor.

Infante

Basta de remoques, Guiomar. Escuta-me. Eu receio muito de D. João de Alemcastre. Elle é neto de D. João 2.º—e filho do mestre de Santiago—não tem um coração popular para que nelle morra o protesto de uma vingança. Lembras-te daquella cavalgada?... jurou-me então um odio implacavel... Não sei se o temo: sei que é o phantasma negro de meus sonhos...—sobresalta-se-me o coração, se a sua imagem se ergue entre mim e o meu futuro...

D. Guiomar

Tens medo delle?—diz que sim, não duvides, porque um malvado é sempre temido. Fernando! sou mulher, o meu braço é fraco; mas, se eu podesse trocal-o com vinte annos da minha vida, por este teu braço, e por este punhal, (*fazendo a acção*) olharia para o meu delicioso futuro, e para a vida de D. João de Alemcastre, como para cousas do meu coração e do meu punhal...

Infante, *enfadado*

Silencio! Não me rasgues o véo transparente que faz imaginar-te o thesouro de quantas perolas o céo engasta no coração das suas creaturas escolhidas. E's muito linda, muito valente, muito generosa, tens tudo... mas que eu chegue ao dominio das tuas perfeições sem deturpar a minha gloria com uma gota de sangue.

D. João de Alemcastre amou-te, ama-te, arde em paixão, que importa? é elle criminoso? não: reste-lhe a gloria de conceber uma idéa arrojada. Que venha ou não venha D. João para a patria... é o mesmo. Se elle tentar interpor a sua desesperação entre nossos amores, será repellido pela espada da lei. Quem é que o authorisa a erguer violentamente um throno sobre um coração que é meu? Elle não é cobarde. A' hora do dia, se me affrontar, os nossos braços decidirão qual de nós é o talhado para possuir-te, minha Guiomar... Repelles-me?

D. Guiomar

Julguei-te até hoje um homem d'armas, e não um molle galanteador de côrte...

Infante, *com enfadamento.*

Guiomar! que queres tu que eu faça? (*Altivo*) Vinte homens escolhidos estão ahi fóra dos teus muros: a um leve aceno teu, elles serão vinte assassinos... que queres que elles façam?!

D. Guiomar

Nada—que vos vades, para me eu hir.

Infante

Irei... Guiomar... irei... Uma lagrima no teu seio!

(*Abraça-a*)

SCENA ULTIMA

OS MESMOS E O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS

Marquez de Torres-Novas, *ao fundo.*

Infante D. Fernando! (*Elles desenlaçam-se*) Choras no seio d'uma adultera! Essa mulher é casada!

(*Approxima-se de D. Guiomar*)

Nobre senhora! Braço d'homicida não vo-lo dou, porque o não tenho; mas um punhal aqui o tendes!

(*O marquez fita attentamente os dous, que estão como petrificados.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

É NOITE

Vista de sala da casa de D. Guiomar Coutinho. Tem ao fundo um arco, que deixa vêr um corredor transversal: duas portas lateraes. Uma harpa encostada a uma mesa; e, sobre outra, papel, tinteiro, etc ...

SCENA I

D. GUIOMAR COUTINHO, *sentada a uma mesa, scismando profundamente*

(*Dez horas.*)

D. Guiomar, *erguendo-se repentinamente.*

Vacillar! eu? vacillar... nunca! Hei-de, se tanto fôr preciso, tocar o ultimo élo da cadêa de meus crimes! Crimes! (*sorrindo*) que mal a sociedade classifica a renuncia que nós fazemos d'um amor fastidioso para saborear novas sensações!... Quem se atreve a condemnar a inconstancia de uma mulher, por que tão fraca se humilha ás seducções d'um homem?! Que me neguem um perdão, que me cuspam na cara o estigma da perfidia... neguem, cuspam... que eu me rirei dos motejos do mundo. Sinto passos... a esta hora... (*vendo Affonseca, a meia voz*) maldito! (*senta-se, com ar de enfado*).

SCENA II

D. GUIOMAR COUTINHO E AFFONSECA

D. Guiomar

Que tendes que fazer n'esta sala, senhor mordomo?!

Affonseca

Uma supplica, senhora.

D. Guiomar, *enfadada.*

Dizei!

Affonseca, *approximando-se.*

Ha quatro annos que n'esta sala, e a estas horas, me não trataveis tão despresivelmente, senhora D. Guiomar...

D. Guiomar

Quereis recordar-me alguns deveres?

Affonseca

Sim, senhora.

D. Guiomar, *irritada.*

Deveres?! Tenho alguns para comvosco... dizei?

Affonseca

Para comigo, não, felizmente. Tendel-os grandes e terriveis a cumprir para com Deus, e para com a sociedade.

D. Guiomar

Senhor Affonseca! sois muito importuno... não quero ouvir-vos... deixai-me! (*faz menção de sahir*).

Affonseca

Ouvide-me, senhora, pela vossa honra, pela vossa vida, e não pela minha!

D. Guiomar

(*Meia voz*) Inferno! (*alto*) Que quereis dizer-me? depressa...

Affonseca

Houve um homem que vos dominou...

D. Guiomar, *interrompendo-o.*

Que?!

Affonseca

Houve um homem que, senhor das vossas acções, escravo da sua paixão, confiado na vossa honra. .

D. Guiomar, *o mesmo.*

Basta! Ide-vos, ou eu me vou (*quer sahir*).

Affonseca, *atalhando-a.*

Ficai vós, senhora. Duas palavrrs só—(*com mysterio*)—que a morte vos não encontre desprevenida para responder diante de Deus.

(*Sahe*).

SCENA III

D. Guiomar, *recordando-se.*

Que a morte vos não encontre desprevenida... Foram as palavras d'essa testemunha inexoravel do meu passado!... O meu passado! Tanto amor, tanta virtude, tanto crime... o que tem ido n'esta minha existencia de vinte e cinco annos! Que mysterio eu sou! (*profunda meditação, sentando-se*). Não posso... não posso recuar... (*ouvem-se trovões*). Que noite tão tempestuosa!... Que semelhança com a minha vida!... Não posso ir fallar-lhe ao jardim... tenho medo... não... não tenho medo... não... não tenho medo dos relampagos... (*estremece ao clarão de um relampago*). Mas aquelle homem... aquella realidade terrivel de

hontem á noite... elle... tão cadaverico... tão medonho... aquelle sorrir tão agoureiro de vingança... Não vou ao jardim... (*Tange uma campainha. Ergue-se e vai á mesa sobre que está a harpa*). Minha harpa... nem vontade tenho de tanger-te... Guiomar! que é do teu espirito inabalavel!... (*Reparando para a porta*). Ainda não? (*Retoca a campainha*).

(*Pedro ao fundo*).

SCENA IV

D. GUIOMAR COUTINHO E PEDRO

D. Guiomar, *severa*.

Onde estavas, Pedro, que assim te demoraste?

Pedro

Estava lá em baixo na albergaria, ouvindo o cégo, que dá gosto d'ouvir-lhe os seus contos de fadas e feitiços.

D. Guiomar, *com curiosidade*.

O judeu?!

Pedro

O judeu! credo! eu pensei que elle era um bom christão!

D. Guiomar, *vacillando*.

Não... não é judeu... Eu cuidei... sim... é que pensei que fallavas d'outra cousa... (*reflectindo, a meia voz*) Que feliz inspiração! (*alto*) Pedro, quero fallar com esse cégo.

Pedro

Fallar com o cégo! essa é boa! pois a senhora D. Guiomar quer ir á albergaria fallar com o pedinte?

D. Guiomar

Não, mas quero que elle aqui venha fallar comigo.

Pedro

Deus nos defenda... nemja que eu aqui o traga... Que diria o senhor D. Francisco Coutinho se soubesse que sua filha falla de noite aos pobres! Deus nos defenda...

D. Guiomar, *imperiosamente.*

Meu pai está a dormir: aqui faz-se o que eu mando: —os creados que me não servem, sou eu que os despeço. Parece-me que me entendes... Muito bem. O cégo, que venha a este salão fallar-me—Conduze-o aqui —e ausenta-te.

(*Pedro sahe*).

SCENA V

D. GUIOMAR, E DEPOIS EZEQUIEL

D. Guiomar

Sinto ás vezes um prazer cruel em torturar-me! Quero vêr agora esse judeu, que se diz senhor de alguns segredos da minha vida, sem dizer-me quaes elles são. Disse-me que se empenhava pela minha ventura, e que me interessasse eu na sua seguridade, para elle poder cumprir um voto de vingança. Disse-me que não descubrisse eu que elle era judeu, que elle não descobriria um escandalo da minha vida. E' um contracto garantido por dous crimes: para elle a fogueira, se o eu descobrir, para mim... a vergonha eterna! Ha dous annos que me pede gasalhado: tenho-lhe offerecido ouro—não o acceita. De dia fecha os olhos, e pede uma esmola. Qual será a victima d'esse odio de sangue? Póde ser-

vir-me de muito este homem. Os judeus são os melhores inventores de venenos... Eil-o...

(*Ezequiel entra: Pedro faz-lhe a entrada, e ausenta-se. Ezequiel cobre um albornoz de mendigo: traz longas barbas postiças: as faces denunciam-lhe um longo soffrimento.*

Entrai—e podeis estar com os olhos abertos, que não ha aqui quem vos denuncie.

Ezequiel

Assim o julgo, caridosa senhora.

D. Guiomar

Ha dous annos que fizemos um contracto.

Ezequiel

E' verdade; e não tivemos ainda a mais leve transgressão nas clausulas d'elle.

D. Guiomar

Assim é; mas a vossa vingança tem tido grandes estorvos.

Ezequiel

Muito grandes, senhora D. Guiomar... muito grandes.

D. Guiomar

Nunca me deu para a curiosidade de perguntar-vos quem assim vos fez sanguinario.

Ezequiel

Seria inutil.

D. Guiomar

E estaes certo de que a vossa vingança e o vosso nome sejam sempre um segredo?

Ezequiel

Pouco se me dá que o não sejam, com tanto que eu

vá de rastos para a fogueira, quando um cadaver fôr levado ao tumulo.

D. Guiomar

Mas se podesseis sobreviver á vingança, terieis n'isso prazer?...

Ezequiel

Um prazer de demonio... rir-me-hia continuadamente... Não, D. Guiomar, eu estou cançado de viver: depois do homicidio quero o suicidio.

D. Guiomar

Tenho dó de vós!

Ezequiel

Não que a minha vida é muito digna de compaixão!...

D. Guiomar

Mas queria vêr-vos mais generoso comvosco mesmo... Parece-me uma fraqueza o suicidio, depois de uma vingança!... Eu, por mim, quizera viver muito, depois da morte dos meus inimigos...

Ezequiel

Não pensaes bem, senhora! O remorso de duas horas e mais amargo que um trago de veneno que nos mata em dous minutos.

D. Guiomar, *rapida.*

Veneno! e tencionaes consummar o suicidio pelo veneno!? E ha assim veneno que mate em dous minutos?! Deveis andar sempre precavido com esse veneno, não é assim?

Ezequiel

E' assim; por que não sei d'antemão quando saldarei

as minhas contas com a perfida, e com este mundo de perfidas.

D. Guiomar

Vós, os israelitas, tendes muita arte para colher das plantas esses succos venenosos que matam em minutos. Queria acreditar-vos, e para isso peço que me mostreis o veneno que anda sempre comvosco.

Ezequiel

Para que as minhas palavras não estejam por muito tempo em duvida... aqui tendes, senhora! *(mostra-lhe um frasco, ella toma-o rapidamente de suas mãos).*

D. Guiomar

Isto é que é o veneno, não é assim? *(reparando puerilmente)* Ora dizei, meu amigo, se vos offerecesse metade da minha riqueza, a minha perpetua protecção, tudo, que sou e que valho, para me dardes este vidrinho, dar-mo-hieis?

Ezequiel

Essa pergunta... senhora!

D. Guiomar, *com sentimento.*

Esta pergunta é uma desgraçada mulher que vo-la faz. Já não é a senhora de Marialva, que vos supplica este frasco—é aquella infeliz, cuja vida sabeis... é uma attribulada, tambem, como vós, cançada de viver... e que deve um dia sacudir o jugo da existencia, e buscar no veneno a paz da morte.

Ezequiel

Fazei primeiro penitencia, senhora! O vosso Messias não perdôa crimes d'essa natureza. Buscai o martyrio, que tendes grandes peccados a baptisar no sangue, mas

não vós suicideis... que ha na terra um homem, que vive de vós...

D. Guiomar

Senhor! não me negueis este favor... Dai-me este vidrinho... será preciso que eu me prostre... (*faz a acção de ajoelhar*).

Ezequiel

Senhora! eu vos dou esse vidro... Chamastes-me para isto?

D. Guiomar

Não: foi para ouvir-vos. Agora só quero de vós uma graça... que considereis todos vossos os meus haveres, que torneis menos penosa a sorte de vossos irmãos, com o meu ouro.

Ezequiel

Não tenho irmãos: sou só no mundo... E' logo meia noite; vou-me á cama que me esmolastes. Ficai-vos, senhora: o nosso contracto continua.

D. Guiomar

Esperai que eu faça vir o pagem para conduzir-vos.

Ezequiel

Não é preciso, senhora D. Guiomar. Já gozei muito brilhantes saraus em vossa casa. Já doudejei, como rapaz, pelos corredores do vosso palacio. Já desci muitas vezes á vossa albergaria para escarnecer dos truões...

D. Guiomar

Vós! vós!

Ezequiel

Eu—é verdade—eu, quando vosso marido chamava amigos para o verem engrinaldar-vos a fronte de namoradas corôas... Adeus, senhora.

D. Guiomar

Meu marido?!... Esperai! esperai!

Ezequiel

O nosso contracto continua. (*estende-lhe a mão solemnemente e sahe*).

(*D. Guiomar senta-se pensativa*).

SCENA VI

D. Guiomar

Não posso recordar-me!... Será elle?... Não é possivel! Ezequiel era um rapaz airoso, imberbe... este é velho... pallido... a sua voz não era aquella... Conheço este judeu ha dous annos, sempre esta figura... não é... não é possivel... Tudo a aterrar-me... que fraqueza a minha... Este mendigo não é Ezequiel... Ezequiel namorava D. Maria de Noronha... Não é elle... não póde ser... (*trovão*) Tenho medo... quem me dera aqui Fernando... elle demora-se... Ouço passos... será elle?...

(*D. Guiomar vai como para esperar o infante, e re cua diante de Affonseca com maneiras de despreso*).

Affonseca, *profundamente sentido.*

Escute-me duas palavras, senhora D. Guiomar.

(*D. Guiomar sahe*).

SCENA VII

AFFONSECA, *e depois* PEDRO

Affonseca

Oh meu Deus, que grandes infortunios não pesam

sobre esta desgraçada familia! Vós o podeis, Senhor, desviai o raio da vossa colera de sobre os innocentes que tem de pagar crimes que não fizeram! Esse velho pai, esse meu companheiro de batalhas que dorme a estas horas o somno placido do honrado ancião... mal sabe elle que labéo lhe cospe nas cans uma filha que elle amou tanto, e tanto perdeu com o seu mimo! (*senta-se*).

SCENA VIII

PEDRO E AFFONSECA

Pedro, *espreitando.*

Já por cá não está o pedinte?

Affonseca, *distrahido.*

Desgraçados! desgraçados!

Pedro

Olá, snr. mordomo! estimo aqui encontral-o. Vmc. não me explica esta entrudada que aqui vai esta noite?

Affonseca

Deixa-me, rapaz!

Pedro

Pois não sabe que eu trouxe o cégo aqui ao salão?

Affonseca

Sei, sei, praza ao Altissimo que o não soubera!

Pedro

Mas eu não me entendo com aquella cegueira... A senhora D. Guiomar disse ao cégo quando elle entrou: —«entrai com os olhos abertos.» Pois o cégo havia de entrar com os olhos abertos?! E' verdade—quem foi que o levou lá abaixo á albergaria—seria a senhora?

Affonseca

Não sei.

Pedro

Nem eu. O que sei é que anda aqui grande inguiço, porque o cégo não tinha alma d'atinar com a cama... Seja lá o que vmc. quizer. Eu vou abrir a porta do jardim ao snr. D. Fernando que não póde demorar-se...

(*Sahe*).

Voz dentro—**D. Guiomar**

Preciso entrar n'esta sala—quero-a livre e desoccupada.

(*Affonseca ergue-se—levanta as mãos e os olhos ao céo em afflictiva resignação, e sahe*).

SCENA IX

D. Guiomar, *só*.

Tenho aprendido a vencer pelo rigor... Sei dobrar orgulhos... e nem sempre com o ouro dos cófres de meu pai... E' mentira... eu ainda ha pouco quiz dobrar o joelho a um homem que possuia um frasco de veneno,.. foi uma vergonha; mas ninguem me viu n'essa humilhada posição.. A lembrança d'aquelle homem... mata-me... Sabe que sou casada... isto é horrivel!... (*Medita*) Veremos... póde ser (*com a satisfação de uma lembrança horrorosa*)... Tenho vontade de cantar... vem cá, minha companheira, minha querida companheira de saudades (*pega na harpa*). Não te quero triste e silenciosa... ajuda-me a viver este instante de ausencia... Aquella chacara tão linda dos ciumes de um desterrado... linda que ella era! se me lembrasse... ah! lembra-me...

(*Canta acompanhando-se com a harpa*).

E' d'anil sereno o céo,
Vai-te ao campo e colhe flôres,
Não te illuda um céo sereno,
Muda o céo em suas côres.

Goza, goza, em impios braços,
Esse amor, negro, infernal,
Mas se eu chego á patria, ai! triste!
Treme e teme o meu punhal! —

(*Fica por alguns minutos n'uma especie de pasmo, e, com a expressão de grande dôr, clama a meia voz*):

Aborreço este cantar... Já cantei esta chacara sem dôr... tão feliz com a minha frieza de coração... hoje não posso... que vida a minha! Que eu não possa arrancar do peito este espinho. .

Pedro, *ao reposteiro.*

S. Alteza o senhor Infante D. Fernando.

SCENA X

A MESMA E O INFANTE

D. Guiomar, *risonha.*

Meu querido... ah! foi muito bom que viesses... estava tão triste... estóu agora tão contente...

Infante, *friamente.*

Sempre rindo, sempre festival... sempre a mesma!

D. Guiomar

Querias vêr-me triste... tinhas prazer na minha dôr!? Triste! porque?... não fallas!?

Infante

E's um mysterio! não te comprehendo!...

D. Guiomar

Cuidas que a presença desse homem me perturbou? Tenho pura a minha consciencia... o meu coração transbordou de raiva, nutri um sentimento de justa vingança... mas não sinto mais que isto.

Infante, *acrimonioso.*

Eu sinto mais alguma cousa... Sinto um desejo invencivel de que me arranques dos olhos esta venda, que me não deixa vêr a tua vida e a daquelle homem. Amo a tua franqueza, Guiomar... é uma das prendas da tua alma;—sê franca! desamar-te... já eu não posso; mas quebrar pelas nossas relações intimas, posso, quero, e devo, se por desgraça D. João d'Alemcastre é aquillo que disse ser.

D. Guiomar

Meu marido?!

Infante

Teu marido, sim—teu marido.

D. Guiomar

Infante!... não te devo amar.

Infante, *irascivel.*

Por ventura é certo?

D. Guiomar

E' certo que és um fraco... um injusto que me não crês, um temerario que me lêste na face um crime de adulterio...

Infante

Não... não, Guiomar... Eu não creio...

D. Guiomar, *sentando-se com affectação de grande dôr.*

Meu Deus!...

Infante, *affavelmente.*

Guiomar! creio-te como á palavra de Deus... Animo, meu anjo! perdão... escuta-me... D. João d'Alemcastre é um calumniador, não é assim? é um infame que desafoga o seu crime por uma mentira cruel.

D. Guiomar

Sim... um infame, que devêra pagar com a vida...

Infante, *interrompendo-a.*

Com a vida, não, Guiomar. Matal-o... não! Preso, e arrastado perante um tribunal, ha de sustentar que tu és sua mulher... Se o fizer... se convencer os juizes... — que vergonha, Guiomar! — se o não fizer, ha de ser lançado n'um carcere, e desterrado para sempre. Matal-o... não. (*D. Guiomar escuta-o com indifferença*) Parece que te repugna esta minha serenidade?... Querias antes converter o amante em assassino?!...

D. Guiomar

Fernando! as tuas palavras são repassadas de uma ironia, que me fere...

Infante

Não é ironia, Guiomar. E' que acima das nossas vinganças está a vingança do Eterno, e eu mais receio responder diante de Deus por um crime de sangue, que responder perante um tribunal dos homens em defesa da tua honra — Has de ser minha esposa..., juro-t'o eu, se por ventura ha juramento que valha em nome da tua pureza, e innocencia. Tumultuam no meu coração os desatinos de mancebo ardente, mas não posso ser cruel! A mais subtil espionagem foi hoje lançada em Lisboa, e até agora ninguem viu o marquez de Tor-

res-Novas, que o conhecesse. Logo que seja encontrado, será preso; preso, será interrogado; convencido de calumniador, será condemnado.

D. Guiomar

Pois sim, infante, pois sim... seja punido pela lei, e fiquem nossas consciencias puras.

Infante

Não podias fallar d'outra maneira. Tens um bom coração... pareceste-me cruel por um instante... mas não o és... foi o receio de perder-me que te fez desejar uma vingança... A noite vai alta, minha adorada: — a tua alma deve estar cansada de tribulações... precisas descanço... adeus...

D. Guiomar, *friamente.*

Adeus, infante. Manhã não poderei receber-te; não me procures.

Infante

Por que?

D. Guiomar

Por que? nem eu sei por que... Estou cansada de torturar-me... Estas duas noites tem-me sido um inferno de dous seculos... quero a solidão; quero-me sósinha no meu quarto, com as minhas lagrimas... Adeus..

Infante

Pois sim, Guiomar, eu não te procurarei ámanhã.

(*Vai a sahir*).

D. Guiomar, *commovida.*

Infante...

Infante, *o mesmo*

D. Guiomar!...

D. Guiomar, *pendendo-lhe a cabeça sobre o hombro, e levando-lhe a mão direita ao coração.*

Amo-te tanto... estou tão perdida por ti...

Infante, *solemne.*

Que incomprehensivel tu és, Guiomar!

D. Guiomar, *deixando-o.*

Ah! não sou, não, Fernando! sou uma mulher muito desgraçada... Vai-te... adeus...

Infante

Adeus, Guiomar!... Eu deixo ao tempo a explicação do estado presente do teu espirito...

SCENA XI

D. GUIOMAR COUTINHO

D. Guiomar, *erguendo-se, depois de meditar, algum tempo.*

Tremo de mim! estou um coração de ferro... Arranquem-me da alma este amor que me sustenta... e eu serei um cadaver... Victima de perdição!... quem me fez assim?!... A'vante, minha paixão!... se retrocedes, será perpetua a minha infamia... (*Torna a sentar-se: tira do seio o frasco que recebeu de Ezequiel, e, pouco depois, o depõe sobre a mesa*) Este veneno... está aqui encerrada a minha fortuna... está nelle um mundo novo para mim. E'-me necessario que o marquez aqui venha... devo seduzil-o na primeira noite... envenenal-o na segunda... Ah! eu era mais feliz se morresse... Vou escrever-lhe... (*pega da penna e deixa-a cahir*) escrever-lhe... mas... para onde?!

SCENA XII

D. GUIOMAR COUTINHO E O MARQUEZ
DE TORRES-NOVAS

O Marquez *vem trajado como no primeiro acto.*

Marquez

Aqui estou, senhora. Dai-me o gosto de ouvir-vos vocalmente os vossos preceitos.

D. Guiomar, *erguendo-se aterrada.*

Quem sois vós, senhor ! ?

Marquez, *tirando as barbas.*

Um homem, que creio vos importa alguma cousa.

D. Guiomar

Ah !... quem vos deu entrada aqui, marquez ! ?

Marquez

Depressa me conhecestes, D. Guiomar Coutinho ! O marquez de Torres-Novas, ha quatro annos, era um vosso fiel confidente. Tinha uma chave que lhe abria o vosso jardim (*arremeça-lhe a cima da mesa uma chave*) outra que o conduzia a esta sala (*o mesmo*) outra que o levava á vossa camara (*o mesmo*)—já sabeis, por tanto, assustada senhora, quem deu entrada ao marquez neste vosso sanctuario de virtude...

D. Guiomar, *meia voz.*

Oh meu Deus ! valei-me !

Marquez

Parece que a minha presença te não é muito agradavel, Guiomar ! ? Felizes todas as damas que são su

prehendidas pelos seus amantes no acto em que desejam saber aonde devem mandal-os chamar. Aqui estou, senhora! Vamos, que esta noute é a da seducção... Em que vos póde ser util o pobre trovador?!

D. Guiomar

D. João!... Eu vos imploro...

Marquez

Que me imploras, D. Guiomar?

D. Guiomar

Perdão!... perdão!...

Marquez, *sorrindo de escarneo.*

Senta-te, mulher, que te arrependes... (*Ella hesita e elle imperiosamente lhe aponta uma cadeira*) Senta-te!... (*Senta-se tambem elle, pouco desviado de Guiomar*).

A alma gasta-se; com a alma vão-se ás recordações... quero recordar-me d'uns contos lindos e tragicos, mas preciso que me soccorras com a tua memoria... Ouve-me.

Uma linda mulher requestára um homem, nem tão rico nem tão gentil como ella; mas era elle o requestado, e ella a furiosa nos delirios, a forte e violenta nas suas vontades. «Serás meu marido, apesar da vontade do mundo inteiro» —disse-lhe ella; e elle respondeu-lhe: — Pois sim, eu serei teu marido porque não ha no mundo, nem já agora a haverá, mulher que tanto me inspire o goso da escravidão do matrimonio. —Esse homem, e essa mulher entraram, sósinhos, pela callada da noite, em um templo, e disseram a um sacerdote «uni-nos para sempre» e o sacerdote uniu-os *para sempre.* Era forçoso o mysterio n'este casamento: que o pai d'essa dama casada era um avarento orgulhoso; com a

morte d'elle morreria o mysterio... «Pois bem, disseram-se os esposos, esperemos que elle morra, para que a sociedade supersticiosa levante a excommunhão do nosso thalamo furtivo». Alguns dias amaram-se muito. Viam-se duas horas por noite. Pareciam freneticos d'amor... Era a paixão que doudejava na sua embriaguez com toda a liberdade... Viveram esta vida risonha e encantadora por alguns mezes... não sei quantos... aqui é que a tua memoria tem um triumpho... lembram-te, Guiomar, os mezes que foram? (*silencio*) Não sabes?... é que a tua alma tambem está gasta... Pois faz-me dó o mal-aventurado filho de má sina que, por muito magoado, se esquece do muito prazer que já teve!... Adiante. Passados alguns mezes, essa mulher viu, não sei onde, um cortesão de grande nome, neto e filho de reis!—grande nome que elle tinha! A dama gostou mais d'esse cavalleiro que de seu marido. O por quê... é que a historia não diz... Sabeil-o, vós, senhora? (*Ella ergue-se com força da cadeira, e vai sentar-se n'outra distante—elle arrasta a sua para perto*) Procurarei ser ouvido o mais commodamente: quero conhecer da vossa sensibilidade pelo movimento das vossas feições... por que esta historia excita a curiosidade... não é assim, nobre senhora?

D. Guiomar

João d'Alemcastre!

Marquez

Era o meu nome por esses tempos em que as verdades d'esta historia se passaram... hoje, senhora, sou um desterrado, sem nome, sem haveres... um truão para o festejo das vossas bodas, se assim o quizerdes... E a historia, que se me hia varrendo!!

Eu não sei o que essa dama apaixonada disse ao seu amante... Guiomar Coutinho é de esperar que o saiba... Que lhe disse ella, Guiomar? Chorou assim como tu choras? estorceu-se n'uma cadeira assim como n'um pôtro de judeu? Ou foi violentada assim (*aperta-lhe um pulso—ella solta um grito*) pela mão de ferro do seu amante até se prostituir á vergonha do adulterio?... Nenhum de nós sabe o que lhe ella disse; mas o marido foi desterrado como inimigo reservado de D. João III. Na ultima noite do seu *adeus,* a mulher do desterrado visitou-o no carcere, e chorou como tu choras agora... Das praias de Restello acenou-lhe com o seu lenço *molhado de lagrimas* quando elle, mar em fóra, era levado pelo galeão que costumava despejar nas areias d'Africa os criminosos de Portugal. Oh senhora! se o visseis por aquelles presidios a chorar lagrimas de sangue!... se visseis o marido innocente como as saudades da mulher e da patria o despedaçavam... Se o visseis por noites eternas sem uma esperança, sem uma carta d'essa mulher... sem um ceitil... a mendigar por portas que o despresavam ..

Viveu quatro annos assim... já não podia supportar o soffrimento... o sangue gelára-se-lhe nos pulmões, a mortalha pendurára-se-lhe da ossada cadaverica... o misero queria vir á patria... vêr sua querida mulher... e morrer no patibulo com o segredo do seu casamento. Era-lhe necessario fugir. . não tinha uma moeda de ɔbre para comprar uma guarda. Restava-lhe o retrato e sua mulher, circumdado de perolas... vendeu as erolas, e restituiu a seu seio o retrato de sua *virtuosa* ɔnsorte.... (*arremeça-lhe o retrato*) Quem se atrevia ι dizer ao desterrado: «Morre ahi, homem atraiçoado, ·ue tua mulher é uma adultera!?» Ninguem, pela mi-

nha e vossa honra, ousaria dizel-o—pois não, destinada esposa do Infante D. Fernando!?

D. Guiomar, *erguendo-se na mais viva afflicção.*

Deixai-me, marquez!

Marquez, *travando-lhe do braço, e fazendo-a sentar.*

Assim vos aborrecem estas historias, tão ricas d'impressões fortes!? Haveis d'ouvir-lhe o resto, até por uma ceremonia quando mais não seja.

O desterrado voltou—vinham-lhe descarnadas as feições; e elle, ainda assim, temendo ser conhecido, acabou por desfigurar-se com umas barbas como estas, e foi á porta de seus mordomos e pagens, cantar-lhes trovas a troco de um bocado de pão. Tudo isto fez elle para vêr, ao menos, uma vez sua mulher... que depois... pouco se lhe dava a elle de morrer. Era um bom marido, não era, filha dos Marialvas?

D. Guiomar

Oh senhor!...

Marquez

Era em uma noite tempestuosa como a noite passada. O desconhecido com uma chave, que tinha da casa de sua consorte, entrou-lhe no jardim, sem esperanças de vêl-a; mas contente ao menos de contemplar-lhe as telhas, que a cobriam. Alta noite, essa dama (*ironico*) bella como os lyrios, que pisava—candida como as açucenas que lhe ondeavam na orla do manto, e radiante como o relampago que lhe fulgurava nas faces, veio ao fundo do seu jardim, e deixou-se cahir nos braços d'um amante, senhora D. Guiomar, e não nos braços do marido! Era bello e terrivel este quadro! (*Ella quer er-*

guer-se e é obrigada a sentar-se) Ainda é cedo: — o remate é o melhor d'esta nossa historia, senhora! Os dous amantes fallaram de muitas cousas... e muito do coração: não lhes esqueceu o pobre desterrado, tambem fallaram d'elle... Ella suspirava por um braço de homicida e por um punhal: braço d'homicida não lh'o déra elle, porque o não tinha; mas um punhal... offereceu-lh'o o marido para que sua mulher *olhasse para o seu delicioso futuro como para cousas do seu coração e do seu punhal*... Era um marido condescendente, não era, D. Guiomaa?!

D. Guiomar, *voz alta, erguendo-se.*

Basta, marquez!

Marquez

Mais baixo, senhora, que podem ouvir-nos. Este dialogo é familiar como o de dous consortes, que se não replicam e transigem amigavèlmente. A historia éxpirou... é assim que a tu sabias, Guiomar?

D. Guiomar

Já vejo que quereis matar-me cruelmente.

Marquez

Eu! matar-vos! E' pois certo que vos magoou esta historia, com que eu quiz recrear-vos!... vou distrahir-vos d'essas tristezas... (*Vai buscar o veneno de sobre a mesa*) Lindo frasquinho, e mais lindo pelo transparente liquido, que contém! Muito vê quem muito anda! Já vi assim um frasco com um liquido d'esta côr, do qual duas gotas diluidas em um refresco transformavam um homem n'um cadaver em tres minutos. Ha invenções terriveis, não ha, D. Guiomar!?

D. Guiomar, *de joelhos.*

Compaixão, senhor!

Marquez, *deixa cahir o vidro.*

Compaixão, mulher! compaixão para ti, que me trahiste, que me repelliste, que me desterraste! Compaixão para ti, que me cobriste de opprobrio, de infamia, de ignominia, cuspindo-me na face o escarro do adulterio! *(Ella quer ajoelhar)* A meus pés, não, Guiomar, que me assassinas com o horror da tua villeza! Ergue-te cheia de orgulho com as tuas torpezas, adultera! — cerra os labios de teu marido com a razão do teu crime! Por que me atraiçoaste, Guiomar Coutinho!? Não tinha eu sido o primeiro homem das tuas affeições, Guiomar!? Não tinha eu recolhido ao coração o juramento da tua fidelidade, prejura!? por que me atraiçoas-te, Guiomar Coutinho!... Immudeces... choras!... d'onde te vem essas lagrimas, coração de tigre!? por que tremes assim, mulher, que só te falta um braço d'homicida!? (*Mudança de voz*) Foi-te bem fatal esta «primeira noite de seducção», não é assim? (*rindo serenamente*) Falla, mulher, que mal te fiz eu? porque pediste o meu desterro depois de atraiçoado? porque me querias vêr aqui morrer abrazado com um veneno? Que farias tu, durante os meus paroxismos, aqui a arrastar-me com as torturas do veneno n'este chão... a teus pés... mulher sanguinaria!?... (*sombriamente*) Sentes que d'este braço mirrado se te infiltra nas veias o gelo da morte?

D. Guiomar, *grito doloroso.*

Ah!...

Marquez, *arrancando o punhal.*

Não esperavas assim uma morte tão prematura — não é assim, miseravel?

D. Guiomar

Misericordia!

Marquez

Pensavas que gosarias delicias com o teu amante tripudiando sobre a minha sepultura?

D. Guiomar

Piedade!

Marquez

Suppunhas accordar dos teus sonhos d'algoz nos braços do teu infante?

D. Guiomar

Perdão!

Marquez

Perdão!—pede-o a Deus... uma oração curta póde commover o Altissimo... depressa, que o assassino só quer uma victima.

D. Guiomar, *de joelhos para fóra.*

Morrer!... meus Deus!... Morrer... Marquez... piedade... D. João... eu sou a tua mulher... ainda não fui adultera... eu o juro... ainda não fui adultera... Dá-me a vida, que é só para ti... Perdoa-me... que terás um dia remorsos de me matares...

(Durante esta falla o marquez como alienado parece não ouvir a exclamação de Guiomar. Com as mãos agarradas á cabeça corre ao fundo).

SCENA ULTIMA

AFFONSECA E OS MESMOS

Affonseca *vem á scena em quanto o marquez está ao fundo—Guiomar lança-se-lhe nos braços.*

D. Guiomar

Salvai-me... salvai-me...

(*O marquez voltando, allucinado, vai a descarregar o golpe, quando Affonseca ajoelha diante de Guiomar, que tambem ajoelha*).

Affonseca, *estendendo-lhe a mão.*

D. João d'Alemcastre!

(*O marquez recua, espavorido*).

Affonseca, *erguendo as mãos.*

Eu vos agradeço, meu Deus!

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Terrado exterior da casa dos Marialvas — Ao fundo vê-se o edificio cujas janellas, cortinadas de damascos, deixam coar o clarão das luzes: uma das janellas é rasgada em arco, e de serventia. Ha uma porta respectiva, e suppõe-se uma rua que atravessa o terrado.

SCENA I

EZEQUIEL trajado como no segundo acto, finge-se cégo, e está encostado a uma casa lateral — CINCO ENCAPOTADOS, como em espreita de alguem.

Ezequiel

Nobres seuhores! Dai ao cégo mendigo a vossa bemdita esmola: Deus nosso Senhor vol-a veja dar!

1.º Encapotado

Olha este que não lhe chegou o dia para pedir!

2.º Encapotado

A noite não tem cancellas — lá diz o dictado.

3.º Encapotado

São mais horas de recolher, que de pedir, irmão!

Ezequiel

Agradeço-vos o conselho; mas peço-vos uma esmola.

1.º Encapotado

Não viste por aqui um trovador?

Ezequiel

Pois não vêdes que sou cégo!? E' boa a pergunta!

2.º Encapotado, *que tem estado d'observação.*

Retira... que vem gente...

3.º, 4.º e 5.º Encapotados

Elle?

2.º Encapotado

Não; são fidalgos que vem ao sarau.

(*Os encapotados sahem*).

Ezequiel

Ha um segredo sinistro n'estes homens...

SCENA II

EZEQUIEL, D. FERNANDO DE CASTRO, E D. GUTERRES DE SOUSA, que entram accionando, como quem conversa.

Ezequiel

Nobres senhores! dai ao cégo mendigo a vossa bemdita esmola: Deus nosso Senhor vol-a veja dar.

D. Guterres, *para D. Fernando de Castro.*

E' um pobre astucioso, não vos parece, Fernando? Até á porta dos saraus, vem estes miseraveis entornar o prazer d'um cavalleiro que vive como quer viver! Miseria em tudo, e por toda a parte... (*para Ezequiel*) Quantos reaes brancos arranjaste dos cavalleiros, que entraram?

Ezequiel

Nenhum, senhor.

D. Guterres

Ora pois, aqui tens doze, e vai-te á cama, que corre a noite fria (*finge que lhe dá a esmola e diz-lhe a meia voz*) esconde-te por detraz d'essas columnas e escuta... Vai-te...

Ezequiel, *alto*.

Deus vos prospere mil venturas, e seja pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo—(*Vae-se, tateando o caminho com o pau. Fernando, que tem estado distrahido, volta a Guterres*).

SCENA III

OS MESMOS, MENOS EZEQUIEL

D. Fernando

Estamos sós, não é assim?

D. Guterres

E' verdade—sós como duas almas que nasceram juntas, juntas pensaram até á campa, e depois da campa, ainda juntas, foram pensar na presença de Deus.

D. Fernando

Tenho-te mais que amisade... E' um devaneio delicioso, mais placido que o amor, menos ardente que a paixão... Crês, Guterres, que tenho só dous pensamentos na terra... só dous entes que me são caros?...

D. Guterres

Creio tudo—não és ingrato—pagas, como honrado

amigo, o muito que te estimo. Sou feliz em partilhar na tua alma com a encantadora Maria de Noronha.

D. Fernando

Accrescenta ao titulo de encantadora, o de minha esposa, (*expressão terrivel no rosto de Guterres*) que em breve o será.

D. Guterres, *emendando-se.*

De certo? pois assim depressa vaes esposal-a?...

D. Fernando

E admiras?

D. Guterres

Admiro, porque o premio é quasi sempre tardio ao verdadeiro merecimento. E's um raro homem, virtuoso e digno, a quem a realidade dos desejos sorri de boamente. (*abraçando-o*) Parabens, meu caro Fernando!... Sabe que somos dous a sentir o prazer da tua dita... Tu e eu... Tu, por que és o amante querido da mais linda donzella da côrte de D. João III; e eu, por que sou o amigo d'alma do mais ditoso cavalleiro...

D. Fernando, *expressão de tristeza.*

Quem sabe, Guterres... quem sabe?!

D. Guterres

Tu, que m'o disseste.

D. Fernando

Não fui eu que t'o disse... foi o coração que delira... Tenho de vencer estorvos... de quebrar talvez pela minha honra de fidalgo... para que D. Maria seja minha.

D. Guterres, *ancioso.*

Explica-te.

D. Fernando

Bem sabes que D. Alvaro de Noronha é um ambicioso, que não conhece almas talhadas para o merecimento da filha... quer ouro que peze tanto como o ouro que ella tem... D. Maria é instrumento da avareza de seu pai...

D. Guterres

Pediste-lh'a?

D. Fernando

Pedi:—recusou-m'a! mandou-me á India merecer o honroso nome de meus avós, e grangear o ouro que elles me não deixaram.

D. Guterres

E a tua espada ficou-se na bainha como a asevan de um peão... não é assim?

D. Fernando

Elle era o pai de D. Maria de Noronha...

D. Guterres

Já sei o que intentas... roubal-a... é verdade?

D. Fernando

E' verdade... se me aconselhares e ajudares com teu braço e coração.

D. Guterres

Deves ter traçado um plano para o rapto—não é assim?

D. Fernando

Foi ella que o traçou.

D. Guterres, *ironico.*

Oh! então deve ser seguro e desarriscado!

D. Fernando

Não quero os teus sorrisos, Guterres! Dá-me o teu conselho de prudente e assisado... bem vês que, eu e ella, ambos em assumpto d'amor desarrasoamos...

D. Guterres

Pois bem... falla... e não te enfades dos meus sorrisos, que são elles a prova da serenidade com que te ouço.

D. Fernando

Passados quinze dias, vão começar oito noites de folgar seguidas em honra dos desposorios de D. Guiomar Coutinho e o infante D. Fernando.

(*Vê-se passar ao fundo um trovador de mandolim ao tiracolo, pára um pouco, contemplando as janellas do edificio, e prosegue.*)

D. Guterres

Já sei... mas em que ficou uma balada de romance que por ahi correu de casamentos clandestinos... visões de jardins...

D. Fernando

Em nada, como devia ficar. Foi uma invenção de inimigos do infante, que prestes se dissipou... Vamos adiante. D. Maria de Noronha vem ahi ao sarau todas as noites, é livre, só ahi, onde o pai a não arreceia de algum cavalleiro galanteador, por que em festas publicas todos elles o são. O salão d'armas desta casa tem uma sahida pela galeria: eu esperarei por Maria nesse salão, sahiremos, e venceremos na primeira noite uma

duzia de leguas... Na primeira igreja que encontrarmos, ella será a minha esposa á face de Deus... e depois... proteja-nos o Deus que nos uniu.

D. Guterres, *ironico.*

O plano é facil e prompto... E' verdade... é prompto e facil... nem póde deixar de se succederem rigorosamente os lances que ella traça... Sim — D. Maria vem á sala d'armas... tu foges com ella... quem foge, desapparece... no dia seguinte casas... depois estás casado... E' verdade... estás casado... e tens conseguido quanto queres... o plano é logico!... Anda lá que a tua dama é a cabeça mais engenhosa para este genero de planos, que eu tenho visto...

D. Fernando

Sempre ironico!...

D. Guterres, *emendando-se.*

Ironico! eu não sou ironico. Queres a amostra de que os labios que sorriem são sinceros como a alma que os inspira? Fernando de Castro! Na noite aprasada para a fuga, serão meus os cavallos que vos ponham fóra dos muros da cidade:—eu e seis creados meus vos acompanharemos, e seremos testemunhas do vosso casamento. Acceitas o meu offerecimento?

D. Fernando

Acceito... (*abraçando-o*) E's muito meu amigo... és um perfeito cavalheiro, meu Guterres... (*ouve-se a musica*) Ah! vamos... vamos... que nos fogem os venturosos instantes...

D. Guterres, *sorrindo.*

A ti... de certo. A mim, á fé que não... bem sabes

que não amo... a minha alma é um occeano de tormentas onde não maream pilotos namorados... Vamos lá, meu caro Fernando...

(*Sahem*).

SCENA IV

OS ENCAPOTADOS *e depois* EZEQUIEL

1.º Encapotado

Os diabos os levem, que tanto tinham que dizer cá fóra!

2.º Encapotado

E perdemos a occasião... O trovador esteve aqui parado a olhar para as janellas... era elle... e quem sabe se voltará...

3.º 4.º e 5.º Encapotados, *alternativamente.*

—E' verdade.

—Quem sabe se voltará?

—Voltar... isso volta elle... mas bem sabeis com que sagacidade o infante quer que façamos a caçada...

Ezequiel, *entrando.*

Nobres senhores! dai ao cégo mendigo a vossa bemdita esmola...

1.º Encapotado

Cá está o importuno... Vai-te d'aqui embora, homem!

Ezequiel

Que mal vos faz o pobre céguinho, senhores!

2.º Encapotado

E' verdade... elle é cégo... deixal-o estar...

3.º Encapotado

Tu que tens, Ezequiel, fome ou sede?

Ezequiel

Fome, senhor!

3.º Encapotado

Pois nós temos sede e fome, que é mais alguma cousa... Vamos á vida, rapazes. Responsa-nos, velho, que, se nos não perdermos, hasde matar a fome ámanhã.

(*Vão sahindo*).

Ezequiel

Pois a Virgem vá na vossa companhia. Eu cá vos fico responsando.

SCENA V

EZEQUIEL E D. GUTERRES *depois*.

Ezequiel

Mais quinze dias... e eu estarei vingado! D. Maria de Noronha é a mulher que perdeu tres homens... Ahi está dentro um Guterres traidor como um judas. . aqui estou eu sanguinario como um demonio... somos dous... dous condemnados... Desgraçado Fernando de Castro!

D. Guterres, *vindo do palacio.*

Ouviste, Ezequiel?

Ezequiel

Ouvi, D. Guterres.

D. Guterres

Ella fugirá... e será d'elle.

Ezequiel

Porque a não matas?

D. Guterres

Matára, matára, se me não pedisses o privilegio de assassino...

Ezequiel

Tens razão: o assassino sou eu... quero ser eu... matára o homem que me roubasse o prazer de assassinal-a... Já sei tudo... preciso da tua protecção no momento da fuga d'essa mulher... promettes-m'a, homem?

D. Guterres

Sim... tudo... e um segredo eterno...

Ezequiel

Não quero depois o teu segredo. Diz bem alto por essa cidade que o matador de D. Maria de Noronha foi o judeu Ezequiel. Dil-o bem alto, que os pedaços do meu cadaver pularão de prazer na fogueira dos judeus. Vêr-nos-hemos passados quinze dias, não é assim, D. Guterres de Paiva?

D. Guterres

E' verdade. Dá-me a tua mão d'amigo.

Ezequiel

Não posso. E' impossivel sermos amigos. Ambos amamos a mesma mulher: pela raiva não fraternisaremos... Adeus... deixa-me agora.

(*Guterres sahe*).

SCENA VI

EZEQUIEL *e depois o* MARQUEZ DE TORRES-NOVAS

Raça de perfidas!... quem me déra apertal-a em vulto n esta mão, vêl-a aqui desfeita em sangue e pó como hei-de vêr ainda a garganta do dragão que me envenenou a infancia!

O Marquez de Torres-Novas, vestido de trovador, entra na scena tocando um mandolim, que já vem tangendo de longe emquanto Ezequiel fallou. Traz as barbas postiças: e vem pallido e como sombrio.

Marquez, *cantando.*

Quero folgados saraus,
Quero trovar n'esta lyra,
Quero amor, não quero a guerra,
Ruge a guerra, amor suspira.

Ezequiel

Nobres senhores! dai ao céguinho a vossa bemdita esmola.

Marquez, *reparando.*

E sabeis qual de nós será mais pobre?!

Ezequiel

Pelo trajar certo que não sei, porque não vejo; mas pelo folguedo do cantar, por Deus, que sois mais feliz que eu!

Marquez

Ai d'aquelle que vive de cantar os prazeres alheios! Um trovador é um mercenario a quem se pagam uns tantos reaes, por uns tantos versos, que elle faz de sua lavra, ou pede emprestados a quem os fez.

Ezequiel

Então sois poeta, ou fazeis de poeta?... Não sei qual dos nossos officios será o melhor. Ha em nós uma condição diversa. Vós ides, como o jogral, fazer rir fidalgos, que se desenfastiam com versos. O bobo faz rir em prosa, e vós em verso, a esmola é a mesma... Ora agora, eu cá tambem peço esmola, e se não faço chorar, pelo menos não faço rir.

Marquez

Jembraste bem... E's cégo mas vês mais que eu... Já agora hei-de levar a fim esta vida como tu has-de levar a tua. Tu has-de morrer a mendigar, e eu a cantar... Grande cousa é rasgar a vida em versos, quando para a desfazer em lagrimas má fada nol-a deu...

Ezequiel

Então vós soffreis muito, ou estaes a mentir em prosa?... basta mentir quando versejardes.

Marquez

Gosto de ouvir-te... Pareces-me um homem singular na tua classe!

Ezequiel

Assim o dizem muitos, mas não houve ainda ahi, entre os que o dizem, alguem que fizesse de mim excepção aos mendigos... Peço esmola ha muitos annos... e assim vou vivendo confundido com as vulgaridades mendicantes (*sorrindo*).

Marquez, *reparando.*

Ahi vem uma boa roda de encapotados... que não tem geito dos bons e leaes cavalleiros, a quem a noite é segura como o dia...

Ezequiel, *reflectivo.*

Espera... chega-te aqui... ouve-me... és trovador?... ou finges sêl-o?

Marquez, *admirado.*

Que pergunta!...

Ezequiel

Quem quer que sejas... esconde-te... depresssa...

SCENA VII

(*Os encapotados e tambem encapotado o infante D. Fernando, vem entrando; este por debaixo da capa traja as galas ricas da côrte. O marquez sahe*).

Ezequiel

Nobres senhores! dai ao cégo mendigo a vossa bemdita esmola.

1.º Encapotado

Não te dissemos que te fosses deitar?!

2.º e 3.º Encapotados

Fóra, fóra d'aqui.

Infante, *retendo-os.*

Deixai o desgraçado que mendiga... é uma infamia avexar o miseravel que nos não inspira compaixão... Não despreseis quem pede, quando não quizerdes soccorrer.

4.º 5.º e 6.º Encapotados

E' verdade! E' verdade!...

Infante, *meia voz.*

Accercai-vos de mim (*executam tirando os chapéos e desenbuçando-se*).

Pela terceira vez vos digo que o trovador deve ser preso, e depois de preso, respeitado e servido. Eu condemno na vida o que lhe pozer um dedo. Tendes-me entendido, rapazes?

Todos

Entendemos muito bem.

Infante

Pois muito bem, espero que executeis. Tomai esta capa...

(*Entra no edificio*).

1.º Encapotado, *para Ezequiel.*

O que te vale meu sabujo... o que te vale...

5.º e 6.º Encapotados

Deixa o velho... vamos á vida... Rapazes!... hoje honrados como cavalleiros!... já que nos pagam para sermos honrados... não haja sangue...

Todos

Bem lembrada! viva a honra!

(*Sahem*).

(*Rompe a orchestra á chegada do infante*).

Vozes dentro do palacio—Viva sua alteza! Viva su alteza! viva! viva!...

Marquez, *com a mão sobre o punhal—defronte da porta do palacio.*

Infame!

Ezequiel

Que estaes ahi a rosnar!? é a rima infiel que vos dá tractos á memoria?

Marquez, *como extatico.*

Oh! que muito desgraçado eu sou!

Ezequiel, *á parte.*

Quem será este homem?

Marquez, *para Ezequiel.*

Ouviste o que aqui disseram aquelles encapotados?

Ezequiel

Não... mas entre elles havia uma voz de homem a quem os outros obedeciam... fallaram muito baixo, depois... não ouvi nada...

Marquez, *concentrado.*

Quem sabe se um assassinio...

Ezequiel, *á parte.*

Que mysterio!

Marquez, *o mesmo.*

A morte sem a vingança!

Ezequiel, *nobremente.*

Quem sois, senhor?

Marquez, *surpreso.*

Quem sou? não sabes já quem sou? um miseravel trovador...

Ezequiel

Mentis! se sois cavalleiro não me peçaes satisfação por que, em honra vossa, não m'a podeis pedir...

Marquez, *approximando-se lentamente*

E tu quem és?

Ezequiel

Quem sou? não sabeis já quem sou? um miseravel mendigo...

Marquez

Homem! falla-me de traições, se as tens na tua vida... Diz-me que és um atraiçoado, porque eu jurei de andar errante pelo universo até achar um homem trahido mais vilmente que eu!

Ezequiel, *sorrindo.*

Tenho dó de ti! Diz-me ahi algumas de tuas trovas repassadas de fel e odio, porque tens um vasto assumpto na tua vida.

Marquez

Parece que insultas a desgraça dos outros...

Ezequiel

E' que eu sou um egoista com os meus tormentos... Vem cá... não tenhas nojo d'estes andrajos... dá-me a tua mão... queres ouvir uma historia de traições?... Ora pois: é um judeu que t a vai contar.

Marquez

Um judeu!

Ezequiel

E' verdade! Eu queria agora ter olhos para vêr o effeito que te fez no semblante este nome da raça maldita...

Marquez

Vêr-m'o-hias sereno... Continua.

Ezequiel

Amei uma mulher da tua tribu, cavalleiro christão! amei-a com fogo de coração arabe... amei-a como se o mundo fôra um deserto e ella a unica mulher do mundo. Quando a não amasse mais, amei-a tanto como amaste a tua, porque a maldição do vosso Christo não chegou aos corações dos amaldiçoados... (*silencio*).

Marquez

Diz.

Ezequiel

O teu rei faz-nos guerra de morte. Meus irmãos vagam a estas horas por esse mundo desterrados, pobres, perdidos...

Marquez

E tu!?

Ezequiel

Estou aqui como vês.

Marquez

E não podeste...

Ezequiel

Não pude o que?

Marquez

Sahir de Portugal por pobreza?

Ezequiel

Eu podéra forrar de ouro o maior galeão do teu rei que me levasse... O que não pude foi apartar-me d'essa mulher que amava muito.

Marquez

Confundes-me, homem! tu... cégo... mendigo...

Ezequiel, *sorrindo.*

Cégo!... é o habito de ter os olhos cerrados que me faz cahir na falta de os não ter aberto... Bem vês que a minha vista é tão clara como a tua!... (*Pega-lhe da mão, e collocam-se em meio da scena*) Vós, affeitos a muita franquia e lealdade, não sabeis fingir olhos e caras... e esconder debaixo d'um manto de farrapos um punhal de vingança quando o ouro já não vinga!... Adiante, não é assim? estás ancioso por saber o que te falta... Em quanto o judeu coberto d'ouro e pedrarias campeava por entre os mais ricos infanções da côrte... em quanto o judeu fascinava a raça feliz das bellas christãs, o judeu era a vida, e os sonhos da prejura... A prejura renegaria do seu Deus e da sua lei, se lhe eu dissesse um dia—«terás metade dos meus thesouros!» Proclamou-se o pregão inexoravel do exterminio. Os filhos foram arrancados aos pais, os pais verteram o veneno nas entranhas dos filhos, outros renegaram, e muitos foram dispersos ou mortos em nome de Jesus-Christo, do throno e da santa religião. Eu nem me suicidei, nem me fui a terras estranhas. Tinha pai, e mãi, e irmãos, e amigos... dei-lhes a maior parte do meu ouro... e fiquei por cá, meu cavalleiro, na tua deliciosa terra, como uma gôta de sangue n'um candido panal da Persia. Desculpa ao mendigo este dizer queixoso... Olha que sou muito desventurado!...

Marquez

Continua... Eu ouço-te, como se fôra um teu confidente... um teu amigo... um teu irmão de raça.

Ezequiel

Fui muitas noites á porta da minha amada... Pas-

sei-as no silencio da dôr... Se me viu... negou-se-me... se me fallou... com duas palavras... queimou-me as esperanças... calcou-me o orgulho de homem... matou-me o sentimento bom d'esta alma, que tive generosa e grande...

Marquez

Que te disse ella?

Ezequiel

«E's um judeu, o nosso amor é um crime»—foi o que ella me disse... Tinha prejurado... estava nos braços d'um amante... desprezara-me por elle, como desprezara outro por mim...

Marquez

Que intentas?

Ezequiel, *friamente.*

Matal-a.

Marquez

Matal-a!

Ezequiel

Espanta-te, homem! Mentiste-me quando me disseste que eras um atraiçoado... Que intentas fazer tu á tua perfida?

Marquez

Nem eu sei! Se tu soubesses a minha vida...

Ezequiel

Não m'a contes se é uma traição... são todas assim como esta... concebida a idea de uma mulher, e de uma traição... o mais é a differença de logar, e de tempo...

Marquez

E como tens podido passar sem ser conhecido?

Ezequiel

Facilmente. Esta raça de judeus o que não tem de fé deu-lh'o Deus de engenho. Este homem com quem agora fallas, se logo o vires, dirás que nunca o viste. Demais, se uma fatalidade me descobrisse, ha ahi entre os grandes da côrte uma mulher que me protege... é uma generosa mulher comigo... mas tambem é uma perfida... assim havia de ser... Creio que um recado meu para ella me livraria da fogueira dos judeus...

Marquez

Por que?!

Ezequiel

E' um segredo muito importante que lhe traria uma infamia grande se fosse revelado... D. Guiomar Coutinho...

Marquez, *sobresaltado.*

Que dizes?

Ezequiel

Parece que vais creando um grande interesse com a minha historia!

Marquez, *o mesmo.*

Diz... diz... continua.

Ezequiel

Não digo mais nada.

Marquez, *mudança de voz.*

Homem! tu conheces-me?

Ezequiel

Não!

Marquez

Sabes que D. Guiomar Goutinho é casada?... (*Silencio*) responde... falla...

Ezequiel

Sei.

Marquez

Como é que o sabes?

Ezequiel

Fui testemunha do seu casamento.

Marquez

Tu!

Ezequiel

Sim, eu.

Marquez, *procurando-lhe avidamente as feições, e affastando-lhe os cabellos do rosto.*

Ezequiel!

Ezequiel, *recuando.*

Quem te disse o meu nome?

Marquez, *serenamente.*

Já rezaste por alma do teu amigo d'infancia?... Julgaste morto no desterro o Marquez de Torres Novas?

Ezequiel

Deus de Abrahão!... que ouvi!

Marquez, *tirando as barbas.*

Duvidas, Ezequiel?

Ezequiel, *no maior transporte abraçando-o.*

D. João d'Alemcastre!

Marquez

Muito desgraçados somos, amigo!

Ezequiel, *recordando-se.*

Espera!... Já fallaste com Guiomar?!

Marquez, *serenamente.*

Já... duas vezes...

Ezequiel, *vivamente.*

Oh! livra-te de um veneno que sahiu de minhas mãos!

Marquez, *a mesma quietação.*

Já estou livre!

(*Ouvem-se vozes perto e rumor de passos*)

Ezequiel

Vem gente... occulta-te... retira-te, se poderes... uns encapotados cruzam este terreiro... procuram-te decerto...

Marquez

Dizes bem, Ezequiel, eu me esconderei, por que ainda é cedo para mostrar-me.

(*O marquez retira-se—Ezequiel compõe-se para pedir esmola*).

(*Abre-se a janella rasgada do fundo e vê-se a illuminação, cavalleiros e damas passeando*).

SCENA VIII

D. GUIOMAR E O INFANTE, *perto da janella.*

D. Guiomar

Lembrou-se bem vossa Alteza — A gente abafa aqui dentro... ai! que aragem tão consoladora...

(*Os cavalleiros tem desapparecido, e ficam sósinhos D. Guiomar e o infante, chegam á janella com intimidade*).

Infante

Que linda noite, Guiomar!

D. Guiomar

E' verdade, que lindo luar!... as noites encantadoras são a copia fiel da minha vida... o amor no meio das trevas. Quantas noites assim contemplaremos ditosos?

Infante

Tu reclinada no meu seio...

D. Guiomar

E eu recebendo dos teus labios o dôce beijo da nossa ternura...

Infante, *reparando em Ezequiel.*

Que vulto é aquelle?

D. Guiomar

Ah! é o cégo da minha devoção... ó céguinho! apare lá a esmola... coitado!... tendes tido muita esmola?

Ezequiel

Não muitas, nobre senhora! os cavalleiros do vosso

sarau bem mostram que ainda não estiveram na India... (*Aparando*) Deus Nosso Senhor vol-a veja dar, e vos prospere mil venturas na companhia do vosso futuro esposo... Ficai com a Virgem, nobres senhores...

(*Sahe da scena e passando pelo marquez que apparece encostado a uma columna*).

Vêr-nos-hemos outra vez.

SCENA IX

O INFANTE, D. GUIOMAR COUTINHO,
E O MARQUEZ, *occulto.*

D. Guiomar

Mal sabes tu, Fernando, quem este homem é!

Fernando

Um desgraçado mendigo, não é assim?

D. Guiomar

Como te enganas! E' um judeu que conspira contra a vida de teu irmão... tem relações muito intimas com Lopo Vaz de Sampaio.

Marquez, *meia voz.*

Infame!

Fernando

Que dizes, D. Guiomar?!

D. Guiomar

Assim t'o affirmo, e bom seria que fosse preso... e exterminado...

Fernando

Sim... mas é necessario convencel-o primeiro...

D. Guiomar

Dareis lugar a que elle se defenda... porque é rico e poderoso... Nada de processos...

Marquez, *á parte.*

Santo Deus! que mulher!

D. Guiomar

Faz saber isto ao rei... e abraça-me por te revelar um alto mysterio de estado... Não estás orgulhoso da tua espia secreta?...

Infante, *distrahido.*

Sim... de certo... eu darei as ordens...

Marquez

Onde o encontrarei, meu Deus!

D. Guiomar

Como isto aqui é lindo!... Eu não gosto d'esta musica estrepitosa dos saraus... antes as coplas de um trovador, descantadas no mandolim, não gostas mais, Fernando?

(*Ouve-se o arpejo de instrumento*).

D. Guiomar

Escuta... não ouves... Fernando?

Fernando

Ouço, é algum trovador enamorado...

D. Guiomar

Oh! se elle cantasse...

Marquez, *dentro — cantando.*

Gosa inteiro o prazer que desejas! (*erguem-se*)
Bem fadado será o menestrel,
Que poder com seus cantos mimosos
Deitar-te............

Infante, *sobresaltado.*

Retiremo-nos, D. Guiomar.

SCENA X

Marquez, *virado para a janella.*

Não gostas d'estas musicas, Guiomar! (*desesperação*) E agora? nada de fingimentos! disfarces são traições!... (*arremeça o bandolim*) força meu braço... (*arranca o punhal*) Cobarde!... se tens uma alma mais nobre que a da tua barregan... vem aqui fóra provar-me que ella o não é!... Não virá, que é um vil como ella... (*crava o punhal na porta*) esperaremos, meu punhal!... tu sim, fiel, só tu!

(*Vem á frente do palco*).

SCENA ULTIMA

OS ENCAPOTADOS *com mais quatro entram e dirigem-se ao* MARQUEZ; *dous d'elles vão arrancar o punhal da porta; o Marquez corre para o tirar, e estorvam-no.*

Encapotados

Estaes preso!

Marquez

Infames... eu para vós todos!...

2 Encapotados, *sem o tocarem.*

Estaes preso, senhor! A resistencia seria uma loucura.

Um encapotado, *travando-lhe do braço e affastando-se da turba.*

Eu te salvarei!

Marquez

Esta voz! (*Ezequiel mostra-lhe o rosto*) Ezequiel!

(*Acercam-se os encapotados*).

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO IV

PRIMEIRO QUADRO

O theatro representa o recinto da taverna de Mestre Gil. Mesas aos lados: n'uma d'ellas tres camponezes comem, e conversam, mostrando sempre grande attenção para D. Guterres e Ezequiel, que estão á mesa fronteira com botelha e copos: estes estão disfarçados com chapéos aragonezes e mantos.

SCENA I

D. GUTERRES, EZEQUIEL, OS CAMPONEZES, E MESTRE GIL.

Mestre Gil, *para os da mesa da esquerda.*

Vós para aqui bebeis muito pouco! Quereis fazer lastro com uns restos de perdiz que ahi tenho?

D. Guterres

Talvez mais velhos que esta vil zurrapa que pozeste -qui?

Mestre Gil

Zurrapa! o meu vinho, zurrapa! Que blasphemia! anto nome de Deus padre! (*para os da outra mesa*) '' rapazes! estão aqui a chamar zurrapa ao meu vi-10!...

Os tres da mesa

Lá o vinho bom é.

Mestre Gil

Ouvistes o que aquelles dizem? pois são os maiores borrachões da freguezia.

Ezequiel

Está bom, está bom, vai-te embora: queremos conversar.

Mestre Gil

Conversem lá o que quizerem, mas não digam que este vinho é zurrapa... isto! (*pegando d'um cópo e examinando o vinho*) isto... zurrapa, quem?

Um dos da mesa direita

O' mestre Gil! (*este vai-se e senta-se com elles*).

Ezequiel, *meia voz com Guterres.*

Não sabes ainda o dia da partida?

D. Guterres

D. Fernando de Castro, como tu já ouviste, disse-me que seria em uma das oito noites de bailes, que hão-de celebrar o casamento do infante com D. Guiomar Coutinho.

Ezequiel

Mas quem sabe se esses festejos se farão?

D. Guterres

Fazem, de certo, porque o Marquez de Torres Nova não deu provas nenhumas. Dizem que havia na cidad de Lisboa uma testemunha do seu casamento, mas qu elle não queria declarar-lhe o nome. Foram á igreja c

Odivellas procurar o livro dos casamentos, o prior tinha morrido, e o livro desappareceu. O tribunal hoje mesmo deu a sentença contra o Marquez; e condemnou-o a degredo perpetuo.

Ezequiel, *exaltado.*

Por tua honra, que isso assim foi, Guterres?...

D. Guterres

Por minha honra, pelos ossos de meu pai.

Ezequiel, *erguendo-se.*

Infames!

(**Mestre Gil,** *e outros erguendo-se.*)

Mestre Gil

Então, que é isso?

D. Guterres, *para Ezequiel.*

Que te importam a ti estas cousas, Ezequiel?

Ezequiel, *emendando-se.*

E' verdade... não me importam... mas tenho dó...

Mestre Gil

Então ha por aqui algumas desavenças?

Ezequiel, *forte.*

Deixa-nos!

Mestre Gil, *affastando-se assombrado.*

Perdão, perdão! (*meia voz*) Que me dizem ao tal berro!?

D. Guterres, *para Ezequiel que tem a cara occulta entre as mãos.*

Já vês que tudo corre ás maravilhas para a execução... tu não attendes?

Ezequiel, *erguendo a face.*

Attendo: o resto já eu sei... N'uma d'essas noites de bailes D. Maria de Noronha tenciona fugir não é assim?

D. Guterres

E' verdade.

Ezequiel

Tu introduzes-me no palacio de D. Guiomar Coutinho.

D. Guterres

E' verdade.

Ezequiel

D. Maria ha-de vir á sala d'armas, onde D. Fernando de Castro a aguarda, não é assim?

D. Guterres

E', e eu hei-de introduzir-te na sala d'armas, e convencionaremos então a senha que te hei-de dar no momento em que ella partir para a sala, entendes-me?

Ezequiel

Entendo.

D. Guterres

Dar-te-hei uma chave de porta falsa por ònde fugirás, depois...

Ezequiel

Depois do assassino... falla... não receis de offender-me. Não quero chave falsa, nem quero fugir...

D. Guterres

Mas se és preso... e posto a torturas... talvez descubras os cumplices...

Ezequiel, *forte.*

Cala-te, homem! pareces-me tão timido como desconfiado! Quando acabareis de saber que a alma d'um judeu é maior que o convento do vosso rei D. Manuel?

(*Estas palavras ditas em alto som tem assustado os camponezes, que se vão escapando surrateiramente*).

D. Guterres

Falla baixo, homem, que nos ouvem!

Mestre Gil, *meia voz.*

Este é que era azado para o empenho do tal desconhecido!

Ezequiel

Não temos mais precisão d'estarmos juntos, adeus. Vêr-nos-hemos pela derradeira vez, nos saraus de D. Guiomar Coutinho... Vai-te...

D. Guterres

Tu ficas por aqui?

Ezequiel

Fico.

D. Guterres

Adeus.

(*Vai-se*).

Mestre Gil

Então este senhor é o que paga?

Ezequiel

Sou. (*lança dinheiro a cima da mesa*).

Mestre Gil, *embolsando.*

Sim... perguntava eu...

SCENA II

EZEQUIEL, E PEDRO GIL

Ezequiel, *deitando-se sobre um escabello.*
Que horas são?

Pedro

Nove dadas na torre de Belem. Quereis cá ficar esta noite?

Ezequiel

Não, mas quero esperar pelas dez.

Pedro

E' que, se quizerdes cá pernoitar, eu dou-vos um bom gasalhado... Ainda que eu seja confiado, como o outro que diz, vós sois de por aqui?

Ezequiel

Que te importa? Eu não sou d'aqui, nem d'além. A tua taverna é agora a minha patria.

Pedro

Por muitos annos e bons. E olhai que bem se vive n'ella, e muito boa gente cá vem consultar o mestre Gil, sobre cousas de alguma monta.

Ezequiel

Não admira. Os homens da nossa laia tem ás vezes a chave de grandes segredos. Se não temos uma alta intelligencia, compensou-nos a natureza com um braço forte. A's vezes aprecia-se mais um punhal n'um braço popular, que um grande pensamento na cabeça de um ·tor em physica.

Mestre Gil

Lá isso é verdade. (*á parte*) Este parece que servia! (*alto*) Então vós sois cá dos meus, heim?

Ezequiel

Está visto: raça pura de peão e tigre furioso contra fidalgos e judeus.

Mestre Gil

Valente como as armas, heim?

Ezequiel

Lá isso não sei: o que posso dizer-te é que tenho affrontado homens e armas; as armas burnidas estalaram-me debaixo da adaga grosseira; os homens, que as vestiam, pediram-me misericordia.

Mestre Gil, *á parte.*

Está dito... Vou-lhe fallar no tal negocio — (*alto*) Ainda que eu seja confiado, como é a vossa graça?

Ezequiel

Chamam-me Lopo.

Mestre Gil

Por muitos annos e bons.—Pois, senhor Lopo, eu tinha bem vontade de fallar-vos de um negocio de bastante interesse... se não levaes a mal...

Ezequiel

Eu não levo nada a mal... diz o que quizeres... mas deixa-me ouvir-te com as commodidades possiveis (*deita-se no escabello*).

Mestre Gil

Não que o caso é muito serio...

Ezequiel

Não ha no mundo caso, que por mais serio, se não ouça bem deitado—Ora falla para ahi.

Mestre Gil, *indo fechar as portas, trazendo um copo de vinho a Ezequiel.*

Bebei d'este vinho, que é cá uma reserva particular.

Ezequiel

Não quero vinho...

Mestre Gil

Homem... essa!

Ezequiel, *apenas tocando com os labios no copo.*

E' optimo... Diz lá esse negocio.

Mestre Gil

Pois, snr. Lopo, hontem por volta de oito horas da noite, bateram-me á porta de rijo. Abri, e entrou por aqui dentro um encapotado sem descobrir a cara. Deu-me as boas horas... e aquella voz pareceu-me de mulher. Sentou-se ahi n'esse escabello e parece que tinha medo de fallar. Depois, muito depois, começou assim a dizer: —«Mestre Gil, a tua taverna é frequentada por algum homem a quem se possa offerecer um sacco de ouro?» A isto respondi eu: se vós quereis offerecer um sacco de ouro, aqui estou eu que bem preciso d'elle—Disse depois o encapotado: «Será teu se executares o que te vou propôr». Esteve um pouco calado, ou calada, porque cada vez se me afigurava mais ser mulher pelo timbre da voz, e depois continuou d'esta maneira... (*reparando em Ezequiel*) Vós estaes a dormir?!..

Ezequiel

Não; que te disse depois o homem ou a mulher?

Mestre Gil, *á parte.*

Bem — elle vai-se interessando no conto. (*alto*) Disse-me assim: «Existe um homem n'um carcere, quero que este homem seja morto, quem o matar poderá depois pagar com ouro aos matadores dos seus inimigos. (*Ezequiel vai-se levantando pausadamente*) Atreves-te ou sabes quem se atreve a fazel-o?» Eu fiquei sem pinta de sangue, como diz lá o outro; mas... ao mesmo tempo lembrei-me cá d'um certo freguez, que por aqui costuma vir, e disse-lhe que... poderia ser, que apparecesse alguem que o fizesse, nemja eu... Fiz-lhe umas perguntas a respeito de perigos que corria a empresa, e o tal homem ou mulher... sim, porque eu não sei... disse-me que não havia risco, e que esse tal que quizesse ganhar o dinheiro havia de entrar no carcere com um signal... matar o preso... lançal-o de noite ao Tejo... e deixar uma carta, ou não sei que, na prisão.

Ezequiel, *com a maior curiosidade.*

E pareceu-te que a voz do encapotado era de mulher?!

Mestre Gil

Eu não juro; mas diabos me levem se não era!

Ezequiel

Que altura tinha?

Mestre Gil

Altura!... lá a respeito d'altura... dava-me por qui, pouco mais ou menos (*indicando o pescoço*).

Ezequiel

Será possivel que seja ella ?!

Mestre Gil

Então... que vos parece?

Ezequiel

Quando torna aqui o encapotado?

Mestre Gil

Vem logo buscar a resposta.

Ezequiel

Logo? Hoje? Esta noite?

Mestre Gil

E verdade. Agora vêde lá...

Ezequiel

Vêde lá o que?

Mestre Gil

Sim... dizia eu... se vos fizesse conta...

Ezequiel, *sorrindo.*

Matar o homem... é o que queres dizer?

Mestre Gil, *hesitando.*

Eu... apesar de não saber com quem fallo...

Ezequiel, *sorrindo.*

Achas-me com cara de matador, não é assim?

Mestre Gil

Não... mas como o outro que diz...

Ezequiel

Pois bem: tudo é possivel. Eu esperarei que venha esse anjo da morte com o sacco d'ouro. Esconder-me-has, e diz-lhe que achaste um homem: pede-lhe as explicações necessarias...

Mestre Gil, *atalhando.*

Isso está visto.

Ezequiel

E depois fallaremos.

(*Duas pancadas na porta*).

Mestre Gil

Ora esperai...

Voz, *de mulher.*

Mestre Gil! abri.

Ezequiel, *para Mestre Gil que quer ir abrir.*

Não vás... espera... (*vae escutar á porta*).

Voz

Mestre Gil! (*batendo duas pancadas*) mestre Gil!

Ezequiel, *affastando-se e com transporte.*

E' ella!

Mestre Gil

Ella... quem?

Ezequiel

Vai abrir... onde me escondes?

Mestre Gil, *apontando.*

Ahi, ahi n'essa alcova.

SCENA III

D. GUIOMAR COUTINHO (*encapotada em trajes de homem*) E MESTRE GIL

Mestre Gil

Deus vos traga.

D. Guiomar, *querendo contrafazer a voz.*

Demoraste-te!

Mestre Gil

Estava lá dentro arrumando a trapalhada da cosinha.

D. Guiomar

Então?

Mestre Gil

Então... o homem está arranjado.

D. Guiomar

De certo?

Mestre Gil

De certo, como vol-o digo... o homem está prompto.

(*D. Guiomar senta-se: como quebrantada, deixa pender a cara para as mãos e conserva-se assim algum tempo. Mestre Gil encara-a, e encolhe estupidamente os hombros*).

Mestre Gil

Parece que não estaes bom!... quereis tomar alguma cousa?

D. Guiomar

Não. Eu posso fallar com esse homem?

Mestre Gil

Parece-me que não; mas, á falta d'elle, aqui estou eu para receber as explicações, e o dinheiro; e o mais deixai-o cá por minha conta.

D. Guiomar

Vem cá, escuta-me. O homem que quizer ganhar estas dobras (*põe um saquito sobre a mesa*) ha-de ir á torre de Belem; apresentará ao carcereiro este annel (*tira um annel do dedo*); o carcereiro ha-de guial-o a uma prisão reservada... (*voz tremula*) encontrará ahi um preso, e depois... (*confusa*).

Mestre Gil

Então que é isso... quereis uma pinga de vinho?

D. Guiomar

Não. . deixa-me...

(*Ezequiel cautelosamente vem á scena; cruza os braços encarando-a, sem que ella o veja. Gil, por de traz de Guiomar, mostra-lhe a bolsa com grande contentamento. Ezequiel acena-lhe com a cabeça em ar de approvação, e retira-se*).

D. Guiomar

Gil...

Mestre Gil

Aqui estou... e depois esse homem...

D. Guiomar

Ha-de fazer com que o preso assigne esta carta... *dá-lhe uma carta dobrada*) Esta carta ha-de ficar no carcere, o homem ha-de ser...

Mestre Gil

Morto, não é assim?

D. Guiomar

E depois lançado ao Tejo... e as portas do carcere hão-de ficar abertas...

Mestre Gil

Muito bem! muito bem... contai com a execução de tudo...

D. Guiomar

Posso ir descansada... não é assim, Gil?

Mestre Gil

Podeis...

D. Guiomar

Adeus!

(*Sahe*).

SCENA IV

EZEQUIEL E GIL

Ezequiel

Dá cá essa carta... e o annel. (*Recebe-os*).

Mestre Gil

E' verdade!.. vós sabeis lêr?! vamos vêr o que ella diz...

Ezequiel, *abrindo a carta.*

Põe a melhor vianda que tiveres sobre essa mesa...

Mestre Gil, *diligente.*

E' verdade... tendes razão...

(*Ezequiel lê mentalmente a carta, com grandes commoções, entretanto que mestre Gil prepara a mesa*).

Gil, *voltando do arranjo da mesa.*

Essa carta diz que ha-de ser assignada pelo preso...

Ezequiel, *que ficou de braços cruzados como extatico.*

Já sei.

Mestre Gil

Dareis o annel ao carcereiro... ouvistes?

Ezequiel, *o mesmo*

Ouvi.

Mestre Gil

Vamos agora contar o dinheiro antes de cear... heim?

Ezequiel, *sahindo.*

Adeus, mestre Gil.

Mestre Gil

E o dinheiro?... esperai...

Ezequiel

Fica tu com elle

Mestre Gil

Eu!... que dizeis?

Ezequiel

Adeus.

Mestre Gil

E a ceia?

Ezequiel

Come-a.

Mestre Gil, *vindo á frente com grande espanto.*

Que diabo é isto?

SEGUNDO QUADRO

Vista de carcere.

O **Marquez,** *vestido como o vimos quando preso, com o rosto natural, mas desfigurado pela pallidez, está sentado no banco dos réos — Sentados em frente, tres inquiridores do ecclesiastico, alternativamente assignam um papel.*

SCENA I

O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS E OS INQUERIDORES DO ECCLESIASTICO.

1.º Inqueridor

Não tendes mais nada a allegar em vossa defeza?

Marquez

Mais nada.

2.º Inqueridor

Escusavam-se os vossos embargos á nossa ultima sentença.

Marquez

Pois então... Deus tome de sua mão a minha causa.

3.º Inqueridor

Amen.

1.º Inqueridor

A lei condemna-vos, na qualidade de nobre, a degredo perpetuo... veremos a piedade do soberano se vos commuta a pena.

(*Erguem-se para sahir*).

Marquez, *erguendo-se com arrebatamento.*

Condemnado a degredo perpetuo!

2.º Inquiridor

Remediai-o, que podeis.

Marquez

Ide, senhores! deixai-me!

Todos

Ficai com Deus, senhor marquez.

(*Sahem*).

SCENA II

MARQUEZ DE TORRES-NOVAS *e depois o* INFANTE D. FERNANDO.

Marquez

Condemnado a degredo perpetuo! Parou n'isto a minha vida! Já não tenho recursos... perdi as esperanças todas... Recorrer agora... só para o punhal!... Quem me ha de soltar d'este carcere... quem me dará um momento de liberdade para esmagar o coração d'aquelle demonio?...

Infante, *ao fundo.*

Provavelmente ninguem.

(*O Infante socegadamente caminha para o marquez, que o encara com altivez*).

Marquez de Torres-Novas, conheces-me? E' ocioso perguntar-t'o... és meu primo, fomos amigos, hoje somos rivaes — Serenidade, marquez. Não te temo, nem me receies. Has de ouvir-me. Tens sido pouco nobre nas tuas paixões... Quando se ama uma mulher, ou

ella se deixa erguer um throno de dominio na alma, e então o homem ama por desejo e gratidão; ou ella repelle os affectos do que a requesta, e então é nobre o deixal-a na livre escolha de quem lhe apraz. A calumnia cuspida na mulher fragil por espirito de vingança... é uma infamia, não digna do filho do duque de Coimbra; é uma acção que um escudeiro não pratica, é um comportamento... que...

Marquez

Basta... D. Fernando!

Infante

Has de ouvir-me, porque venho aqui para salvar-te. Tive meios seguros de te fazer pagar com a vida um erro que te envergonha... mas não os aproveitei... Quero que vivas, porque a patria e eu exigimos a tua amisade e os teus serviços... Tens hoje mesmo a liberdade, e o perdão, se te desdisseres da falsidade que levaste aos tribunaes sem uma prova que deixasse um momento em suspeita a tua honra de cavalleiro... Foste condemnado a degredo perpetuo... appellaste para o tribunal ecclesiastico, esse decidiu como devia... Está provado, marquez, que o teu crime é o muito amor, e esse muito, e muito repellido.

Marquez

D. Fernando! que me pões a torturas com que não posso! Deixa-me... não quero perdão, nem liberdade... Reserva o nome d'essa adultera... não o pronuncies... Vai-te!

Infante

Não me irei sem dizer-te que esta noite te serão abertas estas portas, serás levado por gente minha ás fron-

teiras de Castella; passarás, rico dos meus haveres, a reinos estrangeiros, e dar-me-has tua palavra de cavalleiro de não mais voltar a Portugal.

Marquez

Não dou! quero o degredo perpetuo, não quero ser rico do teu ouro... Oh! tu não crês que essa adultera é minha mulher?

Infante, *sempre sereno.*

Não creio: mostra-me um documento que me faça crêr-te.

Marquez

Não os tenho...

Infante

Nem um accento...

Marquez

Foi rasgado...

Infante

Nem uma testemunha...

Marquez

Existe uma...

Infante

Já o disseste, mas que é d'ella?

Marquez

Não posso... não posso nomeal-a...

Infante

Bem: não ha nada que esperar... Marquez, acceitas a minha protecção?

Marquez

Não.

Infante

Reputas-me um emulo generoso?

Marquez

Deus tenha compaixão de ti, quando o futuro te apontar qual de nós é o mais desgraçado!

Infante

Marquez! Tenho pura a minha consciencia...

(*Sahe*).

SCENA III

MARQUEZ DE TORRES-NOVAS E O CARCEREIRO, *e depois* EZEQUIEL.

(*O carcereiro fecha a porta*).

Marquez

A minha situação, meu Deus!

(*Duas pancadas fóra*).

Carcereiro

Quem bate? (*O marquez é estranho á scena que se passa*).

Voz exterior

Abre.

Carcereiro

Trazeis senha?

Voz

Trago.

Carcereiro, *abrindo o miradouro da porta.*

Dai cá, e esperai — (*vem á bôca da scena confrontar um annel que recebeu, com outro que tem*) (*meia voz*) Não ha duvida: é este o annel semelhante. Dous anneis de brilhantes e duzentas dobras cunhadas em Gôa... Muito bem... (*repetem as pancadas na porta*) Já vou, lá vou. (*Vai abrir a porta*).

SCENA IV

EZEQUIEL, *como no primeiro quadro,* MARQUEZ DE TORRES-NOVAS E O CARCEREIRO.

Ezequiel, *sem desembuçar-se, traz pela mão o Carcereiro á bôca da scena, e falla-lhe a meia voz:*

Ezequiel

Já sabes a que venho?

Carcereiro

Sei... o homem está alli (*indicando o marquez*).

Ezequiel

Trago uma carta...

Carcereiro

Que deve ser assignada pelo preso...

Ezequiel

E que tu deves...

Carcereiro

Ir mostrar ao cabido, e ao rei, e á côrte... Entretanto que vós...

Ezequiel

Hei de matar este homem, que...

Carcereiro

Eu depois lançarei ao Tejo...

Ezequiel

Quem t'o disse?

Carcereiro

E a vós?

Ezequiel

Não sei.

Carcereiro

Eu tambem não.

Ezequiel

Pois é o mesmo: ausenta-te por um instante—Eu te chamarei.

Carcereiro

A's vossas ordens — (*Sahe*).

SCENA V

EZEQUIEL E O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS

Ezequiel, *sondando o pulso do marquez:*

Que almas tão pequenas! Valentes, no campo da batalha, quando barateiam a vida para engastarem na corôa do seu rei uma perola, roubada aos pacificos habitantes do oriente! — Cobardes d'honra e espirito, quando é necessario vingar uma offensa propria! Desmaiado, como uma mulher... Pobre homem... tinhas um coração como poucos! Elle aqui está deixando-se morrer n'um carcere... escrupuloso de sacrificar a pa-

lavra d'honra d'um instante a uma vingança de toda a vida! (*Agitando-o*) João d'Alemcastre!... marquez de Torres-Novas!... primo de D. João III!... (*o marquez ergue a cabeça, e fita Ezequiel com penetração*) Ergue-te, que está aqui o mendigo da raça proscrita! Levanta-te, grande de Portugal! — é um judeu enxovalhado das vaias da plebe, que te chama á vida e á vingança!

Marquez, *vozes abafadas e demoradas.*

Ezequiel! tambem tu!

Ezequiel

Tambem eu. Ezequiel cubriu um manto de aguazil, derrubou a aba do chapéo, entrou na turba dos assalariados para te salvar, homem que fallas e não pensas! Que a tua perfida mulher te não pegue o contagio da ingratidão!... João d'Alemcastre! a minha voz vai soar altiva, como ninguem a ouviu ha muitos annos! Marquez de Torres-Novas! eu sou o teu libertador! (*abraçando-o*).

Marquez

Oh meu amigo!

Ezequiel, *mostrando-lhe a carta que recebera.*

Assigna esta carta!

Marquez

Esta carta!... isto que é?!

Ezequiel, *sorrindo.*

Isto... é quasi nada... E' uma mulher, que manda a um carcere matar seu marido, por alguns punhados d'ouro. (*mostra-lhe a bolsa, que arremessa depois sobre a mesa*) E' uma carta que o marido ha de assignar um

momento antes de morrer. Escuta: (*aproxima-se com elle de uma alampada suspensa e lê. Durante a leitura, o marquez exprime com alguns monossilabos soltos a sua desesperação*).

«D. Guiomar Coutinho foi a primeira e a ulima mulher que amei no mundo. Nunca fui amado por ella, e todo o amor que lhe tive alfim converteu-se-me em ciume, odio, e desejo de uma vingança. Achava-me em Ceuta a cumprir um degredo, quando me constou que D. Guiomar ia ser esposa do infante D. Fernando. Fugi do degredo, vim á patria accusar D. Guiomar de adulterio. Cuidei que me vingava, mas o proveito que colhi d'esta infame calumnia foi o remorso para toda a minha vida. Fui condemnado a degredo perpetuo... forcejei por fugir d'este carcere, pude conseguil-o; mas, no momento da minha fuga, bradou--me a consciencia mais alto que todas as minhas paixões. Entendi que devia deixar n'esta prisão um documento assignado por minha firma declarando innocente de todas as minhas calumnias essa mulher que me perdeu por sua isempção. Ninguem me tornará a vêr... Peço perdão á minha familia de a ter deslustrado com um crime indigno de nossos avós; peço perdão a D. Guiomar... e se ella me perdoar, tambem conto com o perdão de Deus.»

Segundo as determinações de tua esposa, esta carta devia ser-te apresentada d'esta maneira: (*toma uma posição arrogante: ameaça-o com o punhal e aponta para a carta que põe sobre a mesa*) Assigna! (*mudando de voz e maneiras*) Tu assignavas... é crivel que sim... e depois a tua assignatura ia proclamar á côrte a innocencia de tua mulher, o teu cadaver era um segredo que as ondas do Tejo não descobririam, e o teu assassino matava sem saber a quem matava. (*O marquez*

está exhausto de forças com a face escondida entre as mãos: Ezequiel bate-lhe no hombro) Coragem, cavalleiro de Diu! Ergue essa fronte que ostentaste altiva diante das hordas do Çamorim! Aqui tens um punhal... (*o marquez recebe o punhal em frenesi de colera*) queres agora o ar livre? eu vou abrir essas portas; vou-te levar aos salões de Guiomar Coutinho; hei-de encher-te esses ouvidos da harmonia dos menestreis que celebram os desposorios da muito amada e innocente esposa de D. Fernando! Hei-de mostrar-t'a com a face a revelar candura e paz de coração: não lhe verás a lagrima do remorso, nem a sombra d'um grande crime, que faz tremer os demonios no inferno.

Marquez

Oh! meu Deus!

Ezequiel

Eia! João d'Alemcastre! Jura pela cruz da tua religião, que eu jurarei por esse Deus que me inspira uma vingança de trahido, que os sinos dos campanarios hão-de tanger, á mesma hora, uma canção de morte a ferro frio, pór Guiomar Coutinho e Maria de Noronha.

Marquez

Ezequiel! juro!

Ezequiel, *apontando-lhe a cadeira junto da mesa.*

Senta-te; (*o marquez executa*) Assigna esta carta (*o mesmo*) Agora medita uma vingança digna de um Alemcastre; se é que vós outros *(sorrindo)* homens de um appellido estrepitoso e estirado, não sois menos nobres em vinganças, que qualquer plebeu que desde Adão e Eva não teve um appellido! (*Vai á porta do carcere e chama*) Carcereiro!

SCENA ULTIMA

OS MESMOS E O CARCEREIRO

Carcereiro

A's ordens.

Ezequiel, *affastando-se com elle do marquez e a meia voz.*

O homem vai ser morto.

Carcereiro

Muito bem.

Ezequiel

Aqui tens a carta. Vôa nas azas do sacco de dobras, que ganhaste, por essa cidade; mostra essa carta no cabido e no paço; grita bem alto que o preso fugiu...

Carcereiro

As minhas obrigações bem as sei eu...

Ezequiel

Pois melhor... Depressa... (*O carcereiro sahe. Ezequiel demora-se um pouco a observar a sahida do carcereiro, depois, com ironia, diz ao marquez*) Marquez de Torres Novas! Vamos ao festim de D. Guiomar Coutinho. Não seja só o infante D. Fernando o que possua no dedo um annel da sua carinhosa esposa. Não lhe invejes a sorte. Aqui tens um annel da desposada (*mette-lhe no dedo o annel que recebera para senha*).

Marquez, *estupefacto.*

Este annel!...

Ezequiel

Esse annel é uma prenda dada ao teu assassino: com mais um punhado de dobras é o preço da tua vida!

Marquez

Inferno! inspira-me uma vingança de demonio!

Ezequiel

O inferno ouviu-te: eu sou o seu enviado.

(*Corre o panno*).

FIM DO 4.º ACTO

ACTO V

Sala de festas em casa de D. Guiomar Coutinho. Celebram-se os desposorios d'esta com o infante D. Fernando. Este com a esposa distinguem-se pela riqueza dos vestidos. D. Guterres, D. Fernando de Castro e D. Maria de Noronha, entre outras damas e cavalleiros, demonstram mais actividade e contentdmento. Já em grupos, já aos pares, dama e cavalleiro, giram pelo salão. A um lado, Guiomar Coutinho com o infante D. Fernando; a outro, D. Maria de Noronha com D. Fernando de Castro estão sentados, e encaram-se com a vivida expressão de um amor feliz. Desviado, vê-se D. Guterres, que os observa de braços cruzados.

PRIMEIRO QUADRO

SCENA I

OS MENCIONADOS NA DESCRIPÇÃO DA SCENA

Infante, *ao par fronteiro.*

D. Maria de Noronha, é necessario que o vosso dia grande se não demôre muito. Muito nova estaes, certamente; mas para casar não ha idade.

D. Maria de Noronha

Velha Estou eu já com tanto esperar, snr. D. Fernando!

D. Guiomar

Então quem é o culpado?

D. Fernando de Castro

Eu por certo não, senhora D. Guiomar!

Infante

Isso creio eu: crescemos ambos nas paixões, e nunca nos fizemos mysterio dos nossos amores. Amigos sempre, não é assim, Castro?

D. Fernando de Castro

Sempre o fomos, e sel-o-hemos sempre, em quanto vossa alteza me não retirar essa honra.

Infante

Honra, sou eu que a recebo dos bons amigos. Temos uma só paixão, e, de mais a mais, um só nome.

D. Guiomar

E' verdade, D. Maria de Noronha! que pena eu tenho de me não chamar Maria!...

D. Maria

Ou eu Guiomar!...

(*Erguem-se e vem sentar-se ao meio do palco*)

Infante

Alli está D. Guterres a ouvir-nos com bem inveja da nossa situação!...

D. Guterres, *entrando na roda, com dissimulação mal fingida. Commoção em D. Maria de Noronha.*

E' verdade, snr. Infante! Inveja, não de vos vêr ahi enlaçados a tão lindas damas, que bem dignos sois d'ellas, e ellas de vós; mas inveja tenho eu d'aquelles que alcançam mais do que merecem!

D. Fernando de Castro

E não ha ahi n'este salão vinte corações a disputar a gloria de merecer-vos?!

D. Guterres

Não és tu, Fernando, authoridade de fé para assim perguntar. E' a vós, senhora D. Maria de Noronha, que compete dizer se eu terei coração que valha um sorriso de mulher!

D. Maria de Noronha, *perturbada.*

A mim!?

D. Guterres

A vós por certo, que sois um anjo para lêr segredos d'alma, que mulheres não sabem lêr. Olhai para mim, linda donzella! vêde se esta physionomia revella coração de anjo ou de demonio!... (*Cresce a perturbação de D. Maria de Noronha; os circumstantes olham-a com admiração*) Parabens, (*sorrindo*) Fernando de Castro! Vêde vós, senhor infante, que virgem tão pudibunda a córar d'um galanteio tão trivial e innocente! Eu não vos quero assim ter opprimida, casta Suzàna! Vêde a vossa companheira (*apontando para Guiomar*) n'este dobrar do cabo mais sereno de uma vida tormentosa... vêde aqui a senhora D. Guiomar tão linda e virtuosa como vós, a responder-me, sem córar. Dizei-me, senhora

condessa de Marialva! Guterres, o cavalleiro de cem batalhas, e trahido por cem mulheres, achará na sua vida uma, que não seja perfida, uma perfida que não seja devassa, uma devassa que o não assassine?!

D. Guiomar

Essa pergunta, snr. cavalleiro!...

D. Guterres

Não vos cabe a ella responder, não é assim?

D. Guiomar

Nem creio que caiba a outrem, porque muitos corações pulsam fieis por D. Guterres, e será talvez D. Guterres, que os accuse, depois de os contaminar.

D. Guterres

Bem! muito bem... Hoje é o dia das felicitações. Parabens, snr. infante! — tendes uma espirituosa senhora! Alli tendes, D. Maria, uma resposta simples e conceituosa... O tracto (*sorrindo*) da côrte, e de vosso penetrante marido hão-de affeiçoar-vos a alma alli pela fórma da de D. Guiomar Coutinho.

Um pagem

Os menestreis esperam as ordens da senhora D. Guiomar Coutinho.

D. Maria de Noronha, *meia voz.*

Ainda bem...

Infante, *no centro da comitiva.*

Formosas damas, e nobres cavalleiros! Na sala proxima, vamos, eu e minha esposa, fazer a nossa entrada de esposados, ao estylo de nossos avós, que do céu

sorriem para a nossa felicidade d'hoje. Fazei-me a honra de assistir, que assim prestaes bom e justo galardão á amisade que vos consagro.

Cavalleiros e Damas

A' sala proxima!

(*Vão sahindo, menos D. Guterres que, depois, se senta*).

SCENA II

D. GUTERRES E DEPOIS EZEQUIEL

D. Guterres

Ainda a vi córar de vergonha! E' resto de pudor a transluzir na escuridade de uma alma perfida! (*Ergue-se*) Remata-se aqui uma paixão de oito annos! Eu... trocado, primeiro, por um judeu rico... depois, por um cavalleiro gentil... vim achar essa mulher quasi barregan á minha vista... ouvindo-me e córando... córando e atraiçoando-me!... Quem não cuspiria na face do trahido, se elle não tivesse o recurso da vingança!... Felizmente... oh! felizmente... não será o meu braço o instrumento da punhalada!... talvez que hoje mesmo Ezequiel...

Ezequiel

E' verdade... hoje mesmo.

D. Guterres, *sobresaltado.*

Ezequiel! não estás aqui seguro... vai... esconde-te na sala d'armas... eu serei comtigo muito breve ..

Ezequiel, *tranquillo.*

Espera: na sala proxima folga-se agora a bom folgar. A sala d'armas é um cepo que espera uma victima.

Deixa que o algoz respire este ar perfumado das flôres de Portugal... Não quero encarar muito tempo o meu tumulo... deixa a sala d'armas, escura e triste, para logo... Senta-te, que aqui ninguem nos perturba.

(*Ezequiel senta-se. D. Guterres está impaciente*).

D. Guterres

Ezequiel! vai-te, que eu sinto passos.

Ezequiel

Tambem os eu ouço, mas não os sinto. O pé que houver de pizar-me hoje ha-de ser muito leve, e eu muito carregado no somno.

SCENA III

OS MESMOS E D. FERNANDO DE CASTRO

D. Fernando, *reparando em Ezequiel, e para Guterres.*

Quem é este cavalleiro?

Ezequiel

Não é cavalleiro, nem homem, nem ente moral—é uma cousa, uma insignificancia que equivale a *ninguem*. Fallai, á vontade, dos vossos amores e cavallarias, que eu vou-me embora. (*Ergue-se para sahir, e hesita*) Não!... Somos tres... prestai-me um momento de attenção... somos tres: cada qual de nós deve, por necessidade, ter uma amante, não vos parece?... Estaes mudos!?

D. Guterres, *á parte.*

Que irá elle dizer!

Ezequiel

— Eu respondo por vós «Sim, cada um de nós deve, por necessidade, ter uma amante». Como é a vossa, D. Fernando de Castro?

D. Fernando de Castro

Bella e virtuosa como nenhuma.

Ezequiel

E a vossa, D. Guterres?... Sois muito modesto... não quereis responder; eu respondo por vós: «Bella e virtuosa como nenhuma.» Pois a minha tambem é bella e virtuosa como nenhuma. Aqui está um mysterio como o vosso da *trindade:* são tres bellas e virtuosas distinctas, e uma só D. Maria de Noronha verdadeira. — Adeus, cavalleiros (*solta uma risada, sahe, e os dous ficam como estupefactos*).

SCENA IV

D. GUTERRES E D. FERNANDO DE CASTRO

D. Fernando de Castro

Quem é este homem?!

D. Guterres

Não sei. Achei-o alli sentado, como tu o achaste.

D. Fernando

Que viriam a dizer aquellas palavras cabalisticas?!

D. Guterres

Tambem não sei... O caso é que elle sabe da tua vida, e nós não sabemos d'elle nada!

D. Fernando

Estou afflicto!

D. Guterres

Por que?!

D. Fernando

Hoje que a fuga se prepara... a apparição d'este homem...

D. Guterres

Que tem este homem com a fuga?... Não sejas creança supersticiosa... Vamos ao que importa... Os cavallos estão promptos... a que horas determinas a sahida... não respondes?!

D. Fernando

Estou confuso... Aquellas tuas maneiras com D. Maria de Noronha... a vontade que ella tem de já fugir...

D. Guterres

Tanto melhor para ti. Aquellas minhas maneiras foram um saldo de contas, que eu tive com uma mulher, na pessoa de D. Maria de Noronha. Mal sabes tu o que é o homem de coração espedaçado e morto! Se falla, as suas palavras são terriveis e confusas como seriam as d'um espectro. Se olha, o seu olhar tem scintillas de fogo que fazem aquecer as faces virgens como as da tua amante. Se respira, o seu halito importuna e enjôa como a exhalação d'um cadaver! Affaz-te a considerar-me um homem real como este homem imaginario... depois repousa na innocencia de D. Maria de Noronha, na amisade do teu inoffensivo Guterres, (*abraça-o*).

D. Fernando

Ai de mim, se tu fosses um traidor!...

D. Guterres, *afflictivamente a meia voz.*

Meu Deus!

D. Fernando

Guterres! nunca sejas ingrato á confiança que em ti depositei...

D. Guterres, *alterado.*

Fernando de Castro! hei de sempre chamar-te amigo!...

D. Fernando

Ao dar da meia noite, D. Maria deve esperar-me na sala d'armas.

D. Guterres

Ao dar da meia noite... muito bem. A cincoenta passos esperam-vos os cavallos mais amestrados que tenho, n'estes lances apertados... Não percas um instante, vamos que a tua ausencia deve affligil-a...

(*Vão a sahir, quando os esposados e as demais damas e cavalleiros entram, ao passo da orchestra, que é executada na sala interior. D. Guiomar senta-se ao lado direito do infante, em lugar distincto, e os demais, damas e cavalleiros, em distinção.*)

SCENA V

OS MENCIONADOS

Infante

Sabei, nobres damas e cavalleiros, que manhã se celebram meus desposorios na real capella de meu amado irmão. Para ahi vos convido a todos, que assim é vontade d'el-rei, e de minha esposa D. Guiomar Coutinho,

cuja honra e pundonor algum tempo incerto, se purificou pelos seus soffrimentos e pela declaração do nosso desgraçado irmão d'armas D. João d'Alemcastre, marquez de Torres-Novas, vol-a apresento, digna do vosso cortejo, e digna irmã de D. João III — (*Os cavalleiros erguem-se: curvam a cabeça e sentam-se. O infante agradece-lhes, e D. Guiomar, sem se erguer, acompanha-o no agradecimento*).

D. Guterres

Sr. infante! fareis justiça ás damas e cavalleiros, que vos ouviram, se os julgardes incapazes de em tempo algum prestarem credito ás calumnias do marquez de Torres-Novas. Nunca pudemos crêr que, tão gentil e virtuosa senhora como D. Guiomar, occultasse no rosto innocente o stygma infamante que D. João d'Alemcastre lhe denunciára.

Cavalleiros e damas

E' verdade!

Infante

Minha esposa agradece o justo conceito que d'ella fizestes, mui formosas damas e leaes cavalleiros. A vós, D. Guterres, que tão bem interpretastes os nobres sentimentos d'este luzido cortejo, compete-vos dar a regra para os folguedos d'esta noite. Bom será que ella nos não fuja entre formalidades e galanteios. Comecem os jogos; cada dama, com o seu mais amado cavalleiro, tome a postura que lhe convem. Confio, D. Guterres, que não ficareis sem dama.

(*O infante com D. Guiomar erguem-se e vão occupar, de pé, um local;— em seguida, dama e cavalleiro, os vão imitando, ao compasso da orchestra que se deve*

ouvir desde o momento que o infante se levantou. Finalmente, D. Guterres fica. A orchestra parou).

D. Guterres, *cruzando os braços.*

Agora vos digo eu, snr. D. Fernando, que bem azado estou para dar a regra para os jogos. Senhora D. Guiomar Coutinho! Bem vos tinha eu dito que os vossos salões não tinham dama, que fosse minha!... E' pena!... assim repellido aos vinte e cinco annos!...

D. Guiomar

Será vossa a culpa, cavalleiro!

D. Guterres

Pois se é minha a culpa, bom é que eu a expie... n'esta solidão... Comecemos, pois, com este lindo folgar dos amantes... Eu aprenderei de vós outros, felizes cavalleiros, a requestar uma dama, que me não deixe só na hora dos brinquedos... Tocai, menestreis!

(*A musica executa, e é pouco depois suspensa, com a entrada do mordomo Affonseca*).

SCENA ULTIMA

OS MESMOS E AFFONSECA

Affonseca

Não principieis ainda.

Alguns cavalleiros

Que má nova trazeis?!

Affonseca

Não é má, segundo creio. Um embuçado, que não onheci, mas que a meu vêr muito experimentado é

nos andaimes d'esta casa, veio ter-se comigo, e assim me disse: «Mordomo! vai á sala do festim, e diz á snr.ª D. Guiomar Coutinho, que um cavalleiro, que muito a estima, lhe dá os emboras do seu casamento» — Poderei dizer-lhe o nome que tendes? — perguntei eu — «Não! — respondeu elle — mas dai-lhe este annel, que vale tanto como o meu nome... dai-lh'o como prenda de esposada» — Dito isto... ausentou-se. O annel aqui o tendes, senhora D. Guiomar Coutinho.

(*D. Guiomar recebe o annel. Encontra a senha que déra para o assassinato do Marquez de Torres-Novas. Solta um grito de horror; a isto succede a estupefação dos circumstantes, e cahe o panno*).

SEGUNDO QUADRO

Vista da sala d'armas; — uma lampada pendente derrama um brusco clarão sobre o verniz de algumas armaduras pendentes das paredes — Ha escabellos grosseiros ao correr da scena, e portas lateraes, com supposta communicação. Observe-se que a luz não deve allumiar a parte mais remota da sala.

Ezequiel, *como o vimos no 1.º quadro, entra, reparando minuciosamente nas armaduras.*

Eis-me aqui na sala d'armas do marquez de Marialva! Portugal! (*com ironia*) terra de valentes homens! Vem-se aqui admirar os tropheos d'esta gente. Isto são armas christans, lanças e adagas tintas do sangue do mouro, e do indio... E' a gloria do cavalleiro do Christo!... O sacerdote do crucificado, se não tem uma sala d'armas... tem o pôtro salpicado de sangue do judeu...

Gloria a elles todos!... (*Deita-se no escabello mais aproximado dos espectadores. Muito concentrado*) Perguntai ao homem, por que traz n'um riso aos labios todo o fél do coração!... Quizera aqui recordar-me de toda a minha vida... eu precisava de chorar... e... não posso! —(*senta-se*) Meu pai, e minha mãi... minhas delicias da mocidade... no que parou á minha vida!... que morte eu tive tão desgraçada!... (*Levanta-se*) Despenharam-me n'este abysmo... corromperam-me o coração... Foi uma guerra cruenta que a sociedade me fez... Roubaram-me a minha familia... soccorri-me de joelhos ao amor de uma mulher... pedi-lhe que me não quebrasse o derradeiro vinculo da existencia... e essa mulher desprezou-me! Que sou eu aqui n'este mundo sósinho!? (*Senta-se, como embebido em profundos pensamentos*) Maria de Noronha! (*baixo*) Maria de Noronha!!... devia-te ser cara esta traição! Oh! empenhaste a tua vida nos teus juramentos... foi um jogo em que tu perdeste... E depois... fizeste-me um reprobo... e aguçaste continuamente o punhal que te vai rasgar os encantos do seio, e a perfidia do coração... (*Descahe n'uma prostração momentanea*).

SCENA II

D. GUTERRES E EZEQUIEL

D. Guterres

Ainda aqui Ezequiel.

Ezequiel

E's tu?... então?!...

D. Guterres

Nos salões vai uma espantosa desordem! Começavam-se as danças, quando o mordomo de D. Guiomar lhe entregou um annel...

Ezequiel, *com transporte.*

Um annel!

D. Guterres

Sim, um annel... dado...

Ezequiel

Dado... por quem?

D. Guterres

Isso é o que se não sabe... O mordomo disse ser um cavalleiro embuçado...

Ezequiel, *meia voz.*

Uma indiscrição!... (*alto*) E agora... transtornaram-se os planos, não é assim?

D. Guterres

Creio que não... pelo contrario, esta desordem favorece os planos dos fugitivos... Elles hão de valer-se da confusão para por mais tempo serem desapercebidos...

Ezequiel

Vamos: a que horas é a fuga?

D. Guterres

E' o que ao certo não posso dizer-te. A' meia noite era o plano, mas o maldito annel veio transtornar... Espera... Eu vou para os salões observar o que vai: tu deves estar por aqui;—ao rez d'aquella parede atra-

vessa um corredor. Mal Fernando de Castro me avisar que sahe, eu venho áquelle corredor, e dou-te um signal...

Ezequiel

Que signal?

D. Guterres

Espera... deixa-me lembrar... Ah! o signal é este (*batendo uma pancada forte no copo da espada*) tu respondes-me com o mesmo signal... Depois colla o ouvido á parede, e escuta o que te eu disser.

Ezequiel

Maravilhosamente, maravilhosamente!

D. Guterres, *sahindo.*

Vêr-nos-hemos ámanhã, Ezequiel, na taverna de Pedro Gil.

Ezequiel, *profundamente triste.*

Espera... Não sei se me verás... O sol de ámanhã não nasce para mim. Attende-me. Eu tenho uma familia errante sobre a terra. Tu conheceste meu pai, e minha mãi, e meus irmãos. De varios portos da Europa tenho havido noticias d'elles: hoje não sei se estão na Italia, mas caminho de lá parece que era o d'elles na data da ultima carta. Esta gente espera abraçar-me um dia, depois de uma vingança espantosa. A hora da vingança chegou, mas a do abraço nunca chegará... D. Guterres! Eu devo morrer hoje...

D. Guterres

Que dizes, Ezequiel!?...

Ezequiel

Por Deus, não me interrompas! Eu devo morrer hoje,

e quero as lagrimas de meu pai e minha mãi, porque não tenho outras. Quero um favor teu á hora da morte... Diz a essa familia infeliz... manda dizer a essas victimas desterradas, que Ezequiel não vive já... Diz-lhe que o seu primeiro e derradeiro crime foi um assassinio... Diz-lhe que o sangue da criminosa me borrifou a cara, mas que os meus labios ficaram puros, pronunciando, no estertor da morte, o nome de meus pais... Guterres! eu tenho muito ouro!... Debaixo d'essas palhas, onde tres annos esperei a hora da vingança, acharás muito ouro... Distribue-o por esses meus desgraçados irmãos na crença, que gemem escravos em Portugal!... Desce, em nome da tua religião e da minha, a essas sentinas onde se revolve a raça maldita dos homens! Dá ao desgraçado, que morrer á mingua de pão, o obulo, não roubado, mas adquirido pelo suor de meus avós!... Guterres! (*com voz tardia e quebrada*) Deus permitta que esta supplica do judeu não seja em vão!...

D. Guterres

Não o será... eu t'o juro, homem incomprehensivel!

Ezequiel

Incomprehensivel! Tens razão... E' verdade!... eu não me comprehendo!... Vai-te... adeus, D. Guterres (*muito commovido*).

(*D. Guterres sahe*).

SCENA III

EZEQUIEL *e depois o* MARQUEZ DE TORRES-NOVAS

Ezequiel

Cuidava eu que o dia da vingança seria o do prazer

para esta alma sequiosa de sangue!... Enganei-me! Tenho tanto horror á vida como ao crime!... Saudades do mundo não as levo, mas fica-me cá uma vida, que eu devera viver feliz!... Este braço... sinto fraqueal-o!... nem logo poderei com um punhal!...

(*Sentindo passos, embuça-se e procura o escuro da sala*).

Marquez, *tambem embuçado, e espreitando com desconfiança.*

Aqui... estarei seguro... foi a Providencia...

Ezequiel, *sem se mover.*

Não agradeças á Providencia o auxilio do crime, cavalleiro christão!

Marquez, *sobresaltado.*

E's tu, Ezequiel?

Ezequiel, *aproximando-se.*

Sou eu, D. João d'Alemcastre. . Deixa-me vêr o annel que te dei.

Marquez

Deve possuil-o quem t'o deu.

Ezequiel

Foi uma imprudencia.

Marquez

E' verdade, e que me está sendo bem custosa.

Ezequiel

Que tem havido?

Marquez

Tem sido procurado o perturbador dos folguedos. Va-

leu-me a protecção do mordomo; cheguei a medir a preza de bem perto, mas Guiomar está rodeada de cavalleiros... não pude tocar-lhe. Esperei-a na sua camara, ouvi passos, alguem entrou, era D. Fernando de Castro e D. Maria de Noronha. Senti-os beijarem freneticamente...

Ezequiel

Inferno!

Marquez

E, depois, emprazaram a fugida...

Ezequiel, *rapidamente.*

Emprazaram... quantos minutos?!

Marquez

Não sei. Sahiram, e eu sahi... Guiou-me para aqui o mordomo. . Eu tenho a cabeça perdida, Ezequiel!... Andei perdido n'esses corredores, que, mais d'um anno, corri sem luz... Não sei agora o que faça... hoje é a ultima noite... manhã estão casados... Aconselha-me, Ezequiel!... Eu vou abrir um caminho com o punhal até poder tocal-a...

Ezequiel

Espera!... O teu juramento foi vão e inutil. Vingança... hoje... tenho-a eu só. Tens liberdade, marquez; espera melhor ensejo. E' impossivel!... hoje... é impossivel... (*Vê-se grande clarão*) Olha... elles approximam-se... procuram-te... fujamos... depressa...

SCENA V

Alguns cavalleiros e pagens com brandões accesos entram na sala: observam os cantos, e alternativamente dizem uns aos outros:

—Era algum fantasma!

—Aqui nada vejo.

—Nem eu.

—Por aqui tambem não.

—Vamos embora.

—Fernando de Castro? que é d'elle?

—Sumiu-se.

—E Guterres?

—Não veio.

—Ora venham cá.

(*Os cavalleiros acercam-se d'este, que os chama á bôca da scena, e os pagens arredam-se para o fundo da sala*).

—Que pensaes vós d'aquelle annel?

—Eu não sei. (*todos, encolhendo os hombros*).

—Andará alli obra do marquez de Torres-Novas?

—Não... o marquez fugiu do carcere, mas deixou uma carta que justifica a innocencia de D. Guiomar. Bem a ouvistes lêr, como eu.

—Lá isso é verdade!

—Então que Satanaz trouxe alli aquelle annel!

—Isso agora...

—O tempo responderá... Vamos espreitar, e aquelle primeiro que descobrir a intriga não fique com o segredo.

Todos

Boa palavra! vamos espreitar.

(*Sahem*).

SCENA V

AFFONSECA, *com uma lanterna, e depois o* MARQUEZ DE TORRES NOVAS

Affonseca

O desgraçado devia fugir para aqui. Permitta Deus que o não encontrem... Que cadeia de infelicidades... que futuro tão negro começa esta noite para tantos criminosos e innocentes... Se Deus me levasse d'este mundo!... Onde acharei eu o infeliz?!... Quem sabe... talvez na albergaria!. . talvez.

(*Vai a sahir e encontra-se com o marquez*).

Ah!... sois vós... snr. D. João?!...

Marquez

Procuravas-me com anciedade, amigo fiel?... (*abraçando-o*) E's o meu segundo pai... devo-te muito amor, e mal t'o pago com este abraço filial...

Affonseca

Senhor! dais-me uma prova d'esse grande amor?... pagais-me essa divida de muita amisade fiel e paternal?... Ide-vos... eu vol-o peço, senhor!... Não angustieis mais este viver terrivel que aqui vai n'esta casa...

Marquez, *ironico.*

Entendes, amigo, que devo cruzar os braços, e ser a testemunha impassivel do casamento da adultera com o infante? (*silencio de momentos*) Falla, Affonseca! O marido de Güiomar Coutinho, o desterrado por ella, o innocente arrojado a um carcere por sua mulher, o condemnado a um degredo perpetuo, o homem cuja vida

foi pesada pelo ouro de sua mulher... eu que ainda sinto ferver-me o sangue, porque não estou morto, e porque não estou cadaver lançado ao Tejo por ordem de D. Guiomar Coutinho... queres tu, mordomo, que eu não perturbe o folgar innocente dos cavalleiros... a paz domestica... o lindo futuro dos desposados?...

Affonseca

Perdoai-lhe, senhor D. João!

Marquez, *irascivel.*

Fallaste de perdão, homem!? Deixa-me, que já não posso ouvir-te... Perdão! perdão para Guiomar Coutinho!? Vai-te, que me acordaste no coração o tigre da ferocidade!

Affonseca, *com muito sentimento.*

Deus vos perdôe... senhor marquez!...

Marquez, *serenamente.*

Homem! eu respeito os teus annos, e devo-te muito! Quero ouvir-te... Conheces-me desde menino; viste-me florir o coração aos primeiros affectos; animaste-me a um casamento clandestino com essa mulher que vai manhã casar-se; viste-me arrojado por ella ao desterro... seguiu-se a infamia da deshonra... Guiomar Coutinho atirava-se aos braços de um amante, quando eu, por noites tormentosas de saudade, chorava o meu degredo, como choram os que soffrem innocentemente... Viste-me tornar fugitivo á minha querida patria... queria morrer n'ella... morrer, onde Guiomar me chorasse... Vim encontral-a adultera... Nenhum homem matára uma mulher com tanta justiça... Ergui o punhal... o golpe era mortal... encontrei-te entre o punhal e a vi-

ctima... A perfida mostrou-se contricta... as tuas lagrimas salvaram-n'a... eu tinha-lhe perdoado, por que a infame me bradou «*eu ainda sou tua!*» Fui preso por ordem d'ella, fui lançado n'um carcere, fui condemnado n'um tribunal...

Affonseca

Oh senhor!

Marquez

Espera!... Guiomar prodigalisou ouro a um assassino... Antes da minha morte a ferro frio, este punho devia assignar a justificação d'essa mulher horrorosa. Salvei-me!... estou aqui no palacio d'ella... na vespera do seu casamento, nas suas bodas... Affonseca! que queres tu que eu faça a esta mulher?!

Affonseca

Senhor D. João!... Jesus Christo perdoou aos seus matadores!...

Marquez, *severo.*

Deixa-me!... Estás bem pago dos teus favores... Fazes-me amargar com palavras brandas todo o fél da minha existencia!... Não venha o nome do Christo manchar-se nas torpezas do mais vergonhoso crime!... Affonseca! eu dei a alma ao demonio da vingança!...

Affonseca

Santo nome de Deus!...

Marquez

Vejo um vulto... sahe... não quero que vejas este homem...

Affonseca

Deus tenha compaixão de todos nós!...

(*Sahe*).

SCENA VI

EZEQUIEL E O MARQUEZ

Ezequiel

E' necessario trocarmos as posições, amigo marquez. A sala d'armas é minha; aqui está a minha vingança; o meu leito de morte é este chão; e o thalamo da fementida é aqui na sala d'armas de tua mulher. Eu quiz que nos vingassemos ao mesmo tempo... eram quatro almas que se atiravam juntas ao inferno!... Não póde ser... Hoje não te vingas... ámanhã quem sabe se o algoz te baterá á porta de um carcere...

Marquez, *com serenidade.*

Ezequiel! eu te juro que não baterá!

Ezequiel

O peior é que Ezequiel não poderá salvar-te!... Franqueou-te o braço, João d'Alemcastre! Imprudente, entraste no salão dos festins... era impossivel que a preza te não fugisse... Se eu visse Maria de Noronha, como tu viste Guiomar Coutinho!... se entre mim e ella eu não tivesse mais que derrubar alguns cortezãos frouxos e afeminados!

Marquez

Mas a adultera ainda ahi está n'esses salões... a noite tem ainda algumas horas... e eu só preciso um momento... Adeus, Ezequiel!...

Ezequiel

Espera, João d'Alemcastre... (*com muito sentimento*) Nós não nos tornamos a vêr...

Marquez

Que dizes, Ezequiel?!

Ezequiel, *concentrado.*

Fui nobre em muitos sentimentos; mas a paixão do amor dominou-me. Amante como ninguem... amigo como ninguem... tu sim, marquez... bem sabes como eu fui amante e amigo!... Ainda bem, que veio comigo ao tumulo a consciencia pura de ter feito grandes honras á amisade... João d'Alemcastre!... eu salvei-te da morte... e que morte tão triste!... Quando eu te salvava, não encontrei braço de homem que me salvasse a mim!... Fui infeliz como homem nenhum o foi! Quem podia salvar-me era ella... Não lhe morderam os remorsos na consciencia... riu-se da impunidade... e não teve para mim compaixão nem odio... Era a serenidade da indifferença... mais amarga que o fél do despreso!... Não quero recordar-me!... Lá vai perdido tudo!... D'aqui ao sepulchro as minhas forças de vida resumem se todas na mão que deve apertar um punhal!... Mas antes d'isso... antes que estes braços sejam manchados de sangue impuro... dá-me um abraço, homem desgraçado!... dá-me um abraço... (*abraçam-se*) sente as ultimas pulsações do teu amigo... e chora-me, depois... que eu tenho direito a uma lagrima tua.

Marquez

Tu intentas o suicidio!... oh! não sejas fraco, Ezequiel!...

Ezequiel, *sorrindo.*

Fraco!—fraqueza de quem olha orgulhosamente para villezas da terra!... Fraco!... Chamas-me fraco,

D. João?!... Eu, que podéra afogar o remors no mar immenso dos deleites que o meu ouro me daria!... eu, que venho de fazer o papel de mendigo na sociedade para chegar ao supremo orgulho do que se vinga!... Eu não sou fraco... diz-m'o a razão que o não sou! Tenho crenças na eternidade... Se o suicida tem de ser atormentado no inferno... eu acceito as dôres do inferno, e rejeito as d'este mundo á custa d'uma existencia infame... Sou corajoso, marquez!... corajoso como o que acha mesquinho o soffrimento da terra para expiar um crime...

Marquez

Pela nossa amisade, ouve-me, Ezequiel!...

Ezequiel

São tardias as tuas reflexões... Deixa-me... preciso de ficar só... Adeus! (*abraçando-o estreitamente*) Adeus! Adeus!

Marquez

Oh meu amigo!... Eu te seguirei na morte!... Desgraçados!... desgraçados de nós!...

Ezequiel, *desenlaçando-se d'elle.*

Mais brio, D. João! Nada de lagrimas para homens que querem sangue...

Marquez

Oh! sim! sangue! sangue!...

(*Sahe arrebatado*).

SCENA VI

Ezequiel *só muito recolhido em si.*

Calai-vos, dôces recordações do que eu já fui!... Cala-te, remorso, que o meu tormento tem sido incomportavel!... Deus de Jacob!... eu sou um reprobo!... Eu não pude com a minha dôr... Sustive-me em quanto pude á borda do despenhadeiro, a religião não me valeu!... O crime está-me escripto na fronte... e eu quero morrer amaldiçoado!

(*Ouve-se rumor de gritos no interior... Vozes destacadas* Está salva!—Prendam esse homem! Por aqui!... Vejam bem!—Aqui vai—*Vai-se aproximando o clarão das luzes. Ezequiel retira-se. Cavalleiros e pagens atravessam com archotes, bradando*—Veio para aqui—A' albergaria!—*e ultimamente todos*—A' albergaria! *O salão volve ao silencio e ás trevas. O marquez de Torres-Novas segue-os, sobresaltado.*

SCENA VII

MARQUEZ, *e uma voz occulta.*

Marquez, *em desesperação.*

Maldição! Parece que um demonio me destroe a minha vingança!... Um palmo... Um palmo só, e ella seria um cadaver agora!... Ezequiel! (*chamando a meia voz*) Ezequiel! oh! esta situação é terrivel... Serei eu preso... preso eu!... que vou consumindo inutilmente os escassos momentos de liberdade!...

(*No corredor, justamente o indicado por Guterres o signal, dá-se uma pancada bem soante nos copos*

de uma adaga. O marquez sobresalta-se, e como por instincto de defeza, lança mão á sua adaga, que, na pancada, produz um som igual ao do corredor).

Estou preso!... animo!...

(*Segue-se outra pancada no corredor: o marquez desembainha a adaga.*

Voz, *no corredor.*

Escuta, e prepara-te. Elles aproveitaram-se da desordem que vai no salão, e vão fugir. D. Fernando diz-me agora mesmo que mande aproximar os cavallos... Espera... sinto passos no corredor... distingo um vulto de branco... é ella... prepara-te!...

Marquez, *comsigo*

Que palavras foram aquellas?!... Que D. Fernando vai fugir... que ella vem para aqui!... Eu tenho perdida a cabeça!...

SCENA VIII

O MARQUEZ E D. MARIA DE NORONHA

Marquez, *reparando.*

E' verdade!... eu vejo um vulto... não distingo bem... parece-me ella... (*affasta-se para o mais escuro*).

D. Maria, *voz tremula e sumida.*

Fernando! Fernando!... já aqui estás?...

Marquez, *meia voz.*

E' Guiomar!...

D. Maria

Que medo, meu Deus!... Fernando!... meu querido Fernando!...

(*O marquez, rapido e arrebatado, corre a D. Maria, que palpa as paredes do salão; e quando ella outra vez repete a invocação*—Fernando! *trava-lhe do braço, ella solta um grito de terror, é dobrada para o chão, e recebe uma punhalada. O marquez curva-se sobre a moribunda, e com terrivel expressão lhe brada:*

—Guiomar Coutinho! o espectro do salão era o marquez de Torres-Novas. As ondas do Tejo restituiram-te o marido e o algoz!

(*Sahe apressadamente*).

D. Maria, *apoz alguns momentos de silencio.*

Virgem... nossa Senhora!... perdoai-me!... Eu morro! Fernando!

SCENA IX

EZEQUIEL, *e depois todas as damas e cavalleiros que vimos no primeiro quadro, menos D. Fernando de Castro.*

Ezequiel, *que não vê o cadaver.*

Aquelle homem perdeu tudo!... Nem eu nem elle!... O terror espalhou-se nos salões... Dou um adeus á minha vingança d'hoje... (*tropeça no cadaver*) Quem está aqui?!... E' uma mulher! (*apalpa*) sangue!... está morta!... que é isto, meu Deus!... As feições são as d'ella... Uma luz, uma luz!...

(*Damas e cavalleiros, entre estes D. Guiomar Coutinho e o infante D. Fernando. Os pagens trazem archotes, e acham Ezequiel, curvado sobre o cadaver*).

Um pagem

Eil-o, eil-o aqui, snr. infante!... Um cadaver! uma mulher morta... é a senhora D. Maria de Noronha.

Grito geral de terror. As damas vão ajoelhar junto do cadaver, que tentam levantar.

Ezequiel, *ergue-se e falla com a placidez furiosa d'um demente.*

Quem foi o assassino de D. Maria de Noronha?

Vozes

Tu, tu, infame!

Ezequiel

Quem foi o assassino de D. Maria de Noronha?

Infante

Quem és tu?

Ezequiel

Ezequiel—o judeu!

Vozes

Judeu!

Ezequiel

Mas não sou o assassino!

Vozes

Morra, morra o assassino!

(*Ezequiel rasga o albornoz e expõe o peito.*)

Infante, *para os cavalleiros que ameaçam Ezequiel.*

Suspendei-vos!... (*para Ezequiel*) Tu mataste esta dama, coração de tigre?

Ezequiel, *serenamente.*

Devia matal-a; mas não a matei.

Infante

Cavalleiros! prendei este homem. Sua real senhoria fará tremenda justiça.

(*Os cavalleiros acercam-se d'elle, que velozmente bebe veneno d'um vidro que tira do seio.*)

Ezequiel, *para os cavalleiros.*

Affastai-vos!—deixai cahir desamparado neste chão o meu cadaver! Está ahi morta a mulher que me matou... dai-lhe embora a ella um tumulo de marmore... queimai o meu corpo, e atirai as cinzas ao Tejo!... D. Guterres!

D. Guterres, *á parte.*

Oh meu Deus!

Ezequiel

D. Guterres!... onde estás? não tremas do judeu... (*vai-lhe a voz desfallecendo; as agonias, pouco depois, vem cortar-lhe as palavras.*) Aqui tens o cadaver da mulher que amaste!... Fernando de Castro! desgraçado... eram tres os trahidos... mataram-t'a!... Senhora D, Guiomar Coutinho! este veneno abraza-me as entranhas... não façaes beber a alguem aquelle que me pediste... Não temaes, senhora!... eu tenho compaixão de vós... não serei o vosso juiz á hora da morte... (*cahe de joelhos diante do cadaver*) Guterres! Guterres!... dá-me os teus braços!... deixa-me repetir-te uma supplica... Olha aquelle ouro... soccorre os desgraçados. Olha a minha familia... Adeus... Meu pai... meu pai...

D. Guterres, *meia voz.*

Que martyrio!...

Ezequiel, *nos ultimos paroxismos.*

Eu... déra-lhe a vida... se podesse... Está morta... não posso... O demonio da vingança... Eu morro... meu Deus!...

Ezequiel expira nos braços de Guterres. Ouve-se um dobre a finados.

FIM DO 5.º E ULTIMO ACTO

EPILOGO

CINCO ANNOS DEPOIS

Vista de rua. Ao fundo, abre-se a portaria do palacio de D. Guiomar Coutinho. Luz frouxa de lampião allumia bruscamente o pateo espaçoso para o interior do edificio. Ha uma longa escadaria que tem de vêr-se depois.

E' noite. Dobram os sinos a finados. Alguns cavalleiros vestidos de dó, e frades de S. Francisco entram mudos e tristes no portal do edificio. Os derradeiros cavalleiros, que são dous, e que designaremos, por 1.º e 2.º, sombrios de tristeza e terror entram na

SCENA I

DOUS CAVALLEIROS

1.º

Bem diz o povo que a maldição de Deus cahiu sobre esta familia!

2.º

Anda aqui grande peccado!... A ira de Deus é justa e immensa!...

1.º

Em menos de tres mezes quatro tumbas!!

2.º

E não tardará a quinta, que D. Guiomar não vai longe?...

1.º

Tu não viste o que foi de horrivel ha 5 annos naquella noite do casamento do infante?!

2.º

E' verdade... a morte de D. Maria de Noronha... o suicidio do judeu que a matou... aquelle annel que ninguem sabe o que foi...

1.º

Pois ahi tens... Eu nunca pude acabar comigo uma suspeita diabolica... D. Guiomar Coutinho era casada!...

2.º

Isso é falso... Não viste aquella carta, escripta pelo marquez de Torres-Novas, quando se fugiu do carcere?!...

1.º

Vi, vi, e que tem lá isso? A vingança de Deus é um segredo para nós... Assim m'o disse o nosso antigo companheiro d'armas, Fr. Guterres, tão sabedor hoje de livros, como então o era do jogo das armas...

2.º

E' verdade. . D. Guterres!... que cavalleiro elle foi tão apaixonado de damas e batalhas!... no que aquella vida deu!...

1.º

Foi tambem nessa noite fatal!... Desde aquellas mortes ninguem mais o viu... os cabellos fizeram-se

lhe brancos; está um velho, que mette dó ouvil-o chorar... e ninguem sabe porque chora!... Visita os servos judeus pelos hospitaes e pelas albergarias; dá-lhes com mão larga dinheiro, que por ahi se diz que vem de Deus! do seu... certo é que não, que o não tinha... Em fim... mysterios do céo... Vamos cumprir os ultimos officios d'amigos...

2.º

Que muito o fomos desse homem que, viçoso de annos e venturas, deu na terra do sepulchro com uma vida, que tantas saudades aqui deixou!...

SCENA II

FR. GUTERRES, *da ordem franciscana, outr'ora o cavalleiro* D. GUTERRES, *sahe da portaria, macerado, e com cabellos brancos.*

D. Guterres, *só.*

Cinco annos depois encarei de face a face as testemunhas do meu crime! Vi um ataúde, e o crepe negro, e o brandão dos finados, na mesma sala onde espiei a mulher que devia morrer. Ouvi gemidos... recordei todo o horror do meu crime... pedi coragem á minha alma para não gritar diante da côrte... «*Eu sou um traidor! Eu sou um assassino!*» As minhas mãos não estão salpicadas do sangue da assassinada.. mas foi com estas mãos que eu a expuz aos golpes de punhal... Eu fiz um matador... instiguei a colera de Ezequiel para assassinar Maria de Noronha!... Eu fiz um suicida... Vi os dous cadaveres a meus pés... sorri um dia no calor da vingança... Depois... cinco annos horrorosos, debaixo d'esta tunica... e não tenho animo

de pedir perdão a Deus! O juramento que dei de distribuir pelos judeus escravos o dinheiro daquelle desgraçado... é a recordação incessante do meu crime... é um poste onde me amarrei voluntariamente para ser castigado pelas disciplinas de ferro do remorso!.. (*Ouve-se o murmurar longinquo do «de profundis» entoado lá muito no interior do edificio*). Eu não posso ir alli misturar a minha voz nas preces de alguns justos!... Tremo que os tormentos da alma me subam á face... Eu sei que morro amaldiçoado de Deus... mas diante dos homens hei-de esconder os meus crimes...

SCENA III

O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS *com as barbas longas e quasi brancas a cobrirem-lhe a maior parte das faces magras, e lividas. O seu olhar é sombrio e torvo. Demente, deixa-se cahir na abstração de fundas cogitações. Traja um velho gibão e chapéo aragonez: está completamente desarmado.*

O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS E FR. GUTERRES

Marquez, *sem attentar no frade.*

Foi á luz baça de uma lampada .. Era um clarão sinistro!... e o mais .. era a negrura das azas da morte, que esvoaçava naquelle salão!...

Frei Guterres

Que diz este homem!?

Marquez, *reparando.*

Frade! tu amaldiçoaste o filho do crime! Negaste-lhe a tua benção, e o homem de remorsos arrasta-se por ahi, a escorrer sangue, a rasgar-se nas carnes... Frade! ·doa-lhe!...

Frei Guterres

Que dizeis, irmão?! onde está o criminoso que invoca o perdão de Jesus Christo?

Marquez

Foi á luz baça de uma lampada!... A innocente morreu... o punhal tem sangue immaculado... este sangue brada justiça ao céo.. Frade! houve um assassinio tremendo!...

Frei Guterres, *meia voz.*

Jesus! eu tremo de ouvil-o!...

Marquez

Foi á luz baça de uma lampada!... O matador vergou aquella mulher para o chão... rasgou-lhe o seio... matou-a... ella deu um grito estridoroso .. Escuta! .. não ouves esse grito? é a innocente a morrer.

Frei Guterres

Eu estou sendo atormentado!... Este homem é o enviado de Deus... Perdoai-me, Senhor!...

Marquez

Não ouviste o dobre a finados?... Quem foi a deshoras dar o annuncio da morte á torre do templo?... Fui eu... Frade .. fui eu que toquei aquelle hymno maldito!... E ella ainda vivia... ella... Guiomar... a adultera!...

Frei Guterres

Que ouvi!... Guiomar dizeis vós... Conheceis D. Guiomar?

Marquez, *soltando um riso louco e descomposto, e, depois, absorvendo-se no terror d'um grande crime.*

Essa mulher é casada duas vezes! Quem morreu... não foi ella... Eu matei uma virgem a ferro frio!...

Frei Guterres

Que mysterio, meu Deus!...

Marquez

Viu-se depois um espectro de vestes brancas por um salão d'armas, negro e pavoroso... Era Maria de Noronha...

Frei Guterres

Ah! (*leva as mãos aos cabellos hirtos.*)

Marquez

Tu choras pela innocente?! Coitadinha!... fui eu que a matei!...

Frei Guterres

Homem!... quem és tu?...

Marquez

Foi... ha muitos annos... á luz baça de uma lampada!... matei uma innocente!... (*Ajoelha*) perdão, homem de Deus!... matei a esposa d'um cavalleiro... A adultera está viva!...

Frei Guterres

Calai-vos!... calai-vos!...

(*O marquez conserva-se de joelhos com a face entre as mãos.*)

SCENA IV

OS MESMOS E AFFONSECA

Affonseca

Encontrei-o!... Graças, meu Deus! (*vai abraçar o marquez*) Senhor! vinde comigo pelo amor de Deus (*reparando no frade*) Dai-me a vossa benção, servo de Nosso Senhor!...

Frei Guterres

Deus vos abençôe, honrado ancião!... Olhai, vinde aqui ouvir-me duas palavras — (*chama-o separando-o do marquez*) Quem é este homem? (*Affonseca fita os olhos no chão e cruza os braços sobre o peito.*)

Marquez

Foi á luz baça de uma lampada... «Este chão será o thalamo de Maria de Noronha... aqui está o meu sepulchro!...» Disse-o Ezequiel... e Maria de Noronha... matei-a...

Frei Guterres

Irmão! em nome de Jesus Christo, dizei-me quem é este homem?!...

Affonseca

Ninguem, senhor!...—é um doudo!... coitadinho!... é um doudo!...

Marquez

Frade! tu já não podeste abençoal-a!... Morreu a ro frio... não lhe cerraste a maldição nos labios... a amaldiçoou-me em nome do Eterno... e eu ando ui arrastado, como a serpente esmagada na cabeça!...

Frei Guterres

Oh meu Deus!... Affonseca... este homem quem

é?... Por piedade, por misericordia dizei-me o seu nome... que eu morro de anciedade!...

Affonseca

Não posso, senhor!... não posso, Fr. Guterres!...

Marquez, *rindo-se descomposto*

Abri as portas do templo, sacerdotes de Christo! Abri as portas do templo, perfumai os altares, forrai esse chão de telas, entoai vossos hymnos, menestreis de D. João III! repicai nesses campanarios um dobrar festival!—Arautos! reis d'armas! passavantes! affastai o povo, que ahi vão D. Guiomar Coutinho e o infante D. Fernando a esposarem-se na presença de Deus! (*Descahe do transporte na frieza do rancor intimo*) Frade! tu santificaste um crime horroroso... tu abençoaste o casamento dessa adultera... e a adultera era minha mulher!...

Affonseca

Oh meu Deus!

Frei Guterres

Jesus! que é elle!... (*correndo para abraçal-o*) D. João d'Alemcastre!...

Affonseca, *impedindo-o*

Não augmenteis a sua penosa situação... Vereis as lagrimas correrem-lhe nas faces descarnadas!... Deixai-o por piedade, que tereis de chorar muito com elle .. Está doudo, Fr. Guterres, está doudo o infeliz João de Alemcastre!... Deixai-m'o levar d'aqui... Preciso affastal-o do sahimento!... Oh! Deus nos livre que ella o conhecesse!...

Frei Guterres

Não posso!... deixa-me ouvil-o um momento só!...

Este homem vive, meu Deus!... vive D. João d'Alemcastre, reduzido a tamanha miseria!...

Marquez

A adultera tripudiou sobre o cadaver da innocente!... Maria de Noronha foi amar os anjos celestes... elles esposaram-na, e os demonios do inferno travaram da minha alma, despedaçaram-me o corpo, escreveram-me o meu crime na face!... Foi á luz baça de uma lampada!... Oh meu Deus! meu Deus!...

(*Ouve-se o dobre a finados; o marquez cahe sobre os joelhos, esconde a face, e permanece nessa postura.*)

Affonseca

Fr. Guterres!—eu quero que este homem viva; póde ainda recuperar o juizo; não o assalteis com recordações, que o matam! Eu vos digo, em pouco tempo, a ultima desgraça do marquez de Torres Novas. Elle era casado, á face de Deus, com D. Guiomar Coutinho... Ella degradou-o, deshonrou-o, offereceu ouro a quem o matasse, e julgou-o bem morto, e o seu cadaver no fundo do Tejo! D. João d'Alemcastre vivia para a vingança do desesperado! Tentou matal-a no ultimo festim das suas bodas. Estava no salão d'armas de D. Guiomar...

Frei Guterres, *afflictivamente*

Desgraça!...

Affonseca

Tinha para lá fugido á perseguição dos cavalleiros e ıgens. Eis que D. Maria de Noronha, não sei por que ıtalidade, entra nesse salão, quasi escuro, ermo, nunca sitado por damas em noites de folguedos. «*Fernando!*» ˉadava ella; este era Fernando de Castro, o seu amante; ıs o allucinado marquez pensou que era ella D. Guio-

mar Coutinho, que vinha alli ter alguma communicação escusa com o infante... Aproximou-se della... não a ouviu... cravou-lhe o punhal... matou-a... e fugiu... (*Fr. Guterres, como exhausto de vigor, recosta-se ao hombro de Affonseca*) Que tendes, Frei Guterres?

Frei Guterres

Continúa... diz... e depois... não havia ahi um judeu, chamado Ezequiel?...

Affonseca

Esse judeu foi encontrado junto do cadaver do D. Maria de Noronha, e envenenou-se, perguntando a altos brados quem fôra o assassino de D. Maria de Noronha...

Frei Guterres, *ajoelhando*

Perdoai-me, meu Deus!... Perdoai-me, meu Deus!

Marquez

Foi á luz baça de uma lampada! A innocente morreu e o assassino vive!... (*Frei Guterres levanta-se horrorisado*) Frade! haverá perdão na terra para o matador de Maria de Noronha?

Frei Guterres

Oh! não! não! Nós não podemos implorar perdão!... Eu sou o assassino!...

Affonseca

Que mysterio!... Que enredo de crimes!... que será isto, Deus do céo!...

Dobram os sinos. No cimo da escadaria veem-se frades de S. Francisco, com tochas accesas, murmurando os psalmos costumados: vem descendo, e já desfilam pela

rua sem que ainda o esquife tenha apparecido. O marquez ajoelha machinalmente. Fr. Guterres cruza os braços, cobre-se com o capuz, e busca esconder-se ao sahimento. Affonseca, afastando-se para junto do marquez, exprime a sua agonia, escondendo a face entre as mãos; depois tenta erguer o marquez, que olha espantado para as luzes.

Affonseca

Sr. D. João d'Alemcastre! vinde, vinde, pelas cinco chagas de Christo!

Marquez

Ahi vai morta da punhalada do assassino a innocente! (*Ergue-se furiosamente*) Maria de Noronha! Abre-me essa tumba, e leva-me ao banquete dos vermes, nos teus braços hirtos!... Frade! (*os responsos continuam*) E' o cantico dos cherubins que ahi vai no sahimento da virgem que eu matei!...

Frei Guterres

Perdão! perdão! Deus de misericordia!

Assoma no patim da escadaria a tumba. E' trazida ao collo de homens e coberta de longos pannos de negro. Seguem-se mais alguns frades, como os primeiros, de tochas e capuzes enfiados. Quando a tumba atravessa o palco, o marquez, na postura de quem quer suspender o prestito, lança-se-lhe ao encontro; Affonseca suspende-o, e desvia-o de empecer o sahimento, que vai marchando compassado. — Ha um toque de campainha, e logo depois:

Uma voz

Rezai por alma de sua alteza, o senhor infante D. Fernando!

Marquez

Ah! *(E' um grito estridoroso, seguido de uma convulsão horrivel. Affonseca segura-o, e forceja em vão por desvial-o da scena. Segue-se o mesmo toque de campainha, e a mesma voz, já fóra do palco).*

Affonseca

Meu Deus! inspirai o coração do vosso servo! Lançai os olhos de pai sobre este quadro de desolação!

Marquez, *muito concentrado*

Rezai por alma de sua alteza o senhor infante D. Fernando!... Affonseca! Affonseca!

Desce D. Guiomar Coutinho. Traja uma tunica branca de longa cauda. Cobre-lhe o cabello longo capuz de vaso. Em torno, cavalleiros, damas e donzellas; vestidos de burel branco, e as cabeças cobertas de vaso. D. Guiomar Coutinho, vem nos braços de duas damas.

SCENA V

AS PESSOAS DESCRIPTAS NA ULTIMA NOTA
FREI GUTERRES, AFFONSECA E O MARQUEZ

Frei Guterres

Jesus! que desgraçado encontro!

Affonseca

Praza a Deus que elle a não veja!

D Guiomar, *para as damas com voz debil e de soluços*

Deixai-me respirar, pelo amor de Deus! Não posso... não posso... Desviai-me do sahimento... um bocadinho... um bocadinho de ar... que me sinto morrer...

ah! perdão, santissima Virgem! perdão, pelas vossas sete dôres!

(*As damas conduzem-na para o palco. O marquez tem sido extranho a esta chegada.*)

Affonseca

Senhor... senhor!... Vinde... vinde... eu vol-o imploro de joelhos!... (*ajoelha.*)

Marquez

Levanta-te, meu pai!—vai rezar um responso sobre o cadaver de D. Maria de Noronha!... Rezai por alma de sua alteza o senhor infante D. Fernando!... Inferno!

(*D. Guiomar dá um grito, desenlaça-se das damas mal firme, corre o palco em todas as direcções, encontra Fr. Guterres, e cahe-lhe de joelhos aos pés.*)

D. Guiomar

Senhor!... protegei-me!... que eu ouvi-lhe a voz... ouvi-lh'a... era a sua voz, homem de Deus!... Protegei-me, que eu quero salvar-me!...

Frei Guterres, *erguendo-a*

Senhora!... fugi... fugi... destes lugares!... fugi, por amor de vós, que está aqui vosso primeiro marido!... está aqui D. João d'Alemcastre!...

D. Guiomar

Aqui.... meu Deus!... ah!... (*cahe desmaiada, as damas erguem-a, e tomam-a no collo*).

Marquez, *aproximando-se de D. Guiomar*

Damas e cavalleiros! Vamos ao tumulo de Maria de Noronha deixar-lhe a corôa da virgem!... Rezai por

essa martyr!... que D. Guiomar Coutinho lá está no leito do adulterio a gravar uma nodoa infame no vosso sexo, damas virtuosas!...

Damas e Cavalleiros

Santo nome de Deus!

Marquez

Estes paços são meus... casei aqui depois das minhas batalhas... dependurei neste salão as minhas armas de cavalleiro de cem combates... Este é o salão d'armas... Aqui... aqui!... foi á luz baça de uma lampada!...

D. Guiomar

Fr. Guterres... acompanhai-me ao meu quarto... eu sinto-me morrer... preciso de vós... de vós... que não sois estranho... á vida da mulher mais desgraçada!... Ainda... naquella noite em que as minhas desventuras todas me foram annunciadas... quando Maria de Noronha...

Marquez, *fitando-a, espantado, e fallando-lhe como em segredo*

Maria de Noronha... essa está morta na sala d'armas de Guiomar Coutinho!... Buscai-a de vestes brancas, borrifadas de sangue, no canto escuro do salão!... A luz baça de uma lampada verte-lhe na face o clarão da tocha sepulchral!... (*Guiomar forceja por sahir: acena ás damas que a retirem; o marquez pega-lhe do pulso com delicadeza e gesto prazenteiro*) Tu foste amiga da desgraçada que eu matei?... queres chorar por ella?... queres chorar comigo? E tu quem és?... Conheceste a adultera?... Era a minha esposa!... amada como mulher nenhuma!... O demonio travou de

duas existencias... dilacerou-as!... Vistel-a nos braços do infante D. Fernando?!...

D. Guiomar, *reclinada mortalmente nos braços das damas.*

Meu Deus!... a morte!... matai-me!... que eu não posso... soffro tanto!... Frei Guterres!... Pedi a Deus pela mais desgraçada das suas creaturas!... Fr. Guterres!... Eu poderei... salvar-me?... poderei?

Affonseca

Oh justiça de Deus!...

Marquez, *na maior exasperação*

Calai-me esses hymnos do inferno, menestreis de D. Guiomar!... Sangue! sangue!... Tenho este coração rasgado fibra por fibra!... Rei de Portugal!... o mais leal dos teus leaes cavalleiros tem um escarro infamante na face!... Rei de Portugal!... um teu irmão cavou-me o sepulchro com o teu sceptro!... Affasta-te, algoz!... que eu matei uma mulher innocente!... *agarra furiosamente os cabellos; Affonseca ampara-o*).

D. Guiomar

Fr. Guterres!... acompanhai-me ao meu quarto... que eu sinto-me morrer... depressa... depressa... Fr. Guterres!...

Frei Guterres, *no centro, com uma firmeza de expressão que lhe dá as apparencias d'um inspirado*

D. João d'Alemcastre. Marquez de Torres-Novas!... conheceste D. Guterres de Paiva?...

Marquez, *recordando-se*

D. Guterres de Paiva... Vi-o no cerco de Masagão rasgar com a lança as hordas dos infieis... Oh! se

vi!... era um cavalleiro namorado... namorado... se era...

Frei Guterres

Namorado de Maria de Noronha... recordas-te, D. João d'Alemcastre?...

Marquez

Foi á luz baça de uma lampada...

Frei Guterres

Que mataste a victima de nós ambos!... Marquez de Torres-Novas!... o teu crime é perdoado no céo!...

Marquez

Na terra o cutelo do verdugo!... A eternidade... oh!... ahi!... o eterno terror do assassino!...

Frei Guterres

Ahi... o perdão de Jesus Christo!... mas tu tens a perdoar na terra, D. João!

Affonseca, *ajoelhando*

Sim, sim, senhor D. João!... Tendes a perdoar na terra, para que Deus perdõe no céo á mais criminosa, e á mais desgraçada das mulheres!...

(*O marquez encara-os ambos alternativamente, e parece ouvil-os com attenção.*)

Frei Guterres

D. João d'Alemcastre! Tua mulher... D. Guiomar Coutinho... debate-se nas agonias da morte!... Ergue as mãos... supplica um perdão neste mundo, e não acha quem lhe perdôe!... As portas do inferno abrem-se-lhe aos pés do seu leito de paroxismos, e não ha quem a salve!... Salvai-a, D. João!... Salvai-a, cavalleiro da Cruz...

(*O marquez estende os braços a D. Guiomar, para levantal-a. As damas ajudam-na, e recebem-lhe no colo a face que ella busca esconder de seu marido. Este toma de entre as mãos a face amortecida de Guiomar. Encara-a, convulsivo, e horrorisado das remeniscencias que lhe acodem: erra com a vista pelos circumstantes, chama Affonseca que o abraça; nos braços deste aponta, aterrado, para a mulher.*)

Affonseca

E' a infeliz Guiomar Coutinho... é ella, senhor D. João d'Alemcastre, que vos pede perdão com lagrimas de sangue!...

D. Guiomar, *quasi desfallecida*

Perdão... misericordia... marquez... marquez... por piedade... por piedade...

Frei Guterres

Ouvide-a.... D. João!... Ouvide-a!...

As Damas, *de joelhos com D. Guiomar*

Perdoai-lhe, senhor marquer!...

Frei Guterres

Ouvide-a... que a desgraçada expira-lhe nos braços!...

(*O marquez curva-se para reparar nas feições de sua mulher. Recua espavorido. Solta um grito de terror. Arrebatado, quer fugir. Affonseca, Fr. Guterres e os demais, embaraçam-o.*)

D. Guiomar, *expirando*

Meu Deus!... meu pai!... pelas vossas... chagas... Virgem Santissima!... pelas vossas... dôres... perdoai-me... perdoai-me... Jesus!...

Frei Guterres

Em nome de Jesus Christo, Redemptor, e Salvador dos homens! Em nome do cruxificado, que expirou na cruz das affrontas, pedindo a seu Pai, por seus matadores!... Em nome da corôa de martyrio, que tão fundo te rasgou de espinhos o coração... oh martyr do amor!... Eu te mando perdoar a esta mulher que se arrasta a teus pés a pedir um perdão!... (*Traz D. Guiomar que cahe aos pés do marquez*) Christão! Perdoa a D. Guiomar Coutinho, que vai sahir deste mundo, e achará as portas do céo fechadas para sempre.

Marquez

Levai-me á cabeceira da maldita de Deus e dos homens... eu lhe perdoarei...

Frei Guterres e Affonseca

Graças, meu Déus!...

(*Aproximam-se de D. Guiomar Coutinho.*)

Frei Guterres

Irmã!... D. Guiomar Coutinho!... abri o coração para receber o perdão de vosso marido!... Levantai os olhos para o martyr que vos perdoa!...

(*D. Guiomar está morta. Fr. Guterres apalpa-lhe o coração, que já não pulsa.*)

As Damas

Está morta!...

Frei Guterres

E' verdade!... O vosso perdão, marquez, não valeu á desgraçada!... Oremos todos por ella... que Jesus Christo lhe perdoe...

(*Ajoelham todos*).

FIM DO DRAMA

Dos *Annaes de D. João III,* compostos pelo elegante prosador frei Luiz de Sousa, trasladamos um capitulo d'onde o author tirou a idéa fundamental d'este drama:

Queixa-se o Conde de Marialva a el-Rey do Marquez de Torres-Novas. Dá-se conta da razão da queixa, e successo d'ella.

Com nova e estranha contenda entrou na Corte e diante delRei, neste principio de seu governo, o Conde de Marialva Dom Francisco Coutinho. Era o Conde hum dos primeyros senhores do Reyno, e que então mais valia por preço de pessoa, autoridade de annos, que passava de setenta: por grandeza de estado, por grossura de rendas e dinheyro. Des do tempo delRey Dom Affonso quinto, nenhuma occasião ouvera de guerra com Portugal em Espanha nem fóra della, em que não fosse dos mais arriscados por valor de braço, e dos mais lustrosos por magnificencia de companhia e despesa. Assi, em todas as materias de paz e guerra, era o primeyro voto deste tempo. De mais do estado de Marialva, poderoso de grandes terras e muytos vassallos, possuhia polla Condessa Dona Brites de Meneses sua molher o Condado de Loulé no Algarve, e tinha o cargo de Meirinho-mór do Reyno. Do que tudo era herdeyra huma só filha que tinha. Considerando isto elRey Dom Manoel, como era tão prudente, e sabio, tratou com elle dar-lhe pera seu genro hum de seus filhos, e assentarão que seria o Infante Dom Fernando seu filho terceyro: e sobre a promessa Real precederão contratos para o matrimonio aver effeito, tanto que o Infante tevesse idade competente.

Sendo o negocio publico, e juntando-se encarregallo elRey por sua morte ao Principe não só de palavra, mas por clausulas expressas de testamento, veo á noticia do Conde, que o Marquez de Torres-Novas filho mais velho do Mestre de Santiago, publicava que de muyto antes dos contratos delRey, estava clandestinamente casado com Dona Guimar, que assi se chamava a filha do Conde: e affirmava avella de pedir por justiça. Foy isto cousa que ferio o Conde no intimo da alma: sintindo igualmente tomallo tal successo sobre setenta annos, e esses cercados de infirmidades. Mas o que mais cuydado lhe dava, era imaginar que o descubrir-se o Marquez em tal tempo, ao que se não atrevera em vida delRey Dom Manoel, poderia ser em confiança de hum Rey de tão pouca idade como elle. E huma e outra cousa o trazião gravissimamente offendido e descontente. Em fim veo-se a elRey, e pedio-lhe quizesse ouvillo em conselho, e sendo admittido falou desta maneyra: «Já que as leys de Portugal devassarão o foro antigo de Espanha, pollo qual os cavaleyros aggravados d'outros pedião aos Reys, em lugar de offerecerem libellos, campos aprazados pera manterem com a lança suas querellas: beijarey as mãos a Vossa Alteza fazer-me justiça do Marquez de Torres-Novas: o qual contra minha vontade, contra as leys deste Reyno, e assento que elRey que Deos tem, vosso pay, tem tomado, pretende ser casado com Dona Guimar minha filha, chamando casamento legitimo aquelle que nem Deos ordenou, nem minha filha confessa: mas inventou somente sua cubiça, e a falsidade de quem o quer enganar. Não fizeram verdadeiramente mais afronta que esta os Infantes de Carrion ás filhas do Cide Ruy Dias, com quem eram casados. Porque se as deixarão no campo desemparadas, erão seus maridos; tomavam vingança de sy, e de sua honra propria, da qual podião uzar bem ou mal, como cada hum faz do seu. Menos he isto que diffamar huma donzella innocente, sem outra força de amor, mais que desejo de minha fazenda. Acudi, senhor, a demasia tão pesada. E não seja esta querella minha o primeyro exemplo de sem justiça vossa: pois tendes na terra lugar de Deos, pera ma não negardes. Entenda o Marquez que deixando elRey que Deus tem minha filha já desposada, nem ella podia querer outra cousa, senão o que

fosse seu serviço: nem o Marquez devera ter outro gosto. Trate Vossa Alteza este meu negocio, não como contenda e litigio de hum estado, inda que elle assi o pretende: mas como huma cousa de toda minha honra, contentamento da vida, e salvação da minha alma. Mas que falo de my? Infelices setenta annos, se sobre tanto sangue, como derramado tenho, em serviço de tres Reys vossos antecessores, ouver de duvidar de me valerdes em tamanho aggravo: aggravo que sendo todo meu, se bem se cuyda, he igual offensa de hum Rey, que ontem enterrámos, sendo em menoscabo da molher, que elle com muyto gosto escolheo pera nora, e desacato vosso, e dos vossos annos: pois essa molher he esposa de vosso hirmão: e deve cuidar quem pretende tirar-lha, que ou lhe quereis mais que a vosso hirmão, ou que a pouca idade vossa vos encurta os espiritos, e fará que soffrays vassallos insolentes e descomedidos.» Aqui se vio quanto poder tem a razão. Nacião as palavras do Conde de hum peito militar, sem mais estudo, ou concerto, do que lhes dava sua indinação e dor. Affirma-se que fizerão em elRey notavel aballo e magoa. E mostrou-a nos effeitos, por que juntamente mandou prender logo no Castello ao Marquez, e sahir da Corte ao mestre de Santiago seu pay. Mas era a causa ecclesiastica, e elRey muyto temente a Deos: e ainda que lhe tocava tanto por seu hirmão, não bastou isto pera que impedisse os termos judiciays. Com estes correo o Marquez no juyzo da Igreja a toda a força: allegando pera com elRey que sendo Principe lhe dera licença pera procurar estas vodas: e pera justificação do casamento juntando provas e testemunhos. Durou a causa em quanto o Conde viveo, que foy té o anno de 1529, e em fim reduzindo-se todo o peso d'ella á declaração e depoimento de Dona Guimar, foy dada entença contra o Marquez. Porque nem suas provas forão vidas por bastantes: nem o descargo da licença delRey, uando não tinha mais que dezeseis annos, se teve por legimo: antes por elle se lhe carregava culpa, por alcansada em tempo que a idade delRey era demasiado verde: e do Reyno não possuhia mais que esperanças. E pera que não ornemos a falar nesta materia, he de saber que o Infante isou, e elRey lhe deu o senhorio e titulo de Duque da

Guarda, e a villa de Abrantes com muytos outros lugares grandes: e teve filhos e tanto gosto d'elles, e da Condessa Infante, que lhe aconteceo subindo ambos huma escada, em tempo que andava pejada, lançar-lhe elle mão dos chapins pera que tevesse menos pena na subida. Assi o ouvimos aos antigos, gente digna de todo o credito. Mas que diremos aos juyzos de Deos? Alevantava-se hum dia o Infante estando na villa da Azinhaga: e disse desassombradamente pera quem o vestia: Sonhava-me esta noyte em Abrantes, e via sahir de minha casa tres tumbas cubertas de negro uma traz outra. Ao segundo dia lhe chegou recado de ser falecida a senhora Dona Luisa, ultimo penhor, que só tinhão, porque já então lhe eram mortos dous filhos varões. Era por Outubro do anno de 1534. Acudio depressa a consolar o Infante. Adoeceo logo e faleceo aos sete de Novembro seguinte. E a Condessa sua mulher foy apoz elle, sem se meter entre a morte de ambos mais tempo, que quanto ouve de 7 de Novembro até 9 de Dezembro. De sorte que em dous mezes e seis dias teve seu cumprimento o sonho das tres tumbas. Por que a primeyra, que foy da filha, sahio aos tres de Outubro, e a ultima da mãy em nove de Dezembro. Deste successo achámos memoria entre os papeis da Ordem de S. Domingos, tocantes ao Convento de Nossa Senhora da Consolação de Abrantes, que he desta Religião. Porque na Capella-mór delle forão enterrados todos tres. E a Condessa de Loulé Dona Brites, mãy e sogra destes Infantes, guardada pera ver tantos males juntos, enriqueceo com magnificencia Real o Convento, dando-lhe da sua Capella muyta prata: e de suas rendas duzentos mil reis de juro, que he o sustancial de que vivem aquelles religiosos. Assi o escrevemos na nossa Historia de S. Domingos, na fundação deste Convento. (1) Derão estas mortes assi repentinas grande occasião a discursos, querendo cada cabeça julgar por ellas a razão do casamento, por verem dentro de sinco annos não só mal lograda, mas perdida e apagada a illustrissima casa de Marialva, subida tão alto para sintir mais a queda. Ignorancia e cegueira do

---

(1) Cron. de S. Domingos P. 2. L. 6. C. 2 e 3.

entendimento humano, que se atreve a fiar dos seus palmos a medida do mar profundissimo dos conselhos Divinos: sendo assi que veremos nos annos adiante entrado este mesmo Marquez em desgosto quasi semelhante ao que quiz dar ao Conde.

FIM

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
— A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
— John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — Esgotado.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Esgotado.
32 — As netas do Padre Eterno, por A. Pimentel.

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — Esgotado.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
— Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
— Insulares, por Moniz de Bettencourt.
63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.

de,

vols.).

Raphael, trad. de Lamartine, (ed. de luxo).

Ao sol e á chuva.
Grande (A) Chimera.